ANO 38.º — SABADO, 25 DE OUTUBRO DE 1958 — N.º 12.889

Diario de Lisbõa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Educar a infância

Uma boa, uma verdadeira e completa educação deve começar na primeira infancia. Só assim a criança e o adolescente chegarão á idade de adultos na plena posse das qualidades e virtudes que de nascença possuam, e no domínio dos defeitos que a ninguém faltam, em maior ou menor grau.

Foi isto que João de Deus Ramos, com visão lucidissima e civismo de nobre e alto alcance, de muito novo compreendeu, estudando e meditando, visitando várias escolas estrangeiras, e preparando, longa e eficientemente, a criação de seus Jardins-Escolas, instituição mal compreendida e apreciada ainda no nosso País. Se o fosse, se o tivesse sido já, Portugal estaria também já dotado dos meios indispensáveis á existência de uma Sociedade, de uma Humanidade culta e civilizada em todos os seus aspectos, em toda a sua acção, e correspondendo, de facto, áquilo que valemos e merecemos valer aos olhos do mundo progressivo de hoje. Eis o motivo por que venho aqui registar a construção e inauguração de um segundo Jardim-Escola na Figueira da Foz, minha cidade natal (o primeiro deveu-se á iniciativa de meu Pai) que o dr. Manuel Gaspar de Lemos, cidadão insigne, ajudado pela população em peso, coadjuvado pela genehigiénicos lugares de aquele burrosa devoção de alguns beneméritos, e pela participação do Estado e da Camara Municipal, há poucos dias viu enfim erguer-se num dos mais lindos, arejados e go marítimo. Dir-se-ia que o acontecimento teve apenas importancia regionalista. Enganar-se-á quem o disser. Seja onde for, na mais pequena aldeia ou

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

Os cardeais ficaram isolados no Conclave

e a população de Roma aguardará amanhã após o primeiro escrutínio para a eleição do Papa

o sinal característico do fumo na chaminé do Vaticano

CIDADE DO VATICANO, 25 — Começou a reunião do Conclave. Com um lindo dia de Sol, os cardeais chegaram de manhã á basílica de São Pedro, para ouvirem a missa do Espírito Santo. Juntaram-se umas centenas de Romanos para verem os automóveis dos príncipes da Igreja transpor as portas da Cidade do Vaticano. Todos inquiriram pela ultima vez, qual dos prelados que entravam com as suas vestes escarlates, sairá com a sotaina branca, para deitar a bênção, do cimo da varanda da basílica, á cidade de Roma e ao Mundo.

A missa foi celebrada, ás 8 e 15, no altar da Cadeira, pelo cardeal Eugéne Tisserant, decano do Sacro Colégio. Os fieis repararam na expressão profundamente recolhida dos cinquenta e dois purpurados os quais isolando-se do Mundo, pedem a Deus, e só a Deus, que os ilumine quanto a uma escolha cujas consequências são capitais para a Cristandade.

Três pessoas trabalharam, durante cerca de dois meses, nestas peças das vestes que o novo Papa envergará, em cujo bordado se empregaram 600 gramas de ouro. A casa encarregada de confeccionar os ricos paramentos trabalha para o Vaticano desde 1790

Quatro cardeais viram-se impedidos, pelo seu estado de saude, de assistir á cerimónia na basílica: Carlos de Vasconcelos Mota, arcebispo de São Paulo; Ernest Van Roey, arcebispo de Malines; Thomas Tien, arcebispo de Pequim, exilado; e G. Grent, arcebispo-bispo do Mans. Afirma-se que foi por simples medida de precaução que os quatro purpurados foram solicitados a não sair da sua residência até entrarem esta tarde, no Conclave.

Imediatamente depois da missa, o secretário dos Breves, mons. António Bacci, exortou os cardeais a darem um chefe «á Santa Igreja romana e universal». Indicou as qualidades que este deve ter: «Um mestre, um pastor e um pai» — palavras em que muitos vêm um comentário ao reinado de Pio XII e ao que deverá ser o do seu sucessor. Pediu mons, Bacci que este pastor seja eleito «no tempo mais breve possível».

Na realidade, é impossível prever-se quanto tempo durará o Conclave. Calcula-se que seja menos breve do que aquele que elegeu Pio

(Continua na página central)

Compete à Lavoura cooperar

na solução dos seus problemas — disse o secretário da Agricultura

na inauguração do Grémio de Trancoso

TRANCOSO, 25. — (Pelo telefone). — Os srs. eng. Quartin Graça e eng. Saraiva e Sousa, respectivamente secretário de Estado da Agricultura e subsecretário das Obras Publicas, deslocaram-se hoje a esta vila, a fim de inaugurar a nova sede do Grémio da Lavoura deste concelho e as instalações anexas da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Os dois representantes do Governo, que foram esperados no limite do concelho pelo dr. Augusto César de Carvalho, governador civil do distrito, visitaram primeiro os terrenos onde se projecta construir a sede da administração florestal recentemente criada em Trancoso.

Na sessão inaugural da nova sede do Grémio, depois de falarem os

(Continua na 7.ª página)

O Município comemorou o 811.º aniversário da tomada de Lisboa aos Mouros

Passando hoje o 811.º aniversário da tomada de Lisboa aos Mouros, embora esta data gloriosa da história pátria já não coincida há alguns anos com o dia da festa anual e feriado da cidade, a Camara Municipal promoveu diversas cerimónias para assinalar e devidamente comemorar aquele feito das armas portuguesas no período conturbado das origens da nacionalidade.

Assim, ás 11 horas, com a assistência dos srs. presidente da Camara Municipal de Lisboa, sr. coronel Salvação Barreto, e do vice-presidente sr. Pastor de Macedo, vereadores e directores de serviço, se efectuaram na central dos Sapadores Bombeiros várias cerimónias naugurais. Um pelotão dos bombeiros, com a bandeira da cidade e

(Continua na página central)

5 mil dólares por um par de gémeos

BOSTON, 25. — A senhora Matha Gordon, de 25 anos, recebeu cinco mil dólares (o equivalente a 145 mil escudos), ao dar á luz o segundo par de gémeos.

Quando há dois anos lhe nasceu o primeiro casal de gémeos a sr.ª Gordon fizera um seguro de 5.000 dólares para futuros filhos gémeos que viesse a ter e, assim, recebeu agora o dinheiro da apólice. — (ANI).

Visado pela Comissão de Censura

Nota do dia

Amigos, amigos...

O livro português volta a encontrar dificuldades para a sua entrada no Brasil. A recente decisão do Governo brasileiro de elevar o custo dos ágios, que é como quem diz o valor do cruzeiro, para a importação de livros e de outros produtos agravará em 40 por cento o custo do livro português no Brasil. Deve esclarecer-se que a importação de livros portugueses naquele país contribuiu para fazer pender a nosso favor a balança comercial, que continua, apesar de tudo, largamente deficitária contra nós. Até agora, só o azeite português, tão apreciado no Brasil, e que vai perdendo, também ele, a posição privilegiada de que gozava há muitos anos, conseguiu vencer num ano (1957) a importação de livros da mesma nacionalidade. A cultura portuguesa sofre, deste modo, um rude golpe. Existe um acordo cultural com o Brasil. Existe, além disso, um Tratado de Amizade e Consulta. E existe, acima de tudo, uma lingua comum, que de um lado e do outro do Atlantico procuramos enriquecer e prestigiar. Mas parece que não existe, em boa verdade, um entendimento perfeito em matéria de interesses comerciais e que todas as tentativas feitas até hoje para se chegar a um acordo que dê satisfação aos dois países têm encontrado obstáculos irremovíveis. É bem certo o ditado: amigos, amigos, contratos á-parte... Não poderiamos, no entanto, conciliar neste caso os contractos com uma amizade que se afirma cada vez mais sólida, mais fraternal e mais compreensiva?

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (2)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A DIGESTÃO operada pelos intestinos não é tão complicada como parece á primeira vista. Quando termina a acção do estômago, a massa alimentar é entregue aos intestinos, sendo aí sujeita a novas transformações. Os sucos digestivos intestinais adaptam-se (especificamente) a cada alimento absorvido. Os mais importantes são: a bílis, o suco pancreático e o suco intestinal própriamente dito. A bílis é, sobretudo, um poderoso desinfectante, que impede a putrefacção intestinal e ajuda a manter a alcalinidade do meio. A digestão, no tubo intestinal, procede á transformação dos glucidos em açúcares, dos lípidos em ácidos gordos e glicerina, dos prótidos em ácidos aminados. A água e o sal não sofrem alterações. Os dejectos da digestão são depois impelidos para o cólon e, em seguida, expelidos para o exterior. Só os sais minerais são absorvidos sem prévias e complicadas transformações. Vem a propósito referir que as secreções digestivas impedem a fermentação e a consequente putrefacção dos alimentos.

Quando, porém, as defesas do organismo se encontram diminuidas,

(Continua na página seguinte)

Diario de Lisbõa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

Os rebeldes cubanos intensificam a sua acção

SANTIAGO DE CUBA, 25.—Uma coluna rebelde de Fidel Castro, que opera na provincia de Las Pillas, ocupou vários postos militares governamentais, apoderando-se de armas, munições e abastecimentos das guarnições que teriam aderido, em grande numero, ao movimento — segundo anunciou a rádio dos rebeldes.

Outras forças revolucionárias, operando na zona de Pinar del Rio apoderaram-se de um depósito de material bélico das tropas governamentais e destruiram o aquartelamento e outras insatlações militares.

Em escaramuças travadas nas proximidades de Santiago, os rebeldes teriam causado mais de vinte baixas e recolhido armas e munições, assim como sete grandes camiões e três «jeeps».

Notícias não confirmadas dizem que desembarcaram novos reforços e material de guerra para os rebeldes, num posto da provincia do Oriente, entre a baía de Guantanamo e Punta Calet.

Entretanto, intensificam-se os actos de terrorismo dos revolucionários. Durante a madrugada os insurrectos assassinaram cinco «informadores» do Governo de Havana e fizeram explodir algumas bombas nos arredores de Santiago, sendo importantes os estragos materiais.

Os rebeldes atacaram e lançaram fogo ás instalações petroliferas norte-americanas de Montenegro, a 25 quilómetros ao Sul de Baires, na provincia do Oriente, causando enormes estragos. — (A. N. I.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da página anterior)

as secreções são insuficientes e permitem a putrefacção. A este mecanismo, muito vulgar na Primavera e no Outono, chama-se o «fenómeno da indigestão». A fermentação dá lugar ao aparecimento de toxinas que, uma vez absorvidas, provocam intoxicações das mais variadas.

As principais toxinas são: a ptomaina, a leucomaina, o fenol, o cresol, a lucina, o amoníaco, os ácidos gordos, o ácido úrico em excesso, o ácido oxálico, as xantinas e os álcoois, entre outros.

São causas averiguadas de indigestão: os excessos alimentares, dissociações e desencontros entre alimentos, o enervamento, o cansaço, frio ou calor em excesso, a fadiga sexual, os pseudo-estimulantes, o estreitamento do campo mental, obsessões e fobias.

Os excessos alimentares, as ementas pesadas, as listas contendo alimentos contraditórios, fatigam os órgãos da digestão. Comer para além das necessidades do organismo constitui um erro que se paga por bom preço vida fora. A variedade de alimentos no mesmo rol, na mesma minuta alimentar, prejudica a digestão.

O enervamento, o nervosismo constante, o redemoinho da arrelia permanente, e sobretudo ás horas das refeições, ou nas que se seguem, provocam a diminuição do poder digestivo dos sucos.

A digestão ao longo do intestino torna os alimentos solúveis e assimiláveis. Por sua vez, a indigestão transforma os alimentos em substâncias inorgânicas, inúteis e perigosas.

Existem alimentos que, mercê da sua constituição, permanecem no estômago mais tempo do que outros O tempo de digestão não se encontra directamente ligado a este ou áquele alimento particular. Tudo depende, em parte, da mistura dos elementos.

Um alimento que se escapa mais rápidamente do estômago não significa facilidade da sua digestão. As féculas, quando ingeridas ao mesmo tempo que os frutos ácidos, são difíceis de digerir. Basta separá-los para que sejam absorvidos com facilidade.

Segundo Pavlov, citado num anterior artigo, o grau de digestibilidade de um alimento depende da sua frequência na ementa diária. Assim um vegetariano, habituado a costeletas construídas de nozes, avelãs ou amendoins, tem mais dificuldade em digerir carne do que um indivíduo omnívoro. Aqui, ao contrário do rifão popular, o hábito faz o monge...

Quando se muda de regime alimentar, os enzimas adaptam-se ás necessidades do novo rol. Sempre que se substitui a carne (e até com determinadas vantagens) pelas nozes, avelãs e pinhões, os sucos digestivos adaptam-se ás novas exigências e perdem gradualmente (Pavlov) a actualidade digestiva para a carne A adaptação a este ou áqueloutro regime é lenta ou rápida, consoante os indivíduos, os tipos somáticos ou psíquicos, isto é, dependente do estado psicossomático de cada ser humano (Franz Alexander, «Psychosomatic Medicine», Londres, 1952. 1.ª edição inglesa).

Certos dietistas defendem o critério de que todos os alimentos serão bem digeridos se o organismo for adaptado pouco a pouco e com bom senso. Mais uma opinião a registar...

A absorção dos alimentos faz-se ao longo dos intestinos. Trata-se não de um fenómeno físico, mas de um fenómeno puramente fisiológico, não de uma osmose simples, mas de uma absorção selectiva e activa. A parede intestinal não funciona como uma membrana inerte; é constituida por células vivas, em permanente actividade, cada uma delas com um papel a desempenhar, com uma função específica. Permitem a absorção dos alimentos e impedem a dos tóxicos solúveis nos sucos digestivos. Um exemplo para melhor esclarecer: o sulfato de magnésio não atravessa a parede intestinal, tendo os açúcares fácil acesso. Com uma membrana regular passa-se o fenómeno inverso, os açúcares são alfandegados.

Nem todas as substâncias são absorvidas da mesma maneira. Os ácidos gordos e os sabões atingem o sangue na forma de gorduras neutras. Os prótidos injectados directamente no sangue provocam graves perturbações, que só se atenuam após a eliminação dos mesmos. São, porém, absorvidos pelo organismo quando préviamente transformados ou digeridos.

Erro crasso é supor que o indivíduo, para se alimentar bem, não necessita sentir prazer quando pacatamente se dispõe a almoçar ou a jantar. O prazer original (Epicuro) faz parte da existência. Talvez o gosto o gosto em todos os sentidos: o gosto da mesa, de apanhar ar fresco, sentir a manhã no rosto) seja um dos sentidos mais importantes na vida do homem.

O comilão não sente, na realidade, prazer em comer, tal como o homem que queima, apressadamente, quarenta cigarros por dia, é indigno de fumar... Tudo tem o seu peso e a sua medida, o seu minuto ou a sua hora.

As glândulas digestivas possuem uma função limitada, incompatível com três copiosas refeições diárias, pesadas e fortes. O coração não suporta, por sua vez, semelhantes esforços.

Mastigar e engolir apressadamente, de mistura com muito ar, constituem um grave perigo; os ulcerosos do estômago e do intestino que o digam...

Aflige, em certos indivíduos, a persistência do infantilismo gustativo, isto é, a persistência, vida fora, do apetite e do gosto infantil na idade adulta.

Parece, segundo a opinião dos melhores autores, que a causa dessa deformidade se encontra ligada a um estado precário, conhecido pelo nome de «infantilismo intelectual».

Tem muita importância o estado de instabilidade nutritiva e vegetativa em que se encontra o indivíduo no momento da emoção e do choque psíquico.

Quando o homem se acha defendido por um bom estado geral, protege-se contra o inevitável desgaste provocado pelos atropelos da vida, pelo tombar das desilusões, que se assemelha ao cair das folhas no Outono...

O diabético (exemplo conhecido e citado) defende-se mal. E caso muito curioso: — as emoções, por seu lado, podem provocar o aparecimento de açúcar na urina e no sangue.

Alteram a tensão arterial, o metabolismo da digestão, afectam e deixam sinais de presença na vesícula biliar.

Do estômago, dizia Maomé, o Profecta, provêm todas as doenças, e o melhor remédio para as tratar é o jejum... Volvidos séculos, Shakespeare gritava, hamlèticamente: «Lançai os medicamentos aos cães».

Ora, a verdade é esta: a saúde depende mais dos alimentos do que dos remédios. Pedir á farmácia o que se deve solicitar á cozinha é, além de um erro, dispendioso...

A. d'E.

ELE & ELA

Estratégia patronal

Educar a infância

(Continuação da página anterior)

na mais orgulhosa metrópole, casos dessa ordem, dessa natureza, ficam sendo, desde logo, exemplo e lição de alcance e repercussão nacionais. E, pois que em Lisboa não se conseguiu construir senão um desses utilíssimos e patrióticos estabelecimentos de ensino, embora haja a promessa de outros, valha-nos o estímulo, o incitamento das províncias para despertar o desejo e a vontade de não consentir mais, na nossa capital, tão vergonhosa ausência E registe-se esta realidade, fácilmente comprovável:—cem crianças comporta o Jardim-Escola da Avenida Alvares Cabral, o único, repito, de Lisboa, mas perto de trezentas, cada ano, não são ali admitidas, por falta de acomodações. Famílias e famílias, sobretudo de gente do povo, ambicionam aquele maravilhoso abrigo quotidiano para seus filhos, onde estes encontram carinho, e educação de inexcedível solicitude, além de duas refeições diárias, e uma orientação mental e moral que, pelo tempo adiante nunca mais perdem. E eu pergunto — pergunta indiscreta e que me queiram perdoar — porque não oferecerá á Associação João de Deus, ensejo de multiplicar as suas escolas, a simpática e benemérita Fundação Gulbenkian? Prestaria, dessa arte, um inestimável serviço, não apenas ao presente, mas ao futuro da nossa Pátria.

Devo declarar, que, deste alvitre, o responsável sou eu, e eu só. Se acaso parecer menos viável, ou inoportuno, a culpa é exclusivamente minha. Acrescentarei, porém, que não o creio despropositado. A infancia portuguesa bem precisa que dela cuidem, dentro de normas que não a tornem nem indisciplinada nem serva de opressões e violências deturpadoras do seu normal desenvolvimento. Pensador, idealista e homem de acção, João de Deus Ramos avaliou a premência e a urgência de resolver o delicado problema. Apontou-nos o caminho justo, e foi mais longe: — soube trilhá-lo é chegou á meta que se propunha alcançar. Não deixemos de continuar o esforço magnífico, não o esqueçamos, não o desdenhemos por leviandade, por incompetência ou por vexatória preguiça mental. Nem pela carência, tão vulgar em Portugal, de sincero, de profundo e de equilibrado, de sadio amor á infancia. — J. de B.

TÁGIDE
Apresentam EM SENSACIONAL ESTREIA EM PORTUGAL
PALM BEACH
— de —
Georges-André Martin
O HOMEM QUE DANÇA COM OS DEDOS
* * *
A famosa Companhia de «Ballet» de
Jean León Destiné
O grande fantasista francês
PIERRE DENAIN
* * *
HELENA TAVARES
Uma das mais lindas vozes do Fado
Conjunto Alex W liam's com LAURA VILLA
TONY e IDALECIA Em bailados de folclore português
Conjunto Tobias Valido e Fernando Pot'er
ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS

AGRADECIMENTO

Na impossibilidade de agradecer individualmente ás numerosas pessoas que se manifestaram a quando do falecimento do nosso chorado filho JOÃO AMADEU GAUDÊNCIO LOPES SOARES, vimos desta maneira exprimir o nosso profundo reconhecimento:

Aos numerosos médicos e especialistas que travaram luta contra a grave e traiçoeira doença, não abandonando nunca o seu posto, apesar de todos as dificuldades e sacrifício pessoal e profissional; ao pessoal de enfermagem e auxiliar do S.º DE D. INFECTO-CONTAGIOSAS DO HOSPITAL DE SANTA MARIA, que numa verdadeira cadeia de solidariedade humana, deram o melhor do seu esforço; e finalmente ao povo — amigos, conhecidos e anónimos — da Nazaré, Sítio e Pederneira, onde o João Amadeu quis dormir o seu ultimo sono, a todos — os nossos sinceros agradecimentos.

Lisboa, 25 de Outubro de 1958

OS PAIS

De ontem para hoje

ACTIVIDADE MINISTERIAL

ANDAM em grande actividade, compulsando serviços por aqui e alem, os membros do Governo. Tomam balanço, vão ver o que há a fazer ou o que se tem feito, um pouco por toda a parte. Balanço pratico para tomar o rumo ao ano proximo. Assim, além das palavras ou actos que ontem assinalamos, ha que registar a presença de dois ministros (Defesa e Marinha) na entrega do navio-patrulha costeiro «Santa Luzia» (fez-se no Alfeite) e, ainda, a presença e as palavras do ministro do Ultramar em Luanda e do ministro da Saude, no encerramento do XIV Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saude. «Mais de 99 por cento da nossa tonelagem de importação utiliza a via maritima», lembrou o ministro Quintanilha de Mendonça Dias, no Alfeite; «proponho-me recolher elementos para o equilibrio da balança de pagamentos» anunciou o ministro Vasco Lopes Alves, ao chegar a Angola; «está para breve a apreciação do diploma que ligará a acção do antigo Subsecretariado da Assistência a do novo Ministério e a sua lei organica será posta á apreciação de medicos e quantos estão ligados a temas assistenciais» — revelou o ministro Martins de Carvalho, no Instituto Ricardo Jorge. São palavras de enunciação e trabalho que comportam, na sua breve síntese, esperança e legendas de progresso.

FEIXE DE IMAGENS

O navio «Santa Maria» foi escolhido para inaugurar o novo cais de passageiros do porto de Everglads (Miami). A quilha airosa e clara do barco português foi a primeira a baloiçar-se nas azulíneas ondas de um dos famosos centros de elegancia mundial. E ao som de musica e de palavras sonoras foi descerra lápida comemorativa.

*** Falando ao «Jornal do Comércio», o adido comercial á embaixada de Portugal no Rio, revelou que estão em curso negociações para regulamentar o Tratado de Amizade e Consulta. O comércio de permutas atravessa crise grave e no plano das coisas do espirito dir-se-ia que não são grandes os progressos tambem. «Até agora há aspirações expressas» (acrescentou o diplomata português) mas o Governo brasileiro não tem dado tantas facilidades quantas seriam de esperar.**

*** Chegou a Lisboa, a convite da Swissair e do S. N. I. um grupo de agentes de viagem suecos e finlandeses. Vem para tomar contacto com os aspectos mais belos, ensolados e pitorescos da paisagem ou do povo português. Lisboa antiga e moderna, o que há de mais gentil e original na sua feição sera, com os arredores, a imagem grata que levam de Portugal os homens das brumas e neves, oferecida pela animosa política espiritual do Secretariado.**

*** Mortos para a lista negra do transito: Manuel Brilha Baptista (jornaleiro 19 anos) que caiu de uma camioneta perto de Alenquer; José Francisco Fialho (tambem jornaleiro, 72 anos), atropelado por uma carroça, em Atalaia, Vendas Novas; e António Fracisco Pinto (marítimo 48 anos) de Sarilhos Pequenos que caiu de uma camioneta carregada de rema de eucalipto. Feridos houve doze, alguns deles em estado grave.**

*** Foi fixada em 20 mil toneladas a quota de exportação de açucar atribuida a Portugal e Ultramar. Os técnicos dirão até que ponto é de felicitar o País, porque há que felicitá-lo, com certeza, de cada vez que um produto conquista no estrangeiro divisas e posição de honra para a nossa economia. Registe-se que a atribuição foi feita perante 56 países da O. N. U.**

*** Uma portaria assinada pelo ministro da Marinha louva em termos muito honrosos o comodoro Arnaldo da Silva Moreira que por ter atingido o limite de idade, deixou agora o cargo de comandante da Escola de Mecanicos e da Escola de Alunos Marinheiros (Vila Franca de Xira). O mesmo diploma confere-lhe a medalha militar de ouro de serviços distintos.**

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Governo recebeu, em audiência, no Palácio de Belém, o ministro das Finanças, o embaixador da Alemanha e o brigadeiro Alexandre de Morais. No seu livro de cumprimentos inscreveram-se o prof. dr. Moses Amzalak e o dr. Carlos José Botelho de Paiva. * O embaixador dr. António de Faria, delegado de Portugal na N. A. T. O. regressou de Paris. * De Nairobi, regressou o chefe do distrito de Lisboa que ali assistiu á assembleia da Aliança Internacional de Turismo. * O prof. Vitorino Nemésio, que regeu na Baía um curso sobre cultura portuguesa do séc. XV, regressou a Lisboa, a bordo do «Vera Cruz». * Foi homenageado com um almoço o dr. Francisco da Gama Caeiro, por ter sido nomeado para exercer funções na Junta da Acção Social do Plano de Formação Social e Corporativa. Presidiu o ministro das Corporações que o homenageado serviu como chefe de gabinete. * O dr. Gebhard Sellos que foi embaixador da Alemanha em Lisboa, foi transferido para Atenas. * Ardeu parte de um armazém de materiais de construção da firma «Mundos», Rua José do Patrocínio, a Marvila. * Ao aquecer-se á lareira, recebeu queimaduras mortais a septuagenaria Maria Oliveira Fernandes (oJane, Famalicão).

«Navio Pernambuco», que se encontra em Lisboa a convite do Casino Estoril e do Hotel Embaixador, visitou hoje a Embaixada do Brasil em Lisboa, onde foi recebida pelo dr. Alvaro Lins e sua esposa, com quem conversou durante quase uma hora

O 53.º aniversário da Casa de Trás-os-Montes

A direcção da Casa de Trás-os-Montes organizou um programa festivo para comemorar a passagem do 53.º aniversário da fundação daquela agremiação regionalista. Esta noite, no salão nobre da colectividade, lindamente ornamentado para o efeito, haverá, a partir das 21 e 30, uma festa dançante, abrilhantada pela orquestra «Carioca», cuja receita se destina ao fundo de aquisição da sede própria. Serão distribuidos brindes.

No dia 9 de Novembro, haverá, na sede, um almoço de confraternização no qual deverão participar mais do que uma centena de associados. As inscrições para o almoço estão abertas na Casa de Trás-os-Montes, na Rua da Misericórdia, 20-2.º (Tel. 24093).

Sociedade Cruz-Quebradense

A Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz-Quebradense comemora amanhã o 78.º aniversário da sua fundação com o programa seguinte: ás 8 horas, alvorada e içar da bandeira da colectividade; ás 16 horas, sessão solene, com a presença de individualidades oficiais e cerimónia das bodas de diamante da colectividade, deliberada pela Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, seguindo-se a distribuição de prémios aos alunos mais classificados e diplomas a alguns sócios. Abrilhantará esta solenidade o conjunto português de acordeões «Honner». Ás 22 horas, baile dedicado aos associados e suas familias.

A visita ao Tejo do navio-escola «Bahia Thetis»

O sr. almirante Nuno de Brion, comandante-chefe da Força Naval da Metrópole, ofereceu hoje um almoço, em Montes Claros, ao comandante e oficiais do navio-escola «Bahia Thetis», da Armada argentina, no qual tomaram também parte oficiais da Marinha de Guerra portuguesa. Aos brindes, o almirante Nuno de Brion e o comandante D. Jorge Falcon trocaram saudações.

Ás 19 horas, haverá recepção a bordo do «Bahia Thetis», seguida de baile, para a qual estão convidadas muitas individualidades portuguesas.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 22°,5; minima, 12°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22°,5; minima, 10°,9.

— Temperaturas registadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 18°,2; na água do mar, 15°,2.

Missão à Alemanha

Em missão oficial do Ministério da Economia, partiram para a Alemanha os srs. drs. Norberto Xavier e Manuel Portugal, respectivamente, chefe de repartição dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral dos Produtos Pecuários e director da Estação Zootécnica Nacional.

Nova agência de viagens

Inaugurou-se, esta tarde, na Rua Eça de Queirós, 20-A, uma nova agência de viagens denominada «Tagus»

As normas de combate à lepra, à tinha e a outros flagelos preconizadas pela Sociedade de Dermatologia e reveladas na abertura do ano académico

Despertou particular interesse nos circulos médicos a sessão inaugural do novo curso academico da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia, que se efectuou, esta manhã, no Serviço de Dermatologia do Hospital de Santa Maria.

Presidiu o dr. Meneres Sampaio que apresentou as bases que a Sociedade de Dermatologia entende que devem orientar, no aspecto sanitário, a luta contra a lepra, as tinhas e outros flagelos de carácter social.

Segundo acentuou o dr. Menere Sampaio, aquela colectividade tem a opinião de que o combate ás referidas doenças deve ser conduzido em conjunto por nucleos técnicos habilitados, que actuem com suficiente mobilidade e promovam a educação sanitária, simultaneamente com a acção curativa.

Em seguida, o dr. Norton Brandão analisou a situação actual da epidemiologia das doenças enéreas, conforme as discussões das ultimas reuniões internacionais e o panorama no nosso País.

Concluindo a sua exposição, aquele especialista acentuou a necessidade de reforçar a vigilancia neste sector, bem como manter e melhorar o esquema sanitario actual, pois existem indicios da possibilidade de recrudescimento dos referidos padecimentos.

Dado o interesse e a actualidade do problema, seguiu-se uma discussão sobre o assunto, nos seus diversos aspectos e, como esta se tivesse prolongado, resolveu-se adiar as restantes comunicações que faziam parte da ordem do dia.

O desastre da Parede

Do Instituto de Medicina Legal para o cemitério do Alto de S. João, sai amanhã, ás 10 horas, o funeral da sr.ª D. Gertrudes da Conceição Silva Gracio Ramos, vítima do desastre ocorrido no passado domingo, na Parede, no qual perdeu também a vida uma criança.

Outras duas vítimas do referido desastre encontram-se ainda em estado muito grave.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

30 ANOS
BRANDY VELHO
DE FRASQUEIRA
S.U BORGES & IRMÃO S.A.R.L.
V.N DE GAIA PORTUGAL

Na «COZINHA ALENTEJANA»
HÁ: EMENTA, BOLARIA, PESSOAL E AMBIENTE } DO ALENTEJO
UNICO RESTAURANTE PROVINCIAL EM LISBOA
Recomenda-se a marcação de mesas, que serão respeitadas até ás 20,30 horas, para jantar
Av. do Aeroporto, Lote 66 — Telef. 727071 — LISBOA
«ENCERRA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS»

MAR LINDO
Restaurante
PRAIA DE SANTA CRUZ
Telefone 6
Amanhã DOMINGO, pratos especiais, Caldeirada e dobrada Mar Lindo. Aprecie um neto almoço e dar-lhe-á tempo de assistir ao grande desafio
Torriense-Belenenses
Marque já a sua mesa

Teatros e Cinemas

Inauguração da temporada de circo no Coliseu

Picasso e Árlequim, o artista e a sua personagem favorita, apoplecticos de alegria, abriram, ontem, no Coliseu, em trigonometria de prodigios, cubismos de forma e fauvismos de cor — a temporada de circo no Coliseu.

Foi uma noite em cheio. Ver um publico, geralmente amodorrado, circulando tristemente, por essas ruas ou embalsamado no Terreiro do Paço e anexos — gargalhar á farta, congregado, fundido no mesmo corpo tenso de expectativa, o rosto devorado pelos olhos na hipnose da fantasmagoria que rola na pista lunar ou lhe cai da cupula como um meteorito cis-lunar — constitui, na verdade, um segundo espectáculo, que nem sempre está previsto no programa.

Ora ontem foi assim. Do gigantesco antiteatro das Portas de Santo Antão como das entranhas remexidas cosmicamente pelo fogo, de um vulcão, saíram torrentes de aplausos e lavas incandescentes de jubilo.

Todos estavam contentes: o circo finalmente instalara-se na cidade, entre paredes de pedra e cal, novo mundo maravilhoso de amanhã e de sempre, que, incessantemente se renova e triunfa, apesar de ser o mais velho espectáculo do planeta. Houve o carrocel dos artistas, com Olga França, vestida de luto, a anunciar os artistas, e logo o circo, como num quadro de Bosch, se encheu de diabinhos vermelhos; sátiros maliciosos; filhos do ceu, gerados pelo fábuloso Icaro: faz-tudos guizalhantes em arlequinadas faunescas; «clowns» ás grosas; fautasmas reais do inverosímil, núm pandomónio que a orquestra ressonante de cobres animava estridentemente.

A multidão rugia, qual leão insaciável. O programa começou revoluteante e brilhante com a exibição de «Two Philly's», duas lindas raparigas em «jonglagem» que descreditam a newtoniana lei da gravidade, suspendendo no ar, em voo harmonioso, os mais heteroclitos objectos. Autentica pirotecnia de efeitos bizarros, alguns mesmo inéditos, em que se incendiaram as mais deslumbrantes peças de artifício. Entre «corbeilles» e caixotes, surgiu «Miss Erika», espécie de domadora de pombas que faz com que os inocentes voláteis, executem os mais difíceis exercícios de acrobacia. Numero gracioso, fino, espectacular, conduzido com feminina subtileza. Por fim, a artista cobriu-se de asas, como se fossem flores, e, num cesto enorme, deu volta ao circo, em alada e triunfal oferta.

«Los Ona» são dois artistas sensacionais, temerosos equilibristas, um dos quais deitado, sustenta nos pés, primeiro uma escada, depois uma complicada percha, ambas de alguns respeitáveis metros, que o outro escala, como marinheiro o mestro da gávea, e lá em cima realiza a capricho as mais absurdas fantasias acrobáticas, equilibristicas e ginásticas. Basta dizer que joga com dois facalhões de afiado gume, que se caíssem matariam a «base» humana. Mas ele sorri vitorioso, e ei-lo, no cimo de um aparelho, parecido com uma forquilha, atravessada por um fio, a correr sobre áquele tenue arame, a ajoelhar-se mesmo, enquanto o «partenaire» de pernas de aço, o apoia indiferente (na aparência, pelo menos) ao peso e ao perigo. «Los Ona» conquistaram pela audácia, transcendente de temeridade, o coração do publico, que passou um transe angustioso de emoção.

Seguiram-se os palhaços Rudi Llatas que trazem o mundo, mas sobretudo, Espanha, nas suas transbordantes humoradas e nas suas irresistíveis pantomimas. São seis, mulheres e homens, e acabaram o numero, com uma canção dedicada a Lisboa, sofregamente aplaudida.

Angelo e Corinn, ele e ela, e uma terceira cuja beleza o publico saudou com caracteristicos assobios, em danças acrobáticas são uma imagem da Broadway. A familia Alcaraz pode considerar-se essencialmente aérea. Em exercícios conjugados de báscula e cama elástica saltam a grande altura, sempre com estilo e beleza. Virginia Alcaraz é um volantim, que nasceu estrela, isto é, pode pairar quase indefinidamente no espaço. O numero terminou com um Alcaraz masculino que, seguidamente, deu vinte e três saltos mortais, quando o máximo prometido eram vinte.

«Los Palmas», casal artistico e sentimental, operou prodigios numa escada, mas o mais curioso é um cão que também «faz numero», subindo degrau a degrau, com as patas e o pescoço, até se abraçar ao pescoço da mulher, escarranchada nos ombros do marido, os dois em equilibrio perigoso.

E já que falamos em cães, que nos seja permitida uma especial menção ás equipas futebolistas, terríveis «boxers» alemães, apresentados por Nellos, que disputaram um «Sporting-Benfica» encarniçado. Este numero, de êxito extraordinário é diferente de tudo quanto temos visto. Os animais mostram-se formidáveis, na disputa da bola. Lutam a sério e defendem, como porteiros-mestres, as redes.

Os dois «Ruvialis» realizaram um emocionante «aerial revolving pole», tremendo de coragem, em que o menor gesto em falso representa uma queda no abismo.

Não chegaram a tempo estreando-se esta noite uma exótica «troune» chinesa e os «clowns» italianos Trizzi, que nos dizem ser Fellini ao vivo. O espectáculo integral fica sendo um cromático cartaz de Lisboa, dos melhores do Coliseu de que o empresário Américo Covões se pode orgulhar. — S.

Atrás do reposteiro

É provável que o actor João Villaret participe do desempenho da peça de Raul Brandão «O gebo e a sombra», no caso desta peça entrar em ensaios pela companhia do Teatro Avenida.

— Rui e Hernani Martins, Marcelo Manuel e Luís da Cunha e Silva, Roiz, Raul Duarte e Mário Alberto, são os cenógrafos que estão a pintar os cenários, que vão enquadrar a nova revista do Variedades.

— Para o desempenho da peça «Gigi», em ensaios no Teatro Monumental, está indicado o actor Virgilio Macieira.

— Luz Veloso, Ana Paula, Susana Prado, Florbela Queirós, António Sacramento, Luis Cerqueira Carlos Duarte e Andrade e Silva, são os artistas que na TV, estão a ensaiar a peça «O landau de seis cavalos».

— No Rio de Janeiro, no Retiro dos Artistas Teatrais, faleceu o actor português João Martins.

— Seguem brevemente para a Venezuela as artistas coregráficas Clara e Ivone.

— Na TV entra em ensaios na próxima semana a comédia «A madrinha de Charley».

— Na segunda-feira, a companhia do Teatro ABC representa, no Teatro Joaquim de Almeida, do Montijo, a revista «Vira o disco».

— Não tem ainda titulo definitivo, a revista, que depois de amanhã se começa a ensaiar no Teatro Variedades.

— A concretizar-se a ida a Africa da companhia do actor-empresário Eugénio Salvador, haverá algumas modificações no elenco, em relação ao, que está a actuar no Teatro Maria Vitória.

— A Vasco Morgado foi proposta a vinda a Portugal de uma companhia brasileira de revistas.

— O actor João Villaret parte, na terça-feira próxima para Sevilha, seguindo depois para Madrid.

— No programa de Anibal Nazaré, «Silêncio que se vai cantar o fado!», que a Radiotelevisão Portuguesa apresenta todos os domingos, estreia-se, amanhã, a nova artista Maria João.

O Avenida

reabre na próxima semana

Reabre na próxima semana o Teatro Avenida, com a peça «O mentiroso», de Carlo Goldoni, uma das mais célebres e das mais representadas obras do teatro italiano.

Dirigidos pelo dr. Gino Saviotti, vão interpretar «O mentiroso» alguns dos nossos melhores artistas, entre os quais Samwell Dinis, Carmen Dolores, Rogério Paulo, Madalena Soto, Luís Filipe, Alberto Ghira, Henrique Santos, Constança Navarro, Catarina Avelar, Alexandre Vieira, Armando Caldas e Alberto Pereira.

A completar o espectáculo, antes de «O mentiroso», será representada uma obra de Gustavo de Matos Sequeira, intitulada «Três personagens á procura de um papel», pelos actores Adelina Campos, Beatriz de Almeida e Mário Pereira.

O Trindade

reabre em Novembro

Num dos primeiros dias de Novembro, vai reabrir o Trindade, para inauguração da sua temporada, subsidiada pelo Fundo de Teatro. A peça de estreia será «Anne Frank», extraída de um emocionante diário deixado por uma jovem judia, emolada na tragédia da ultima grande guerra. Frances Goodrich e Albert Hackett assinam a peça que Francisco Ribeiro, á frente do Teatro Nacional Popular vai apresentar sensacionalmente para estreia de uma jovem estrelinha, até agora alheia ao teatro e que se revelou uma rara intuição artística.

Grupo cénico

da Academia de Amadores de Música

Foi marcada para hoje, ao fim da tarde, na sede da Academia de Amadores de Musica, a primeira reunião de todos os interessados na formação de um grupo cénico daquela Academia, que será dirigido pelo dr. Fernando Amado.

Primeiras exibições

«Jacobowsky e o coronel», no Eden

Danny Kaye, o cómico mecanico, veloz e desconcertante, humanizou-se, mascarou-se de homem normal e a gargalhada é substituida pelo sorriso. Jacobowsky, um pacifico cidadão polaco, luta para salvar um coronel da perseguição que lhe move a Gestapo. E é curioso e muito sintomático que um homem como Jacobowsky, tímido e humilde, seja capaz de vencer todos os inimigos, quebrar todas as barreiras e proteger o orgulhoso e indomável coronel Prokozny. Este filme, que é uma sátira, sugere-nos a fábula cuja moralidade julgamos escusado subilinhar. «Jacobowsky e o coronel», de Peter Glenville, sobre um argumento de George Froeschal, tem por intérpretes, além de Danny Kaye, Curt Jurgens, no emproado e duro coronel, e Nicole Maurey, uma amabilíssima jovem.

Este filme, que é mais que uma comédia vulgar, e tem um significado quase chaplinesco, no elogio da delicadeza e generosidade, agradou ao numeroso publico do Eden.

Entre os complementos, uma curta-metragem sobre a ilha de Trindade. — **Visor 100.**

Esplanada do Rato?

TEATRO
MONUMENTAL
Emp *Lauro Alves* — Tel 551-88
ADULTOS M/ 17 ANOS
HOJE ás 21,45 horas

17.ª SEMANA

LAURA ALVES
NA JÁ CÉLEBRE PEÇA
A Rainha do Ferro-Velho
ASSIS PACHECO
ALVES DA COSTA
MARIA HELENA — **ARTUR SEMEDO**
E UM NOTAVEL ELENCO
Amanhã, esp. á tarde, ás 16.h

A seguir, a peça de COLETTE COM UM NOVO ELENCO «GIGI»

No São Jorge

«A Ponte Fatal»

Graham Greene, o autor de tantos livros que têm sido postos em cinema, mais uma vez vê uma obra sua — «Across The Bridge» — transformada num magnifico filme «A Ponte Fatal».

O interesse desta pelicula é, pois, garantido pela história de um dos grandes escritores da actualidade e pela realização impecável de Ken Annakin.

Na interpretação destaca-se o actor americano Rod Steiger, que vive admirávelmente o papel principal de um magnate, cuja vida, ao ser devassada, é bem diferente da aparência. David Knight e Maria Landi estão á altura dos seus papeis sequentes.

«Music-hall»

O novo programa do Casino Estoril

O Casino Estoril, na sequência dos grandes êxitos, proporcionando espectáculos de «music-hall», que o publico não se cansa de aplaudir, apresentou mais um magnífico programa.

A voz expressiva de Rino Salviamaneira, que parecia não ter fim rentas de Nápoles e todo o encanto das baladas italianas, impregnadas daquela doçura que fala ao coração das mulheres. Cantor por excelência, e acompanhando-se á viola, Rino é o artista que prontamente conquista a simpatia das mais exigentes plateias.

Caracolillo, dos grandes da pura linhagem dos bailarinos espanhóis, entusiasmou a assistência de tal maneira, que parecia não tem fim a sua actuação na noite da estreia. Elegante nas poses, nervoso nos passes (puro sangue); impecável no sapateado; aliciante nos adornos, envolvendo Maria Rosa nas curvas voluptuosas do calor incendiário de caprichosos recortes coreográficos e estabelecendo com ela (tão simpática e atraente) esse diálogo de castanholas que é dos mais expressivos falares de Espanha, Caracolillo justifica em Portugal, tão exigente quando se trata de artistas espanhóis, o êxito alcançado no Rádio City de Nova York, onde só os grandes triunfam.

Com estas duas novas atracções, o Casino Estoril prossegue na série de êxitos que tem registado e dão valor artístico á nossa primeira sala de «music-hall».

Fernando Lima, com os seus bailados, apresentou, também, um numero novo que suscitou justificado interesse e foi muito aplaudido «Alentejo». O seu esforço de valorização coreográfica de motivos folclóricos portugueses é digno dos melhores elogios.

Crianças ao circo!

Hoje, a maravilhosa companhia mundial de circo que, ontem se estreou, no Coliseu, com êxito apoteótico. Esta noite as crianças podem ir ao circo. Amanhã, duas «matinées»

Surpreendente, estonteante de atracções, novo mundo de maravilhas, a grande companhia internacional de circo que, ontem, se estreou no Coliseu, com o mais retumbante êxito. Esta noite, sábado, todas as crianças podem ir ao circo. Duas parelhas de palhaços. Emocionantes numeros aéreos. Cães acrobatas e muitos outros numeros surpreendentes. Amanhã, domingo, duas «matinées», ás 14 e 30 e ás 17 e 15, com entrada gratuita ás crianças, até aos 10 anos, devidamente acompanhadas. Todas as noites, ás 21 e 30.

Publicações

«O gerente e a sua gente» de F. de Carvalho Henriques

Os bons livros não desaparecem da circulação. Pelo contrário, irradiam sempre, multiplicando por milhares a comunidade dos volumes. Eis o que sucede á obra «O gerente e a sua gente», cuja primeira edição publicada em 1946, foi um autêntico êxito. O seu autor, o sr. F. de Carvalho Henriques, deve sentir-se orgulhoso visto que surge agora uma nova edição, e que no intervalo das duas tiragens portuguesas foi publicada (1953), em Madrid, uma espanhola. Tudo isto indica que o «Gerente e a sua gente» veio preencher uma lacuna. De facto, trata-se de uma obra de aspecto novo em Portugal, escrita por quem sabe estruturar uma empresa, seja ela de que género for e articulá-la em todos os seus departamentos e sectores, de maneira a torná-la não só mais eficiente como produtiva.

O sr. F. de Carvalho Henriques em tão vasta e complexa matéria, é sempre realista e objectivo. Apresenta esquemas. Ensina pelo exemplo concreto e testes curiosos fixando mesmo noções psicológicas interessantissimas sobre os empregados, o que dá ao estudo — como dizer? — um aspecto humano, que constitui um apreciável valor de compreensão e relação entre patrões e subordinados. «O gerente e a sua gente», nesta segund: edição, foi melhorado nos capítulos relativos ao aperfeiçoamento e á remuneração do pessoal contendo ainda de novo um largo capítulo sobre «O gerente e a automatização». *(Bertrand).*

Inaugurou-se no Barreiro

a 1.ª Exposição Filatélica do Distrito de Setúbal

BARREIRO, 25. — (Pelo telefone). — Com a presença do governador civil do distrito de Setubal, inaugurou-se hoje na Sociedade «Os Penicheiros», desta vila a 1.ª Exposição Filatélica do Distrito de Setubal.

A este certame concorrem os filatelistas Abílio de Sousa, António Borges de Brito, Arcelino Nogueira de Faria, dr Carlos França, Fernando Sanchez Lopes, Florentino Rodrigues Francisco Horta Raposo, Ivo Rodrigues, Joaquim Manuel Bolina, José de Matos Serras, Maria Benedita Raposo, Maria Elisa Raposo, Maria Vitória Pedro Serras e Mário Rodrigues da Silva, do Barreiro; Jorge Ribeiro Borralho, de Lisboa; José Joaquim Cabrita, do Seixal; Carlos Ramos Moniz e Domingos Florindo, de Setubal, e António Ferreira Rodrigues da Trafaria. A exposição está aberta até ao dia 2 de Novembro próximo.

Jantar de homenagem ao eng. Rebelo Pinto

E' na próxima quinta-feira, dia 30 do corrente — e não no dia 29, como se noticiou — que se realiza, pelas 20 e 30, no restaurante Montes Claros, o jantar de nomenagem que, por um grupo de colegas e amigos, é oferecido ao eng. José Filipe Rebelo Pinto, por motivo da sua recente eleição para presidente da Comissão Internacional das Grandes Barragens.

Já são numerosas as inscrições, incluindo senhoras, devendo as novas inscrições ser comunicadas até á próxima terça-feira, a qualquer dos membros da comissão organizadora, eng. Manuel Rafael Amaro da Costa, Manuel Coelho Mendes da Rocha, José Guedes Pinto Machado, Pedro Moura Brás Arsénio Nunes, Edgard Antunes de Oliveira, Luís de Castro Ferreira de Carvalho e Armando da Palma Carlos.

A estiagem

prejudica a lavoura alentejana

EVORA, 23. — A ausência das chuvas outonais no Alentejo está a causar aprensões nos meios agricolas, em consequência da aproximação dos trabalhos das sementeiras, que certamente terão de ser retardados em face da leveza do solo e da falta de humidade, que não permite o germinar da semente.

Os montados produziram pouca bolota, originando uma baixa nas peças de gado suino de montanheira, e a safra oleicola apresenta-se desoladora, pois há pouca azeitona, e, devido á falta de chuva, a que se produziu é de má qualidade.

MARIA VITORIA

As 20.30 e 22.45 (ADULTOS) — M/ 17 anos)

AO INICIAR-SE TRIUNFANTE O

2.º MÊS

SALVADOR

VEM AGRADECER AO PÚBLICO DE LISBOA A FORMA ENTUSIÁSTICA COMO RECEBEU A REVISTA POPULAR

POR CAUSA DELAS...

EM QUE COLABORAM BRILHANTEMENTE

BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES
HUMBERTO MADEIRA
MIMI GASPAR

E A GRANDE ATRACÇÃO ARGENTINA

PERLA CRISTAL

AMANHÃ, ESPECTÁCULO À TARDE, ÀS 16 HORAS
EMP.ª E. SALVADOR e R. MARTINS, LDA.

LIDO

SANTO AMARO DE OEIRAS (Em frente da praia)

Inauguração definitivamente em 1 DE NOVEMBRO
da **ÉPOCA DE INVERNO** — BOITE e VARIEDADES

ALMOÇOS, JANTARES e CEIAS

Salas reservadas para Lanches e Banquetes — Tel. 043094

Baptista Martins

LUSO

L. da Queimada, 8-A — Tel. 32889 Adultos—17 anos Hoje (até de madrugada), Cantam, **BAPTISTA MARTINS**, o cantor mais pequeno — **Alice Magina** — **Joaquim Geraldes** Maria Vicente — Odete Rosa e o A's da boa disposição **João Viana** (Vianinha). Solos por. A. Couto e J. Inácio. **Amanhã**—Grandiosa «Matinée». —Organização do **G. D. Santos. Segunda-feira:** Despedida para o **Brasil de Joseca**, com **SPINA e ALMEIDINHA.**

Na AMADORA o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Tabacaria Dina.

CALIPSO

Praça da Alegria, 56 — Telef. 34120

ADULTOS M. 17 ANOS

A grande atracção norte-americana

WILBERT BRADLEY DANCERS

NO RESTAURANTE:
CEIAS com FADOS e GUITARRADAS

RETIRO

A nova Boite Dancing - Restaurante — HOJE INAUGURAÇÃO

ALMEIDA CRUZ

E A SUA ORQUESTRA

Um escolhido programa de ATRACÇÕES nacionais e estrangeiras
A partir de hoje não perca as noites, passe-as no

RETIRO

o Dancing da madrugada, ao fundo da Calçada do Carriche ao 1.º quilómetro da Estrada de LOURES — TELF. 910168 para onde pode reservar a sua mesa — Adultos maiores de 18 anos

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Casapoga

TELEF. 23584
AV. DA LIBERDADE, 137
ADULTOS
(MAIORES DE 17 ANOS)

UM DOS MAIORES EXITOS DO ANO:

BALLET MILOS RISTIC

Uma atracção-espectáculo de classe excepcional

A NOTAVEL PARELHA **HERMANOS ANTUNEZ** EM BAILE ESPANHOL

HOJE — EM ESTREIA

A FORMOSA VEDETA **MARIA DEL SOL** EM ADMIRAVEIS BAILADOS

A MAGNIFICA PARELHA **ISABEL y PACO** EM DANÇAS CLASSICAS

Permanente música de baile por **SÉRGIO E SUA ORQUESTRA**

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27173

15.15 e 18.15 (p r.) e 21.30 (M/12 anos)

Uma deliciosa comédia que fará rir solteiros e casados

O AMOR SUBIU DE PREÇO

com José Ferrer e Gene Rowlands em Cinemascope

EDEN TEL. 26768

A's 15,30, 18,30 e 21,30

A mais original sátira

JACOBOWSKY E O CORONEL

com DANY KAYE

Através da França J. A. C. e o coronel no Rolls-Royce do barão de Rotchild fogem das tropas invasoras

Adultos — Maiores de 17 anos

CONDES TEL. 22523

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

do emocionante e grandioso filme

OS CARRASCOS DO MAR

com **Victor Mature** e **Koren Steele**

Cinemascope — Technicolor

ALVALADE Telefone 76 3086

15.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

A divertida comédia que fará rir toda a gente

O AMOR SUBIU DE PREÇO

com **José Ferrer** e **Gena Rowlands** em Cinemascope

CINEMA IDEAL Telefone 44194

A's 21 (M/12 anos)

Vistavision

O REI DO LAÇO

A fortaleza da Jamaica

RESTELO Telefone 910375

21.15 (M/17 anos)

Cinemascope

O VESTIDO ESFARRAPADO

com Jeff Chandler

TIVOLI TEL. 50595

As 3 horas da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

O maravilhoso filme colorido francês

UM RAPAZ ENCANTADOR

com **Zizi Jeanmarie** e **Daniel Gelin**

Coreografias de Rolande Petit

Amanhã, ás 11 h. — «**Teresa Raquin**»

(Maiores de 17 anos)

POLITEAMA TEL. 26301

15 - 18.15 e 21.30

3.ª semana triunfal

com o extraordinario filme de rara envergadura espectacular em Cinemascópio

O BAILE DOS MALDITOS

c/ **Marlon Brando** e **Montgomery Clift**

(Adultos — M/17 anos)

MONUMENTAL TEL. 55131

15.15 - 21.15 (M/12 anos)

3.ª SEMANA

Um romance inolvidável de grandes conflitos e paixões

A ARVORE DA VIDA

c/ **Montgomery Clift** e **Elisabeth Taylor**

Cinemascope e Technicolor

ROYAL TEL. 845037

A's 21 (M/12 anos)

Cinemascope

MELODIA INTERROMPIDA

com Glenn Ford

No progr.: **Sob a bandeira da coragem**

AVIS Telefone 47162

15,30, 18,30 (p. r.) e 21.45 M/12 anos)

7.ª SEMANA

O mais belo romance musical

A RAPARIGA DAS VIOLETAS

com Sara Montiel e Raf Vallone

CERRASSE TEL. 90917

As 21 M/17 anos

ATAQUE!

Os homens preferem as morenas

IMPÉRIO Tel. 95134-5

A's 15 e 21 h. (M/12 anos)

4.ª SEMANA

O maior acontecimento da história do cinema

OS DEZ MANDAMENTOS

de CECIL B. DE MILLE

com um elenco fabuloso

— Rigoroso Exclusivo —

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15,15, 18,15 e 21,30 (M/17 anos)

De emoção em emoção... assiste-se ao fim de um homem cuja vida fora ódio, crime e traição

ROD STEIGER

A PONTE FATAL

ROMA Telefone 127778

15,30, 18,30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Bela, atrevida e perigosa

NATHALIE

com Martine Carol e Mischa Auer

ODEON Telefone 26283

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30

3.ª e ultima semana

Arturo de Cordova em

A FERIDA LUMINOSA

Um conflito de paixões num ambiente de amor, ódio e orgulho

EASTMANCOLOR — (M de 17 anos)

LIZ TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)

2.ª semana

Cinemascope

O ADEUS ÀS ARMAS

AVENTURA EM CAPRI

O valente raposo

CASINO ESTORIL

Cinemascope

TEMPO PARA AMAR E TEMPO PARA MORRER

21.30 (M/17 anos) com John Gavin

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

DESPORTOS

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

O Benfica no Barreiro

o grande cartaz da 7.ª jornada

A 7.ª jornada reveste-se de particular interesse dado que alguns resultados, se forem favoráveis aos visitados, poderão alterar muito a classificação geral, aproximando os componentes do escalão da vanguarda, dissociando agrupamentos e até deixando a Académica em situação francamente desesperada.

Se, na realidade, os visitantes não se impuserem, pelo menos para a obtenção de um ponto, o campeonato parecerá voltar ao seu figurino inicial, o que será para desejar, em suma...

A 7.ª jornada, a disputar amanhã, compreende os seguintes jogos:

Sporting-Cuf
Lusitano-Guimarães
Setubal-Caldas
Porto-Academica
Braga-Covilhã
Barreirense-Benfica
Torriense-Belenenses

Recordemos a pontuação de cada um: 1.º, Benfica, 10 pontos; 2.º, Porto e Guimarães, 8; 4.º, Braga, Sporting, Belenenses e Cuf, 7; 8.º, Setubal, 6; 9.º, Barreirense, Caldas e Torriense, 5; 12.º, Lusitano, 4 e 13.º, Covilha e Académica, 3 pontos.

* * *

Os campeões nacionais terão de aproveitar um surto ofensivo constante e suficientemente ficaz, se não quiserem permitir o ascendente dos cufistas que, ao que parece, estão dispostos a marcar presença sempre que actuem fora do seu ambiente, graças ao atrevimento dos seus avançados, pelo que a defesa «leonina» terá que estar atenta. Em todo o caso, o Sporting é favorito.

O Benfica vai ao Barreiro, onde as coisas não costumam correr-lhe muito á feição. O Barreirense, estimulado pela vitória conseguida na Covilhã, poderá, na verdade, dificultar a acção do «guia», se este repetir os mesmos erros verificados contra o Belenenses, isto é, ausência de um homem estratega, o meia do campo; Mendes colocado a extremo ... esquecido e «pontas de lança» indecisos quando a bola está na grande-área adversa.

E' de crer, quase o afiançamos, que o Barreirense revelará um decidido animo, um potencial de entusiasmo avassalador, pelo que o Benfica terá de jogar com os sentidos apuradíssimos. Aliás, os avisos da Covilhã e das Caldas (em terrenos algo semelhantes ao do campo D. Manuel de Melo) não deverão ser esquecidos. Vaticínio? Se tudo acontecer, como se prevê, registar-se-á um empate, salvo se os «encarnados» jogarem em cheio, em arrancada inicial categórica e demolidora.

O Belenenses vai a Torres Vedras jogar uma partida recheada de escolhos, apesar do quadro de Vaz possuir, presentemente, ecursos suficientes para contrariar as arremetidas dos torresãos. Para muita gente, é até a equipa em melhor forma neste campeonato.

A citação deverá ser interpretada como um conselho. Nada de deslumbramentos ou de subestimação do valor do adversário, porque senão aparecerão amargos de boca.

A despeito da previsivel tenacidade do Torriense, o Belenenses é considerado favorito.

* * *

O F. C. Porto recebe, nas Antas, a Académica que atravessa um mau momento, susceptivel até de gravamento delicado se averbar nova derrota. No seu ambiente, os «portistas» valem mais e é de aceitar, portanto, a sua superioridade, desde que os seus avançados não desperdicem as oportunidades que o conjunto é capaz de forjar. Prognóstico? Vitória do F. C. Porto.

O Guimarães, também no 2.º lugar de parceria com o F. C. Porto, actua em Evora, contra um Lusitano que não perde há três domingos. O apontamento parece querer significar algo de positivo, pelo menos para reforço das possibilidades dos Alentejanos que têm ainda a seu favor o piso relvado, factor que não tem sido propício aos Vimaranenses (recordem-se as suas grandes derrotas na Luz e nas Antas...).

O Lusitano é favorito, podendo ganhar um jogo que se afigura muito renhido.

O Sporting de Braga recebe visita do Sporting da Covilhã, cujos jogadores quererão provar muita coisa, em face do sensacional castigo que a direcção aplicou. Temos a impressão de que os serranos redobrarão os seus esforços pelo que os Bracarenses não poderão descansar. Embate rijo e ardoroso, de vaticinio difícil. Um empate talvez...

O Vitória de Setubal, que tem estado a marcar passo, joga, nos Arcos, contra o Caldas. Teóricamente, são dois valores médios de forças sensivelmente idênticas. O ambiente favorável deverá fortalecer as pretensões dos Sadinos, excepto se os Caldenses produzirem uma exibição extraordinária. Mas julga-se que os vitorianos não deixarão fugir a oportunidade.

* * *

O cálculo das probabilidades teve assim uma pálida imagem. E' natural todavia que as previsões não se realizem, mas a circunstancia só servirá para demonstrar, afinal, o inegável interesse que o campeonato está a despertar — embora o publico mostre um estranho alheamento. Deseja-se, a fechar, que o futebol praticado atinja bitola elevada, porquanto as jornadas anteriores têm sido francamente decepcionantes.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

O importante certame que é o «Primeiro Passo», organizado pelo Sporting Clube de Portugal com o patrocinio do «Mundo Desportivo», tem amanhã, nas pistas do Estádio José Alvalade a sua ultima jornada: a das finais, com inicio ás 9 e 30 horas. Como é óbvio vão estar em acção os rapazes que melhor conta de si deram há oito dias, nas provas seguintes: 80, 250, 700 e 2.000 metros; saltos em altura e comprimento; lançamento de peso.

Haverá, ainda provas extras de 110 metros barreiras, 400 e 1.500 metros, para atletas já consagrados, encerrando-se a reunião com a entrega da taça e das medalhas instituidas.

AUTOMOBILISMO

O «Rallye» do Automóvel Clube de Portugal, a contar para o Campeonato Nacional de Condutores, que principiou na madrugada de hoje, termina amanhã, no Estoril, no arruamento fronteiro ao Casino, onde ás 15 horas, começa a disputar-se o Circuito de Maneabilidade-Velocidade, que é a quinta prova complementar do certame.

Há grande interesse pela competição.

BASQUETEBOL

Principia amanhã mais uma competição da Associação de Basquetebol de Lisboa: o campeonato da 3.ª Divisão. Os desafios da primeira jornada são os seguintes:

Série A — Santa Catarina c. Paço de Arcos, em Santo Antão (1.º e 2.º); Combatentes c. Pedrouços, na R. Possidónio da Silva (1.º e 2.º).

Série B — Internacional c. Educação Física, nas Telheiras (1.º); Campolide c. Alvalade, no Liberdade (1.º e 2.º). Os jogos de 1.º categoria são ás 11 horas e os de 2.º, ás 10 horas.

CICLISMO

A Federação Portuguesa de Ciclismo fez disputar amanhã, para conclusão do seu calendário de pro-

(Continua na 11.ª página)

Ajudauto, L.da
PRONTO SOCORRO
de automóveis de qualquer parte
— do País —
TODOS OS DIAS
E A TODA A HORA
INCLUINDO DOMINGOS
R. Damião de Góis, 18-B a 18-E
a Algés — T. 610051

- QUEREM ALGUMA COISA?...

TORNEIOS DE FUTEBOL

Leixões e Atlético

os guias da 2.ª Divisão

têm amanhã deslocações difíceis

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão prossegue a sua marcha com a maior regularidade. Amanhã vence-se já a sua oitava jornada, com as possibilidades das equipas mais ou menos esclarecidas, mas longe, ainda, da sua arrumação definitiva na tabela das classificações. E, por isso, mesmo, a prova continua a suscitar curiosidade, lutando os clubes com empenho, pela ansia de se acomodarem o melhor possível na tabela.

Na Zona Norte a jornada de amanhã reserva-nos os seguintes desafios:

Oliveirense (11)-Leixões (12)
Chaves (9)-Boavista (11)
Tirsense (5)-Gil Vicente (4)
Peniche (6)-Vianense (6)
Marinhense (8)-Espinho (5)
Portalegrense (0)-Vila Real (7)
Salgueiros (6)-Sanjoanense (8)

Entre parêntesis indicam-se os pontos de cada equipa para a classificação.

Nos quatro primeiros jogos acima referidos defrontam-se equipas com numero aproximado de pontos, portanto, quererem retomar o comando da tabela da classificação. Isto ajuda a supor que os encontros a disputar em Oliveira de Azemeis, Chaves, Santo Tirso e Peniche serão equilibrados. E' curioso referir que nos dois primeiros destes desafios defrontam-se os quatros primeiros da classificação, o que empresta ás lutas excepcional importancia, pois poderá admitir-se mudança de guia de classificação. Inegávelmente as maiores atenções vão ainda para o jogo de Oliveira de Azemeis, com os locais a quererem retomar o comando da tabela e os visitantes a não desejarem perdê-lo. Vamos por um empate.

Quanto aos desafios de Marinha Grande e Porto a vantagem inclina-se para os grupos visitados, enquanto em Portalegre, os alentejanos se nos afiguram capazes de chegar até ao empate.

*

Na Zona Sul o programa reserva-nos os seguintes desafios:

Farense (4)-Atlético (12)
Arroios (6)-Oriental (7)
Sacavenense (5)-Coruchense (5)
Almada (6)-Serpa (6)
Beja (4)-Juventude (8)
Montijo (8)-Portimonense (8)
Estoril (8)-Olhanense (11)

Entre parêntesis estão indicados os pontos de cada uma das equipas.

Embora quase se possa dizer que em Faro se defrontam o primeiro e o ultimo da classificação, não é descabido dizer, também, que os lisboetas vão ter tarefa difícil, pois os locais precisam de ganhar para iniciar uma recuperação que se impõe. Cremos, todavia que o Atlético torneará a dificuldade.

Os restantes desafios em que entram equipas de Lisboa (considerando como lisboeta o Estoril) oferecem bastante interesse, mórmente o da Costa do Sol — difícil para os dois contendores. Como, aliás, difícil vai ser para ambos os intervenientes, a partida de Moscavide. O vaticínio é, sem duvida, bastante difícil.

Em Sacavém e em Almada os grupos da casa devem vencer... se se aplicarem a fundo. Os jogos de Beja e Montijo apresentam-se nivelados.

Os torneios da A. F. I.

As duas competições que a A. F. I. faz disputar aos domingos prosseguem amanhã, mantendo-se portanto, a regular sequência dos dois torneios.

O Campeonato da 1.ª Divisão vai já na sétima jornada e com o interesse que uma escassa diferença de três pontos entre o primeiro e o quinto classificados pode suscitar. Para amanhã estão marcados os seguintes desafios: Alverca c. Futebol Benfica, em Alverca; Vilafranquense c. Alhandra, em Vila Franca de Xira; Sintrense c. Vitória, em Sintra; S. L. Olivais c. Operário, nos Olivais — todos ás 15 horas, em honra, e ás 13 em reservas. Realiza-se ainda o jogo Desp. Olivais-Casa Pia, em Moscavide, ás 13 horas, em reservas (as equipas de honra estão a jogar á hora da saída do nosso jornal).

*

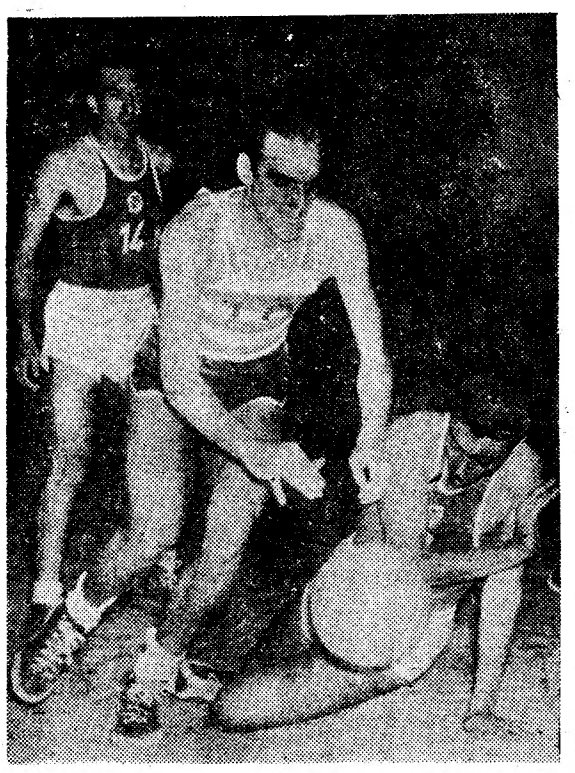
O Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão também tem amanhã a sua sétima jornada com a qual se conclui a primeira volta da fase inicial. **Na série A** disputam-se os encontros: Cascalheira-Atlético e Palmense-Belenenses, em Palma, respectivamente, ás 9,30 e 11,15 horas; Arroios-Algés, em Moscavide; Estoril-Sporting, na Amoreira — ambos ás 10,30 horas. **Na série B** teremos: Benfica c. Oriental, no Campo Grande; Povoense c. Charneca, na Póvoa; Olivais c. Vialonga, nos Olivais; Alhandra c. Torriense, em Alhandra — todos ás 10,30 horas.

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O poder do Sporting

nunca esteve em causa apesar da excelente réplica do Benfica

Queluz, 37—C. A. C., 39	
Belenen., 87-Atlético, 51	
Sporting, 101-Benfica, 71	
Tabacos, 45-Nacional, 63	



O sportinguista Abílio leva de vencida Galhós, do Benfica, enquanto Campos se limita a observar o remate do lance

A terceira jornada do «Regional» proporcionou o primeiro embate da época, entre os velhos rivais, Sporting e Benfica, e isso foi o suficiente para levar ao Pavilhão dos Desportos grande multidão que assistiu, sem duvida, a um excelente jogo.

A vitória do Sporting não tem discussão, apesar de tardado a aparecer, mercê de uma réplica ordenada e estudada meticulosamente e posta em prática com mestria, principalmente, no primeiro tempo. O Benfica manteve-se sempre na brecha, não permitindo ao adversário impor-se, comandando portanto, as investidas e com tal clareza que pairou no campo por momentos uma sombra negra para os «leões».

Assim, foi natural que o Benfica aparecesse na vanguarda do marcador desde os 10-8 até aos 41-40, para no final do primeiro tempo recolher aos vestiários com 44-41 a favor do Sporting.

Não nos ocorre á memória a visão de um jogo deste quilate, especialmente nos primeiros 20 minutos. A simultaneidade dos encestamentos, a beleza de algumas jogadas e, ainda, a destreza com que os jogadores de ambas as equipas se souberam interpretar, indica-nos que o basquetebol caminha para um plano que há muito se desejava.

A intensidade dos contra-ataques benfiquistas e a defesa segura do Sporting, tornou possível abrir o jogo, dando-lhe a perfeição de formas e as qualidades que fazem dele uma das modalidades desportivas mais belas.

A partida teve duas fases como que a vincular ainda mais o es-

(Continua na 11.ª página)

HÓQUEI EM PATINS

A Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Patinagem marcou para o próximo dia 3 de Novembro o inicio do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Encontram-se qualificados para a «poule» de apuramento os clubes classificados de 3.º a 10.º do campeonato regional da 1.ª Divisão e os 1.º e 2.º classificados do campeonato da 2.ª Divisão, do Norte; os 4 primeiros do campeonato do Minho; os 2 primeiros dos campeonatos do Centro e de Santarém e os 3.º a 10.º do Regional da 1.ª Divisão e os 1.º e 2.º do campeonato da 2.ª Divisão, do Sul.

Na próxima 4.ª feira, realiza-se, ás 22 horas, na sede da Federação o sorteio dos jogos.

HANDEBOL

Campeonatos Regionais

Na sede da Associação de Handebol de Lisboa procedeu-se ontem ao sorteio do campeonato regional das Divisão de Honra e 1.ª Divisão, que principiarão no próximo dia 9 (variante de onze).

A primeira jornada comporta os seguintes jogos:

Sporting-Almada, Oriental-Glória, Alverca-Belenenses e Benfica-Liberdade.

A inauguração do Grémio da Lavoura de Trancoso

(Continuação da 1.ª página)

srs. drs. Aurélio Augusto Neto Crespo e João Saraiva, este director do Grémio e presidente do Município e eng. Pedro Viterbo, usou da palavra o sr. eng. Quartim Graça que, após ter-se referido á importancia do nucleo representantivo das actividades agrícolas da região, afirmou:

— É voz corrente que a Lavoura vive momentos dificeis. Mas se se pensar bem abstraindo alguns períodos anormais, as dificuldades fazem parte integrante da vida agrícola. São elas que geram o espirito forte da gente do campo e que lhes dão, também, a ansiedade e por vezes a insatisfação que a caracteriza. E a evolução que o Mundo atravessa originando circunstancias de ordem externa com repercussão nos meios rurais, agrava conceitos que por vezes, não correspondem inteiramente á realidade. Mas seja como for, coisas há que estão em causa torna-se indispensável produzir mais, melhor e portanto em condições de custo mais favoráveis e torna-se necessário também proporcionar ao trabalho agrícola e a quem vive no campo uma vida mais compensadora quer para o esforço produzido, quer quanto ás facilidades é conforto a que as populações rurais têm jus. Está o Governo interessadissimo, através da sua constante preocupação pelos grandes problemas nacionais, em contribuir para que se atinjam tais objectivos e os Planos de Fomento nomeadamente o segundo, com inicio no próximo ano, atestam-no claramente.

«O contributo para um mais completo auxílio á agricultura nos seus multiplos aspectos vai ser cada vez maior. As ainda recentes modificações da estrutura dos serviços afectos á actual Secretaria de Estado da Agricultura atestam-o. Mas não se pode contar apenas com o Estado e com os seus serviços. A Lavoura compete dar uma franca colaboração. E como? Em primeiro lugar organizando-se. É certo que a organização nos seus vários graus é já um facto e resultados bem palpaveis estão á vista. Mas não é suficiente haver organização; é indispensável que *se viva*, nos seus multiplos aspectos essa organização. E nesse pormenor não parece demais afirmar-se que se está, em muitos casos, muito longe do que seria de desejar. Vejamos: o Grémio da Lavoura engloba todos os produtores agrícolas do concelho. Quantos deles colaboram efectivamente com o Grémio? E as associações seja de que natureza forem, serão o que os seus associados quiserem. As quotas para os Grémios da Lavoura são para a maioria dos agremiados de montante bem limitado, em função da sua contribuição para o Estado; em muitos casos inferiores ao que se paga para qualquer organização recreativa ou de interesse subsidiário. Há no entanto quem se lamente de ter que pagar a sua quota, ao mesmo tempo que censura a falta de préstimo do seu Grémio. Sem dinheiro nada se pode fazer e milagres não são próprios dos homens. Se a Lavoura quiser ver os seus problemas devidamente estudados e acompanhados, se pretende que o Grémio seja não apenas o fornecedor ou regulador de preços dos artigos de que a Lavoura necessita e o intermediário com os Organismos que dão escoamento aos seus produtos, se a Lavoura, dizíamos, aspira a que o Grémio seja o seu verdadeiro e eficaz representante tem de lhe dar a sua assistência pessoal e material. E terá de com ele formar bloco para seu interesse e prestígio».

A questão da batata

O eng. Quartim Graça elogiou depois a acção da Junta das Frutas, da Federação dos Produtores de Trigo e do Grémio da Lavoura, pelas facilidades mutuas concedidas e pelo espirito de colaboração manifestado, e acrescentou:

— Eu admito que estando num concelho para o qual o problema da batata tem importancia fundamental que estejam á espera que sobre ele lhes diga qualquer coisa de interesse. Não o vou fazer porém. Limito-me, por agora, a afirmar que se trata de matéria muito delicada que infelizmente têm trazido grande desorientação a todos os sectores interessados: produção comércio e consumidores, mas que precisa de ter uma solução aceitável.

«Trata-se fundamentalmente de uma questão de compreensão e de disciplina, além do aspecto técnico que oferece, já que respeita a um produto que, pelas suas caracteristicas, não pode estar sujeito ás normas de conservação e distribuição aplicáveis, com êxito a outros. E como se torna necessário consugar, tanto quanto possível, a produção com o consumo, — do milhão de toneladas produzidas cerca de metade destinam-se a ser negociadas — atendendo ás caracteristicas regionais para a cultura, ás épocas da colheita, e ás necessidades locais, só uma grande disciplina quanto ás variedades a cultivar, suas quantidades e regiões, e uma sólida regulamentação do comercio especialmente o que abastece os grandes mercados (Lisboa e Porto abrangem 30 % da parte comercial), poderá dar satisfação geral. Em regiões com as caracteristicas destas haverá que dar preferência ás variedades mais serodias e de melhor conservação. Está-se estudando o problema e é de admitir que novas variedades venham auxiliar a sua resolução. Mas convém também recordar que não serão os armazens para a recolha dos excedentes dados os aspectos técnicos e encargos financeiros que acarretam, que resolverão todos os problemas. A sua contribuição será valiosa, mas a própria Lavoura terá de participar activamente na conservação e colocação das suas colheitas».

A concluir, referiu-se de novo aos grémios:

— Os grémios da Lavoura, aqui como por esse País fora deverão ser o centro desse convívio indispensável onde se aflorem e discutam os aspectos agrícolas de cada concelho. Quando pela compreensão de todos tal for uma realidade, dias mais tranquilos surgirão sem duvida e mais despreocupada e feliz será a vida de quem se dedica á nobre profissão agrícola. Que venham bem cedo, são os nossos desejos!

Após a inauguração, os representantes do Governo seguiram para Vila Franca das Naves, a fim de visitar os terrenos onde se projecta construir a Adega Cooperativa Regional.

No domingo, o secretário de Estado da Agricultura, visitará o perímetro florestal de Manteigas e os postos de culturas regadas e de sequeiro em Idanha-a-Nova.

Os serviços da F.N.A.T.

vão ser remodelados

Os serviços da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho vão ser objecto de reformas, previstas num regulamento que está a ser elaborado e que compreende o alargamento dos quadros de pessoal e a formação de novas secções.

Sabe-se, ainda, que o actual presidente da direcção daquele organismo, sr. dr. Quirino Mealha, abandonará dentro em breve as suas funções.

A conferência

da Propriedade Industrial

Na Feira das Industrias Portuguesas, continuaram hoje os trabalhos da Conferencia Diplomatica de Lisboa da Propriedade Industrial, que em comissão geral elabora os relatorios das suas diferentes comissões tecnicas e os textos que estas lhe submeteram para aprovação.

A Conferencia tomou conhecimento do Acordo de Lisboa sobre a protecção das denominaçoes de origem e seu registo internacional. Este acordo, que vai ser assinado pelos Estados, prevê que cada país deposite no Bureau Internacional a lista das denominações de origem que desejar ver protegidas, e, por sua vez, o Bureau notificará a lista aos outros países que serão obrigados a respeitá-las.

A comissão geral examinou, ainda, o relatorio sobre as questões gerais e pronunciar-se-a sobre a nova protecção dos emblemas dos Estados e das organizações internacionais; sobre a utilização da lingua inglesa nas conferências e reuniões da União; e sobre a reorganização institucional da União (dotação do Bureau Internacional, criação de uma conferência administrativa etc.). Deverá ainda pronunciar-se sobre dois pontos do relatorio das marcas, que são: a questão do emprego simultaneo da mesma marca por várias pessoas e a protecção das marcas de serviço pelos países da União, segundo as modalidades das suas próprias leis nacionais.

O exame do relatório da IV Comissão deve, portanto, terminar hoje, pronunciando-se a Conferência sobre algumas modificações de redacção na Convenção Geral da União.

Ao fim da tarde, no Palácio de Queluz o ministro dos Negócios Estrangeiros recebe os participantes da Conferência.

Na remodelação e apetrechamento da "TA-MAR" colaboraram as seguintes firmas

PROJECTO E DECORAÇÃO
— do —
Arquitecto **Eduardo Moreira Santos**
Rua Carlos da Maia, 43, 2.º
LISBOA

INSTALAÇÃO ELECTRICA
— de —
A ELECTRIFICADORA
(Victorino, Pacheco & C.ª, Lda.)
Rua das Portas de St.º Antão, 130-132
LISBOA

MOVEIS SOUSA BRAGA
— de —
Manuel Sousa Braga & Filho, Lda.
Estrada de Benfica, 176
LISBOA

TOLDOS
— de —
«A SITE»
(Sociedade Industrial de Toldos e Encerados, S. A. R. L.)
Rua Vale de Santo António, 59
LISBOA

FORNOS E FOGÕES «PUJOL»
— de —
EDMUNDO LISBOA & PUJOL
Avenida de Roma, 26-B e 26-E
LISBOA

PASTELARIA E CONFEITARIA · RESTAURANTE · TELEFONE
TA-MAR
fornece lanches
Banquetes e Baptizados
AV. DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 2 A 4
ALGÉS

LOUÇAS E TALHERES
— de —
LARBELO, LDA.
Rua da Prata, 195-197
LISBOA

FRIGORÍFICOS «ARTICO»
ARTICO, LDA.
Jardim 9 de Abril, 18-20
LISBOA

ENGENHARIA
do Agente Técnico de Engenharia
JOSÉ DOS SANTOS
Rua Carlos Seixas, 9
LISBOA

TODOS OS TRABALHOS DE ACABAMENTO E REVESTIMENTO
são de
RUI J. DUARTE
Rua Andaluz, 15 e 50
LISBOA

CANDEEIROS
— da —
CASA ALVO
(A. C. Rodrigues & Irmão, Lda.)
Rua José Falcão, 57-A — **LISBOA**

VIDROS de **«A UNIÃO»**
(António da Silva Dores, Lda.)
Rua Luz Soriano, 23-A
Rua dos Anjos, 71-B, 71-C
LISBOA

TRABALHOS DE SERRALHARIA
— de —
ANTUNES & GASPAR, LDA.
Rua Cláudio Nunes, 71
LISBOA

BELARTE

Leitão de Barros agradecendo o prémio ao presidente da Camara

NOS PAÇOS DO CONCELHO

Leitão de Barros recebeu

o Prémio Júlio Cesar Machado

(Continuação da 1.ª página)

banda de musica, formou junto ao edifício do quartel.

Descerramento de uma lápida no quartel dos Sapadores Bombeiros

Depois de o sr. coronel Salvação Barreto ter passado revista a essa formação, dirigiu-se com o seu séquito para o primeiro andar do edifício, onde foi descerrada uma lápida de mármore, na sala de honra do batalhão, em homenagem ao presidente e vice-presidente da Camara e ao antigo director dos serviços do pelouro de incêndios, recentemente falecido, sr. eng.º Judah Ruah pela acção renovadora que levou a efeito nos serviços dos bombeiros.

Estavam presentes, em representação da família do eng.º Judah Ruah, o seu cunhado sr. dr. David Benoliel, acompanhado de sua irmã e filhos.

O sr. cornel Ribeiro Viana, 1.º comandante dos Sapadores Bombeiros, depois de agradecer a presença do presidente e do vice-presidente da Camara, afirmou que com a cerimónia simbólica e tradicional do descerramento da lápida na sala de honra se pretendia exprimir a profunda gratidão daquela corporação para com os dirigentes do Município, cuja visão renovadora tanto beneficiou os meios de acção dos bombeiros.

«Trairia a história — acrescentou — se não ligasse á queles dois nomes o do eng.º Judah Ruah, que sempre deu aos Sapadores Bombeiros a maior liberdade de acção, exigindo-lhes em troca a maior responsabilidade.

O ten.-coronel Salvação Barreto, em seu nome e no do sr. Pastor de Macedo, agradeceu a homenagem, dizendo que preferiria que, sem alusão ao seu nome, apenas se houvesse feito um registo da acção da Camara em relação á corporação dos Sapadores Bombeiros. Aceitava, porém, plenamente a homenagem ao eng.º Judah Ruah. Não fizemos mais — prosseguiu — do que realizar as aspirações do povo de Lisboa em relação aos seus bombeiros, dando-lhes os meios necessários para cumprirem as suas obrigações.

Inauguração de melhoramentos

Em seguida, foram inaugurados a secretaria dos novos serviços técnicos do batalhão e cinco autotanques com capacidade para cerca de 4.000 litros de água, todos eles com bombas de alta e baixa pressão ligadas a duas agulhetas de nevoeiro e duas de 70 milímetros.

Entrega de medalhas a bombeiros condecorados

Por fim, na parada do quartel, perante a formatura dos Sapadores Bombeiros, procedeu-se á cerimónia da entrega de 41 medalhas de prata e 21 de cobre aos bombeiros condecorados por anos de serviço. Nota curiosa e digna de registo, em todos os actos solenes que se efectuam na central de Bombeiros aparece sempre, apesar dos seus 91

(Continua na 10.ª página)

OS
4.000 CONTOS
da
LOTARIA COMEMORATIVA
DO V CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO
DA RAINHA D. LEONOR
continua à venda no
QUIOSQUE TIVOLI
e nas suas sucursais de Lisboa e Porto

2 séries — 120$00
bilhete — 60$00
quintos — 12$00

(pelo correio mais 2$50 — não se envia jogo á cobrança)

Façam quanto antes os seus pedidos ao
QUIOSQUE TIVOLI

Morreu hoje em Roma

o cardeal americano Mooney

que devia participar no Conclave

(Continuação da 1.ª página)

XII, e apenas durou dois dias, dos quais só um para a eleição propriamente dita.

Contudo, é opinião geral que o Conclave não se prolongará muito e não irá além de uma semana. Notava-se, esta manhã, o fim de um ciclo nas predicções que marcaram os ultimos dezasseis dias, desde o falecimento do Padre Santo. Depois de levantarem as hipóteses mais diversas (sendo a mais frequente a de um papa idoso, dito «de transição», mas secundado por um secretário de Estado de personalidade acentuada, como mons. Montini, arcebispo de Milão, hoje, os vaticinadores calam-se. Entramos no segundo ciclo, o da «santa impaciência». Dizem-se missas, fazem-se preces, nas igrejas de Roma e de todo o Mundo católico.

Finda a alocução de mons. Bacci, os cardeais voltaram, em procissão, para a sacristia. — (F. P.).

O solene cortejo na catedral

CIDADE DO VATICANO, 25. — Para a cerimónia ritual que precede a eleição do Sumo Pontífice e data de há séculos, as portas da Grande Sacristia da Basílica de S. Pedro foram abertas, ás 9 e 15, pela Guarda Suíça, e os cardeais desfilaram, em cortejo, até o altar da Cadeira.

Os purpurados passaram a ultima noite no mundo exterior, antes da eleição, nos vários colégios pontifícios espalhados pelas sete colinas de Roma.

Acólitos, empunhando velas e com as suas sobrepelizes brancas sobre as sotainas pretas, conduziram os principes da Igreja em direcção á ábside da catedral.

Alguns cardeais caminhavam com passo firme; outros, vergados ao peso da avançada idade, seguiam lentamente. O mais jovem de todos era o cardeal José Siri, que conta 52 anos e é arcebispo de Génova. O mais idoso, com 92, era a cardeal José Maria Caro Rodriguez, arcebispo de Santiago do Chile. O cardeal Spellman, arcebispo de Nova York, seguia a curta distancia do unico principe da «Igreja do Silêncio», ali presente, o cardeal Estêvão Wyszynskiy, da Polónia.

O cortejo desfilou em frente das tribunas, cobertas de panos roxos, reservados aos diplomatas de 42 nações os quais, nas suas fardas de grande gala, com faixas vermelhas e medalhas, assistiam á primeira cerimónia do dia marcado para o inicio da eleição do novo Papa.

Religiosos de todas as Ordens abriam alas, na nave da catedral, á passagem do cortejo. Num mar de cor, via-se o castanho-chocolate dos Franciscanos, o branco imaculado dos Dominicanos, o escarlate dos seminaristas alemães. Os hábitos brancos e pretos e os toucados das religiosas de várias congregações distinguiam-se por entre aquela multidão em religioso silêncio.

Em filas de dois, os cardeais encaminharam-se para os respectivos genufluxos e cadeirões forrados a escarlate, dispostos ao longo de ambos os lados do altar-mor. Foi ali que a urna com o corpo de Pio XII esteve exposta á veneração dos fiéis, antes de ser encerrada, para a eternidade dos tempos, nas grutas revestidas por lajes de mármore.

A Guarda Suíça, com os seus capacetes medievais negros, e reluzentes fardas, em azul e oiro, deram passos á retaguarda, afastando-se dos cardeais, quando começou a missa.

Nesse momento, o cardeal Tisserant, avançando sózinho, subiu o escadório de mármore que conduz ao altar-mor. Num degrau inferior, três acólitos: os cónegos da catedral de São Pedro e das basílicas de São João de Latrão e de Santa Maria Maior. A missa foi acompanhada por canticos pelo coro da Capela Sistina.

A entrada para o Conclave

CIDADE DO VATICANO, 25 — A's 14 e 30 os cardeais dirigiram-se para o Conclave. Juntam-se na Sala Régia, para se concentrar

(Continua na 10.ª página)

Dr. Ribeiro dos Santos

Vindo de Paris, regressou hoje a Lisboa o nosso prezado camarada dr. José Ribeiro dos Santos, chefe da redacção do «Diário de Lisboa», que tomou parte, com outros jornalistas portugueses, numa visita ao Sul da França, a convite da Direcção-Geral do Turismo Francês.

O papel da mulher

na literatura brasileira

segundo a romancista

Dinah Silveira de Queiroz

Dinah Silveira de Queirós estende os olhos até ao Tejo azul, que corre, em baixo, no ocre e oiro claro desta manhã de Outono, serena; passeia a vista, com uma ternura luminosa, pelas malvas dos canteiros, pelas buganvilias, pela verdura aconchegada da Encosta da Ajuda, depois envolve na carícia muda de um sorriso a lanterninha tipica que pende da esquina da vivenda, e diz:

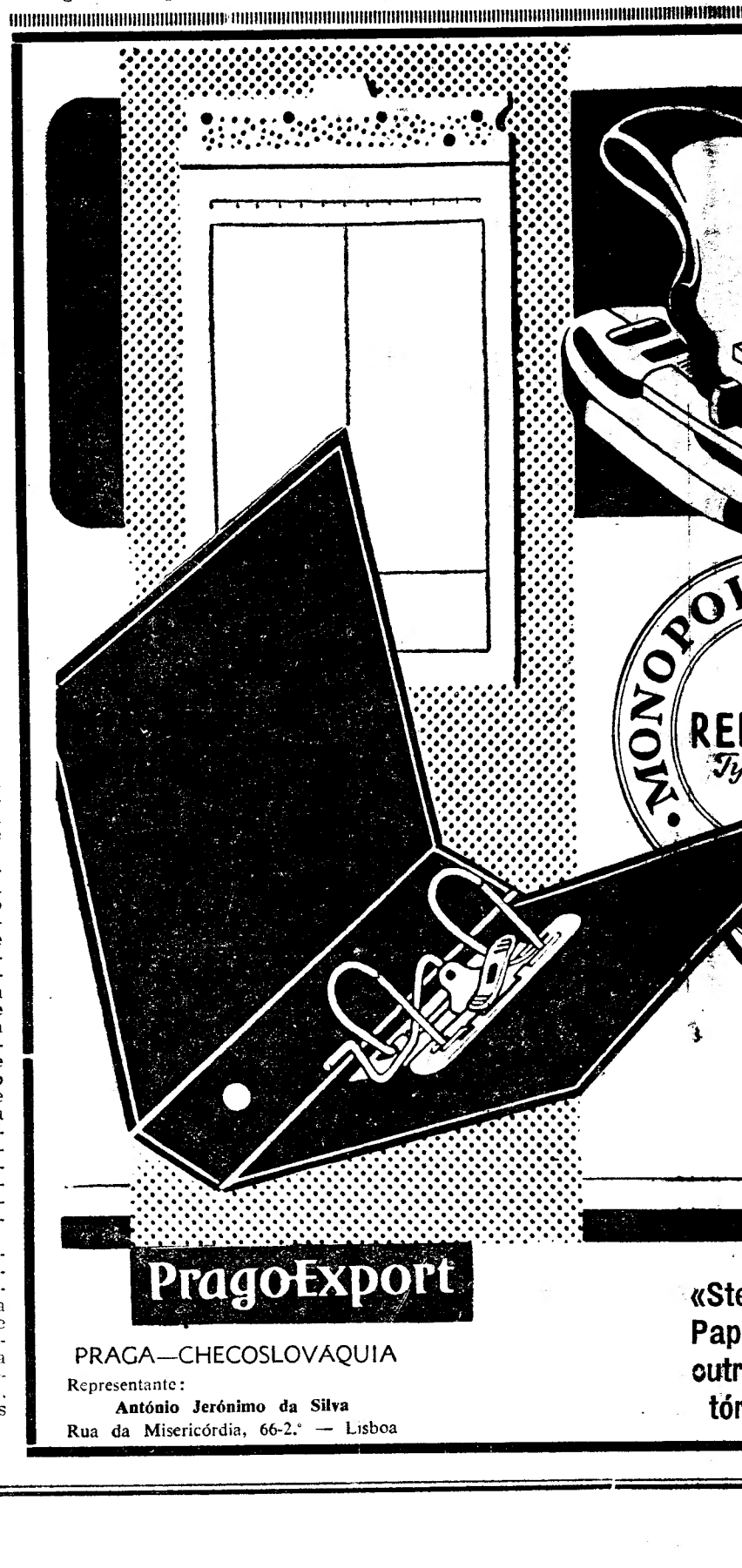
DINAH SILVEIRA DE QUEIRÓS

— Tinha de voltar a Portugal, um dia ou outro. Há muito que esta paisagem chamava por mim... Trouxe-me agora até cá a publicação da edição portuguesa do meu romance «Floradas na serra».

Esta obra, transposta para o cinema, premiada pela Academia Paulista de Letras, foi — é preciso dizê-lo — de entre todas as de Dinah Silveira de Queirós aquela que o publico parece ter definitivamente eleito, aquela a que o Brasil tributa inextinguivel carinho desde a data do seu aparecimento, há quase vinte anos. Talvez por «Floradas na serra» ter sido na literatura brasileira como que um monumento de ar livre, «a janela de um abismo aberta para o azul «no dizer de Tristão de Ataíde, um romance da doença, ou melhor, da barreira entre os doentes se descobre a simples maravilha de existir, e escrito num estilo invulgarmente grácil e fresco, que José Lins do Rego comparava a «uma fonte cantando num jardim».

É a propósito da evidente intenção artística desse estilo que a interrogamos. Conhecendo o ambiente familiar em que se desenrolou a adolescência de Dinah Silveira de Queirós (a casa de seu pai, fundador do «Movimento da Anta», era um viveiro de modernistas, ansiosos de revitalizarem a literatura, contrariando as degenerescências

(Continua na 10.ª página)



PRAGA—CHECOSLOVAQUIA
Representante:
António Jerónimo da Silva
Rua da Misericórdia, 66-2.º — Lisboa

...oney

...ência.
...ardeais en-
...respectivos
...forrados a
...ngo de am-
...or. Foi ali
...de Pio XII
...eração dos
...rrada, para
...s, nas gru-
...de mármo-

...os seus ca-
...os, e relu-
...e oiro, de-
...la, afastan-
...ndo com-

...rdeal Tisse-
...o, subiu o
...que conduz
...au inferior,
...ia catedral
...icas de São
...anta Maria
...ompanhada
...da Capela

...Conclave

...ANO, 25 —
...dirigiram-
...ntam-se na
...concentrar

...ágina)

O FALECIMENTO
do cardeal Mooney

ROMA, 25—Faleceu, hoje, ás 15 e 30, no Colégio Americano, o cardeal Edward Mooney, arcebispo de Detroit. Contava 76 anos. Era cardeal desde 1946.

Chamavam-lhe, nos Estados Unidos, «Cardeal self-made man» («O homem que subiu á sua custa e chegou a cardeal»). — (F. P. e A. N. I.).

Com 77 doentes a bordo
regressou da Terra Nova
o navio-hospital «Gil Eanes»

O «Gil Eanes» regressou da Terra Nova com 77 doentes. Depois de percorrer milhares de milhas e socorrer numerosos pescadores que adoeceram durante a faina da pesca, aquele navio-hospital atracou, esta manhã, ao cais da Rocha do Conde de Obidos, onde duas ambulancias dos Bombeiros Voluntários de Lisboa aguardavam o desembarque dos doentes mais graves, que logo foram transportados á Liga dos Amigos dos Hospitais. Por sua vez, os pescadores cuja doença se considera de menor gravidade seguirão para suas casas, onde terão de observar repouso durante o tempo considerado indispensável pelos serviços de saude das Organizações das Pescas.

Pouco depois do «Gil Eanes» atracar, foram a bordo os srs. comandante Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos referidos organismos; comandante Valente de Araujo, director da Escola Profissional de Pesca; eng.º Higino de Queirós e Sebastião Barroso, respectivamente, presidente e vogal da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau; comandante Raul Fernandes e José Gomes de Carvalho, directores do Grémio dos Armadores da Pesca do Bacalhau; dr. Sebastião Guimarães, José Maria Prata e Joaquim Maia Aguas, funcionários supeirores do mesmo organismo; Luís Ferreira de Carvalho, director da Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau; dr. Duarte Silva e Antonio Couto, directores da Cooperativa dos Armadores de Bacalhau; dr. Moreno Antunes, director dos Serviços de Saude e Assistência; e capitão José dos Santos, pelo Sindicato dos Capitães e Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante, os quais apresentaram cumprimentos aos srs. comandante Tavares de Almeida e capitão João Pereira Ramalheira, respectivamente, chefe dos serviços de assistência á frota bacalhoeira no mar e comandante do «Gil Eanes», que relataram as dificuldades de que este ano se rodeou a assistência aos bacalhoeiros, devido aos grandes e violentos temporais que assolaram os mares da Terra Nova e Gronelandia.

A este propósito, o comandante Tavares de Almeida afirmou:

— Desde 1943, foi esta a mais dura e dificil campanha, não só para a assistência, como para os capitães, oficiais e pescadores, em consequência da escassez de peixe e de isco, e pelas péssimas condições do tempo. Durante a presente campanha, os serviços médicos do «Gil Eanes» observaram 1456 doentes, 50 dos quais foram sujeitos a intervenções de grande cirurgia e 57 de pequena cirurgia. A bordo, foram ainda ministradas 4.656 injecções e extraidos 538 dentes.

Os naufragos do Santa Isabel

Os náufragos do bacalhoeiro «Santa Isabel», que se afundou próximo dos Açores, devem chegar a Lisboa na próxima terça-feira.

Um cruzador britânico
veio ao Tejo receber
o comandante-chefe da «Home-Fleet»
que chegou da América em avião

Vindo dos Estados Unidos da América do Norte, onde esteve em missão da N. A. T. O., chegou a Lisboa esta madrugada, pelas 5 horas, de avião, o almirante William Davis, comandante-chefe da «Home Fleet» e comandante-chefe da N. A. T. O. na Zona Oriental do Atlantico. No aeroporto, aguardavam o almirante William Davis o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Guerreiro de Brito, e o adido naval britanico, comandante Beet.

Entretanto, entrava no Tejo o cruzador «Apollo», unidade da «Home Fleet» em que normalmente anda embarcado o almirante William Davis. O navio fundeou a meio do rio, cerca das 3 horas da madrugada, tendo o comandante-chefe da «Home Fleet», seguido para bordo, numa vedeta da Armada portuguesa posta á sua disposição, depois de ter tomado uma ligeira refeição no aeroporto da Portela, donde seguiu de automóvel para a Doca da Marinha.

O «Apollo» deixou o Tejo ao alvorecer.

O almirante William Davis conversando com o almirante Guerreiro de Brito e comandante Beet

De Gaulle e a Argélia (6)

Depois do referendo, o discurso do general de Gaulle em Constantina e a sua carta ao general Salan sobre a acção dos militares, a sua presença nas comissões de salvação publica e o papel que lhes cabe na realização das eleições foram o prólogo da sensacional conferência de Imprensa do dia 23 e marcam uma viragem na politica argelina da França. Coincidindo com a sua decisão sobre o tipo de lei eleitoral a adoptar na consulta de Novembro, pode falar-se de uma modificação revolucionária na orientação que lhe atribuiam amigos e adversários. Era tão heterogenea a massa que votou «sim» em 28 de Setembro que ninguém tinha duvidas de que, ultrapassada aquela data, o chefe do Governo francês apressaria o esclarecimento da situação equivoca que predominava naquele pais desde o golpe de 13 de Maio.

O resultado do referendo deu-lhe uma autoridade maior do que aquela que era possivel atribuir-lhe antes, considerando as condições em que subiu ao Poder — perante a renuncia do regime legal sob a ameaça da guerra civil dada como fatal e iminente. A sua preocupação de não ser prisioneiro das forças da direita e da extrema direita na metrópole e dos «ultras» associados aos generais da Argélia era evidente. Essa hipoteca, se a contraísse, poria rápido termo á sua carreira e á da V Republica.

Os militares apressaram-se a cumprir as instruções contidas na carta ao general Salan e abandonaram as comissões de salvação publica, organismos que constituiam o principal obstáculo ao restabelecimento da ordem e da legalidade na Argélia. As instruções para o acto eleitoral revelam a firme intenção de não permitir que a consulta aos Europeus e Muçulmanos seja uma ficção para encobrir intenções suspeitas. Uma série de medidas complementares, entre as quais a entrada na Argélia de todos os jornais e publicações editadas na metrópole completam as primeiras e visam a regularização da situação anormal criada pelo golpe de 13 de Maio.

Até que ponto serão as intenções do general de Gaulle correspondidas para além do acatamento das suas instruções? A esse respeito não devem alimentar-se grandes ilusões, embora nada autorize a dizer que ele se deterá a meio do caminho que começou a percorrer para pôr termo á guerra e restabelecer a paz na Argélia por meio de negociações com os «interlocutores válidos» que até agora não apareceram. Vai o diálogo franco-argelino, objectivo da politica do general de Gaulle na Argélia, travar-se com os representantes da F. N. L., de maneira directa, pelo reconhecimento do Governo no exílio, ou indirecta se os rebeldes fizerem triunfar algumas das suas candidaturas, embora com rótulo diferente? Ou prefere de Gaulle travá-lo com outros elementos menos comprometidos em actos de terrorismo e violência?

O chefe do Governo francês habituou-nos aos seus métodos cautelosos e discretos, consequência dos ensinamentos colhidos nas horas eufóricas do Rassemblement. E' seu propósito firme não reincidir neles e não cair nas armadilhas em que estrebucharam os seus antecessores — Bourgès Maunoury (lei quadro) e Felix Gaillard (bons oficios). O general conhece a psicologia e está ao corrente dos processos dos demagogos de Argel para se deixar surpreender ou ilaquear por eles.

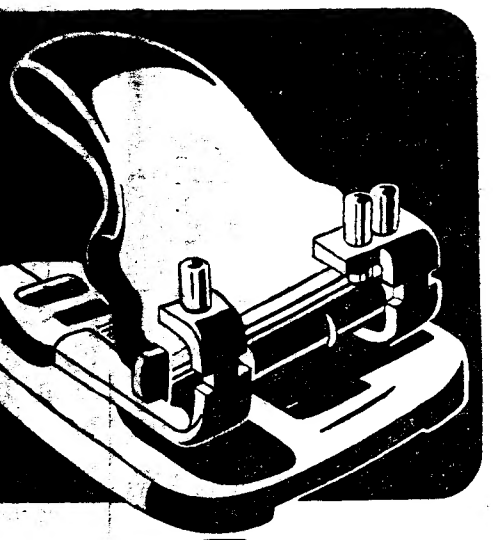
O seu plano para a Argélia começou a ser revelado no discurso de Constantina e na ceia dos capitães actos com os quais mostrou que estava decidido a ir longe na senda dos contactos directos, á margem dos chefes militares e das autoridades civis confinados no psitacismo da integração e da Argélia francesa, formulas ultrapassadas pelos acontecimentos. A sua preocupação de evitar a internacionalização definitiva do problema argelino justifica-se na medida em que se aproxima com a reunião da assembleia geral da O. N. U., o debate em que o assunto será tratado e os adversários da França esperam receber os juros do capital de erros consentidos pelos seus dirigentes.

Há naquele plano lacunas e incógnitas. A visão de uma Argélia transformada e pacifica ao fim de cinco anos é de um optimismo que a sua eloquência não basta para justificar. A sua confiança nos recursos da França, para levar a cabo uma obra que a esgotaria, consumindo capitais e energias, de que precisa para outros fins parece excessiva. A sua esperança na acção milagrosa de uma politica a distancia não entra em conta com aqueles que mostram uma intransigência que nada conseguiu abalar. Se a reedição do golpe de 13 de Maio é impossivel, nada autoriza a concluir que os seus autores desistiram de realizar os objectivos que sempre proclamaram e pouco têm de comum com a sorte da Argélia e a grandeza da França.

Tendo em conta os riscos de uma inacção prolongada, o chefe do Governo francês, na sua conferência de Imprensa de 23, lançou uma ofensiva de paz, sem exclusões. Em que medida essa decisão corresponde a conversações em curso de que frequentemente se tem falado é dificil dizê-lo. Seja como for o problema argelino entrou numa viragem decisiva e pela primeira vez se vislumbram perspectivas de paz, sem a qual a França não desempenhará a sua m issão tradicional na Europa, no continente africano e no resto do Mundo.

Dr. Lino Neto

Foi designado para exercer as funções de chefe de gabinete do ministro das Corporações e Previdência Social o juiz de 1.ª classe sr. dr. Lino Neto, magistrado do 7.º Juízo Civel de Lisboa, que foi juiz dos tribunais do trabalho e subdirector da Polícia Judiciária no Porto e em Lisboa.


MONOPOL · MONOPOL · MONOPOL
13m/m FOR REMINGTON Typewriter
«Stencils» MONOPOL
Papel químico MONOPOL
outros artigos de escritório

PARA COMPRA VENDA e HIPOTECA de PROPRIEDADES
A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
DINHEIRO sobre AUTOMOVEIS
Emprestamos qualquer quantia
Transacção efectuada em menos de 1 hora
·MÁXIMO SIGILO·
14 R. Passos Manuel
Telef 27011-28721
PORTO
3 Rossio LISBOA
Telefones: 21391-30257

OURO E PRATA
Compra e vende aos melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
R. Augusta, 253 — Tel. 24564

Pretendem vender ouro, pratas, ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

DENTES COMO ESTES SO' COM
PASTA MEDICINAL COUTO
CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

Conversa com a escritora

Dinah Silveira de Queiroz

(Continuação da pagina central)

do esteticismo), queremos saber como resistiu ela a essa influência antiliterária.

— Mas foi precisamente por a ter «vivido» tão de perto que dela me desprendi logo.. sem deixar talvez de lhe auferir os benefícios.

E acrescenta que é «Modernismo» com os seus propósitos de impressionar a todo o transe, pondo o publico em estado de choque, mediante efeitos afinal fáceis, está hoje completamente superado.

De facto, Dinah Silveira de Queirós concilia a modernidade da expressão a autenticidade de uma linguagem que lhe nasce, lindíssima dos sentidos com a riqueza de uma inventiva tão forte que lhe permite sem se filiar em nenhuma corrente, sem adoptar nenhum modelo saltar de um tema para outro (é lícito no seu caso falar em temas mas não em teses) de uma para outra atmosfera. O instinto mistico, o instinto erotico, combinam-se sujeitos a uma arte subtil. Algumas das mais belas narrativas da sua colectânea intitulada «As noites do morro do encanto». Fala extraordinária peça antológica que se chama «Tarciso».

— Qual o seu livro de que mais gosta?

Confessa-nos que esse livro é «Margarida la Rocque» a história de uma francesa que, em pleno período dos Descobrimentos, atraida pelas lendas do Novo Mundo aporta a uma ilha onde o mistério do sexo e o mistério do sobrenatural se confundem na realidade quotidiana. Livro de descoberta fábula lirica em torno das zonas mais profundas da vida, definem-o a própria autora como «uma floresta de símbolo», como «a própria solidão da mulher»:

— A ilha, onde os sentimentos são visiveis, é essa mesma solidão da mulher, com todos os seus fantasmas.

Outro romance de Dinah Silveira de Queirós («A Muralha») nos interessa particularmente, dado que é uma portuguesa a sua heroina. Porquê?

— Simples acto de justiça. Quis contar a infancia do povo paulista a aventura dos bandeirantes. A «matriarca» portuguesa não podia deixar de nela ocupar o seu lugar.

Efectivamente Cristina, a portuguesa que se integra num país novo e cruel, que se lança no vórtice das paixões e das pugnas é quem simboliza a dádiva do colono português á sua terra de adopção e a sua resistência prodigiosa a todas as fatalidades.

A propósito dessa figura feminina somos levados a falar do papel da mulher na literatura e Dinah Silveira de Queirós cita algumas das escritoras brasileiras mais autênticas: Cecilia Meireles, Lygia Fagundes Telles, Helena Silveira, Ondina Ferreira, Raquel de Queirós, sua prima por afinidade, não só ficcionista como excepcional cronista dotada de uma acerada ironia de uma filosofia própria de uma antenal receptividade á vida brasileira.

Vice-presidente da União Brasileira de Escritores que em fins de Novembro próximo efectuará o seu 5.º Congresso, em São Paulo á margem de quaisquer divergências políticas entre os seus membros, Dinah Silveira de Queirós refere-se á necessidade de um amplo Congresso dos Escritores de Lingua Portuguesa. Lastimando sinceramente a falta de intercambio real entre as duas literaturas e os artistas portugueses e brasileiros, lamenta em especial que seja tão difícil no Rio de Janeiro conseguir sequer ler um jornal português.

Dinah Silveira de Queirós é esta tarde homenageada com uma recepção em sua honra, oferecida nos salões da Editora Ulisseia pelo respectivo director, sr. dr. Figueiredo de Magalhães.

O ministro

das Obras Públicas começou hoje uma série de visitas em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 25 *(Pelo telefone)*.—O ministro das Obras Publicas começou hoje as visitas de estudos no distrito de Viana do Castelo. Cerca das 9 e 30 horas, o sr. eng. Arantes e Oliveira, acompanhado do eng. Sá e Melo, director-geral dos Serviços de Urbanização recebeu, no Grande Hotel de Santa Luzia, os cumprimentos das entidades oficiais da cidade: do governador civil eng. Reis Faria, presidente da Camara, dr. Araujo Lobo; deputados e os presidentes das Camaras de Ponte de Lima e Ponte da Barca.

Seguidamente, o ministro e a sua comitiva seguiram para Vila da Praia de Ancora, Coimbra, Vila Nova de Cerveira e Valença.

Ao fim da tarde regressa a esta cidade, a fim de estudar com os presidentes das camaras de Viseu e Ponte de Lima o problema do açoreamento do rio Lima.

Amanhã, depois de percorrer algumas localidades do distrito, o ministro voltará a esta cidade para rever outros problemas.

A visita a Caminha

CAMINHA, 25 *(Pelo telefone)*.—Esteve hoje nesta vila o sr. eng. Arantes e Oliveira, ministro das Obras Publicas, que se fazia acompanhar do governador civil do distrito eng. Reis Faria, e por técnicos do seu Ministério.

O ministro recebido em Vila Praia de Ancora estudou com o presidente da Camara Municipal e técnicos locais entre outros assuntos os relativos ao Domínio Publico Maritimo, regolfo e montante da ponte para formar uma piscina, plano de urbanização e planta actualizada, porto de abrigo, saneamento e esgotos. Dali, dirigiu-se o ministro para Caminha, onde visitou obras aqui realizadas e lhe foi apresentado o plano de urbanização e expostos os problemas referentes ao arranjo da muralha fronteira á igreja matriz.

A inauguração da cantina escolar de Valença

VALENÇA, 25 *(Pelo telefone)*.—Procedente de Vila Nova de Cerveira e acompanhado do subsecretário de Estado da Educação Nacional, do chefe do distrito e de outras entidades, chegou a Valença o sr. eng. Arantes e Oliveira que, após o almoço, teve uma reunião nos Paços do Concelho em que se estudaram diversos problemas cuja solução depende do Ministério das Obras Publicas. A construção da pousada, as obras de saneamento, o matadouro e a revisão do plano de urbanização mereceram especial atenção.

A hora a que telefonamos, vai proceder-se á inauguração da cantina escolar de Valença, depois do que o ministro regressa á cidade de Viana do Castelo.

António Ferro

sentidamente evocado nos "bodos de prata" do Secretariado

Principiaram esta manhã as comemorações do 25.º aniversário da criação do Secretariado Nacional de Informação. No cemitério do Alto de S. João, no jazigo de António Ferro, o primeiro secretário Nacional de Informação, foram depostas flores pelo dr. César Moreira Baptista, que dirige agora este organismo. Além da poetisa Fernanda de Castro e do escritor António Quadros, viuva e filho do diplomata e escritor que foi brilhante jornalista estavam presentes chefes de repartições e funcionários daquele departamento.

Depois, na igreja de Santo António, á Sé, monsenhor Moreira das Neves celebrou missa por alma dos funcionários do S. N. I. falecidos, acompanhada da «Polyphonia» dirigida por Mário Sampaio Ribeiro.

Esta tarde, na sala do Teatro do Palácio Foz, o dr. António Quadros falará de «António Ferro um enamorado da paisagem», na qual estão integrados textos do escritor lidos por artistas de teatro.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

PRISÃO DE SUSPEITOS — A Policia Judiciária, que está a intensificar a sua acção em parte devido aos ultimos assaltos e roubos verificados na capital, prendeu vários individuos, alguns dos quais por se suspeitar de que façam parte de uma quadrilha que actuava em Lisboa e nos arredores. O respectivo processo está já a ser organizado por aquela corporação.

ENVIADOS A TRIBUNAL POR FURTO — A Policia Judiciária concluiu e enviou ao Tribunal da Boa Hora um processo em que são arguidos Carlos Alberto Mira Barreiros e Anastácio Luís Moreira Ferreira, que também usa o nome de Alvaro Luís. Figuram como queixosos, no referido processo, quatro advogados e um médico.

O segundo arguido nos interrogatórios a que foi submetido confessou que se introduzira nos escritórios dos queixosos por meio de chave falsa furtando vários artigos e algum dinheiro. O primeiro todavia negou ter qualquer ligação com o caso, o que foi confirmado pelo Anastácio.

PELOS HOSPITAIS

QUEDA MORTAL — Na Amadora, caiu de uma camioneta carregada de produtos horticolas a vendedeira ambulante Angela Ferreira Santos, de 35 anos, moradora em Odanha (Belas). Transportada para o Hospital de S. José, ai chegou já morta, sendo o seu cadáver levado para o Instituto de Medicina Legal.

ASSEMBLEIAS GERAIS

No proximo dia 3, ás 15 horas na Feira das Industrias Portuguesas reune-se a assembleia geral do Gremio Regional dos Industriais de Construção Civil e Obras Publicas do Sul.

CONFERENCIAS

A Sociedade Nacional de Belas Artes promove duas conferências uma hoje ás 21 e 45, sobre «Conceito e situação de arte moderna em Portugal» por José Augusto França, e outra no próximo dia 31 a mesma hora, sobre «As caracteristicas da estética nova», por Sarette Tavares.

VIDA ASSOCIATIVA

O Nucleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges promove, depois de amanhã as 10 e 30 no seu edificio daquela Escola com a colaboração da Sheil Portuguesa, uma sessão de cinema cultural, especialmente destinada aos seus associados e familiares.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Abrilhantadas por conjuntos musicais e dedicada especialmente aos respectivos associados e suas familias, haverá festas, esta noite, nos Alunos de Apolo (com variedades) Casa da Comarca de Arganil, Academia 1.º de Setembro de 1867, Avis Atlético Clube, Casa do Concelho de Gouveia e Associação de Beneficência «Luís Braille»; e amanhã de tarde na Casa do Alentejo, Casa do Algarve e Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul e á noite na Casa do Concelho de Tondela e Sporting Clube da Penha. Nas três colectividades indicadas em primeiro lugar, haverá também festas idênticas amanhã de tarde.

—Um grupo de associados da Tuna Comercial Torriense promove hoje, a partir das 22 horas, em Torres Vedras uma festa com variedades e baile cuja receita reverterá para o cofre da Colónia Balnear Infantil «Dr. Trigo de Negreiros» da Praia de Santa Cruz. Colaboram na festa o conjunto de José da Silva e muitos artistas da Rádio.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma mala, uma chave de bocas, um calendário, dois tampões para depósitos de gasolina, um tampão para rodas de automovel, dois aros para rodas de automóvel, um relógio, um embrulho, um porta-moedas, uma máquina fotográfica, uma caneta, um envelope, dois diplomas escolares, uma selecta de alemão, um bilhete de identidade, uma carta de condução, um alfinete e diversas argolas com chaves.

Faculdade de Direito de Coimbra

O prof. dr. Guilherme Braga da Cruz foi nomeado director da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

A reunião do Conclave

para a eleição do novo Pontífice

(Continuação da pagina central)

no átrio do palácio do Vaticano cadeados pelos seus conclavistas. Cada cardeal tem ao seu serviço dois membros da Guarda Nobre.

As malas dos prelados, dos conclavistas que lhes servem de secretários, com rótulos de companhias de aviação e de hoteis dispersos pelo Mundo, já estavam depositadas nas «celas». Os ultimos pedreiros carpinteiros electricistas que trabalharam até meio da manhã na instalação da pequena «povoação» agora emparedada como para um cerco, despediram-se.

Não tardará a ouvir-se a sineta no pátio de São Damaso, e as palavras «Extra omnes» (Saiam todas as pessoas que não participam no Conclave). O cardeal Tisserant e os cardeais chefes da ordem dos sacerdotes e dos diáconos orientam as operações de encerramento. A inspecção para haver a certeza de que nenhuma pessoa estranha ao Conclave se encontra escondida no recinto é extremamente rigorosa. Depois as portas foram fechadas á chave, por dentro e por fora. No interior do recinto, as chaves serão entregues ao cardeal camerlengo Benedetto Aloisi Masella. No exterior, ficam nas mãos do principe Sigismundo Chigi Albani della Rovere, cuja familia (que conta dois papas Julio II e Sisto IV) tem o cargo hereditário de marechal perpetuo da Santa Igreja Católica e de guarda do Conclave. Fora deste, a vigilancia fica confiada nas quatro portas ou «torres» a quatro capitães e, no interior do recinto, aos prelados da Camara Apostólica ás ordens do governador do Conclave, mons. Ballori du Vignale.

Os cardeais ficaram em isolamento

Os purpurados encaminham-se depois para a Capela Paulina, pelas rampas de madeira enquanto as portas se fecham silenciosamente após a sua passagem, e os «Sampietrini» selam as estreitas aberturas que ainda restarem.

A procissão é acompanhada de orações, rogando á misericórdia divina a sua protecção. Ao chegar á capela Sistina a longa fila dos prelados passa lentamente o limiar. O prefeito das cerimonias convida, então todos os estranhos a retirar-se. Ficam apenas os cardeais e os conclavistas, isolados do Mundo até á eleição do sucessor de Pio XII.

No enclausuramento da capela esta noite, os cardeais entregam-se á leitura do articulado da «Constituição Apostólica» no que diz respeito á sédia vaga. Trata-se de um maciço documento em latim descrevendo todo o ritual da votação e da eleição do Sumo Pontifice. Segue-se a cerimónia do juramento da Constituição Apostólica, por todos os prelados: «Nós, cardeais-bispos, cardeais-padres e cardeais-diáconos da Santa Igreja Romana, prometemos, declaramos e juramos observar á letra tudo quanto está contido na Constituição do Sumo Pontifice Pio XII relativamente á vaga tura da sédia apostólica e á eleição de um Pontifice».

O primeiro escrutinio será efectuado amanhã, ás 8 horas (T. M. G.), quando o sino do pátio de São Damaso der três badaladas, chamando os principes da Igreja a abandonarem as suas celas a fim de lançarem o primeiro voto.

Anoitecerá, pois, em Roma, antes de os purpurados procederem á primeira votação. Ao mundo exterior, só restará aguardar o penacho de fumo, que, amanhã, ás 10 e 30, sairá da chaminé da Capela Sistina, quando se queimarem as listas do primeiro escrutinio. Haverá então muitos curiosos na Praça de São Pedro, para verem esse fumo erguer-se no ceu de Roma, mas ninguém duvida de que esse primeiro sinal enviado do Conclave, será negativo: negro. Quando, ao cabo de um numero indeterminado de dias, for branco, subindo no ceu do lado da cupula de Miguel Angelo a Cristandade terá, de novo, um chefe.—(F. P. e A. N. I.).

Os cardeais americanos e a eleição do Pontifice

WASHINGTON, 25.—Os cardeais americanos têm o direito de participar na eleição do Papa e nada a recear quanto a perderem a sua nacionalidade - declarava-se ontem, na Secretária de Estado. Interrogado sobre as declarações feitas, recentemente, por diversas personalidades protestantes americanas que protestaram contra o acto dos cardeais americanos participarem na eleição do novo Pontifice o informador da Secretaria de Estado definiu da seguinte forma a posição oficial dos Estados Unidos:

«O carácter das eleições do Papa é religioso e a personalidade eleita passa a ser bispo de Roma e chefe da Igreja catolica. O facto do Papa ser também chefe do Estado do Vaticano, em virtude do seu titulo de chefe supremo dessa Igreja é secundário. O ponto de vista da Secretaria do Estado é que as eleições do Conclave não são eleições politicas no sentido do direito americano. Assim os cardeais americanos poderão, em inteira liberdade, tomar parte no acto que leve eleger o novo Papa.

O subsecretário de Estado adjunto Robert Murphy num discurso que pronunciou perante a Associação Católica para a Paz Internacional prestou comovedora homenagem á memória do Papa Pio XII, «o Papa da Paz» que teve o raro privilegio de conhecer, fazendo o elogio da sua obra.

Manifestou a convicção de que a causa da paz continuará a beneficiar do exemplo dado durante toda a vida por Pio XII.—(F. P.).

Começou a reunião do Conclave

CIDADE DO VATICANO, 25 — Os cardeais entraram em Conclave, ás 15 e 20 (T. M. G.). —(F. P.).

As comemorações da tomada de Lisboa

(Continuação da pagina central)

anos de idade, o capitão-de-mar-e-guerra João Carlos Costa filho do antigo e falecido chefe de Bombeiros Municipais Bernardino Costa, que tinha a condecoração da Torre Espada por serviços heróicos prestados no exercicio das suas funções.

O prémio «Júlio Cesar Machado» foi entregue a Leitão de Barros

Cerca do meio-dia procedeu-se no Municipio, á distribuição de diversos prémios municipais.

Primeiramente, no gabinete do presidente da Camara com a presença do ten.-coronel Salvação Barreto e dos vice-presidentes daquele organismo, srs. Pastor de Macedo e eng. Guimarães Lobato, foi entregue ao nosso prezado camarada de Imprensa, cineasta e escritor Leitão de Barros o premio «Julio César Machado», de 1957, no valor de 3.000 escudos, atribuido ao seu artigo «A Avenida Nova ficará digna da capital», publicado no «Diário de Noticias». No momento da entrega do prémio, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto saudou o feliz contemplado, que por seu turno, agradeceu as palavras elogiosas do sr. presidente da Camara.

Funcionários galardoados por bons serviços

Seguiu-se a entrega de 13 medalhas de ouro a funcionários camarários que se distinguiram pela sua assiduidade e dedicação. Terminada esta cerimónia, a que assistiram vereadores, directores-gerais e pessoal afecto á Camara, procedeu-se, na sala das sessões, á distribuição de outros prémios municipais. O vereador coronel Afra Nozes entregou diplomas e medalhas de prata a vários funcionários municipais, como distinção pelos seus bons serviços. Por ultimo, o cereador Aníbal David entregou as taças que galardoaram as marchas populares deste ano e prémios pecuniários aos vencedores dos concursos das janelas floridas e dos tronos de Santo António.

Saem da Coreia os voluntários Chineses

PYONG YANG, 25. — O ultimo contingente de voluntários comunistas chineses partiu da Coreia do Norte, esta tarde. — (F. P.).

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

(Continuação da 6.ª página)

vas de 1958, o Campeonato Nacional de Fundo, por equipas, em independentes. Inscreveram-se o Benfica, o Sangalhos, o F. C. Porto e o Sporting (pela ordem das largadas), num total de 20 corredores. O percurso está traçado entre o Campo Grande (defronte do Museu Bordalo Pinheiro) e a Avenida Rio de Janeiro, com passagem por Loures, Malveira, Torres Vedras, Bombarral, Óbidos, Gaeiras de Óbidos, Cercal, Alenquer, Carregado, Vila Franca de Xira, Alverca, Póvoa de Santa Iria e Sacavém, num total de 184 quilómetros. A primeira largada é dada ás 7 e 30 horas, seguindo-se as restantes com intervalos de 15 minutos.

HIPISMO

A temuorada de 1958, da Sociedade Hipica Portuguesa, encerra-se amanhã com uma série de corridas de cavalos — três de galope e duas de trote-atrelado — que se realizam no hipodromo do Campo Grande, a partir das 15 horas. Estão inscritos cerca de 30 cavalos e o interesse pelos despiques é grande, não sendo menor o entusiasmo pela aposta mutua, cujos resultados, para o nosso meio, já são, por vezes animadores.

Para esta reunião, sem duvida, valiosa, nos seus aspectos desportivo e mundano, a S. H. P. tem assegurado o transporte do publico, por meio de autocarros, entre os portões do Hipodromo e as tribunas.

HÓQUEI EM CAMPO

Principia amanhã mais um campeonato de Lisboa, de hóquei em campo, promovido pela Associação Regional. A primeira jornada comporta os desafios seguintes: Futebol Benfica c. Belenenses, no campo «Francisco Lázaro», ás 9 e ás 10 e 30 horas, respectivamente, em reservas e honra; Estrela Amadora c. Atlético, na Amadora, ás 15 horas, em honra; S. L. Benfica c. Hóquei C. P., no Campo Grande, ás 8 e 15 horas, em honra.

MOTOCICLISMO

Sob a organização do Moto Clube de Lisboa, realiza-se amanhã, o 3.º «Rallye» do distrito de Setubal, com partida na Cova da Piedade e chegada em Setubal, na distancia de 68 quilómetros, havendo uma prova complementar de arranque e aceleração em Sesimbra e outra complementar de pericia, logo após a chegada a Setubal.

A competição é destinada a motos e «scooters», distribuidos por várias categorias, consoante as cilindradas das máquinas. Há classificação individual e por equipas.

TÉNIS

Nos «courts» do Clube de Ténis de Lisboa prossegue amanhã, com os encontros da quarta jornada, que só hoje serão designados, em consequência dos resultados que se apuraram, o torneio da Taça «Spril-Sport».

TIRO AOS POMBOS

Está prevista para amanhã a conclusão das Provas Internacionais de Tiro aos Pombos, que com o maior interesse têm estado a desenrolar-se no «stand» do Clube Português de Tiro a Chumbo, no Lumiar.

A jornada de amanhã inclui duas provas da maior importancia: o 1.º Grande Prémio de Lisboa (Taça Outono), a 12 pombos (dois zeros eliminam com direito a igualar) e Taça «Vencedores» («handicap»).

VOLEIBOL

Principia amanhã o Torneio Popular de Voleibol, organizado pela Associação de Voleibol de Lisboa. A primeira jornada inclui os seguintes encontros: Atlético B-Tijolense, Estrelas B-Operário e Atlético A-Estrelas A — todos na Tapadinha, ás 9, 10 e 11 horas.

Desistiram 12 concorrentes ao Rallye do A. C. P.

COVILHÃ, 25. *(Pelo telefone)*. — Iniciou-se esta madrguada o «Rallye» do A. C. P. De Coimbra, partiram os concorrentes Jorge Vila Mendo, Jesus Saiz Fernandez e Pablo Menzel. Estes dois ultimos automobilistas constituem uma categorizada equipa espanhola. Do Porto, partiram Francisco Bento Borges, Avelino Machado Junior e Horácio de Macedo (o actual campeão nacional). De Lisboa sairam 26 concorrentes, perante numeroso publico. O controle foi dirigido pelos srs. eng. Ribeiro Ferreira e dr. António Bello Ortigão Ramos. De Evora, partiram José de Morais, Diogo Pessanha, José Lampreia e Jorge Vale Féria.

Todos os concorrentes convergiram, esta manhã, na Covilhã, onde se realizou a 1.ª prova complementar, no percurso compreendido entre os quilómetros 39,7 e 31, da estrada nacional 339. A seguir, disputou-se nas Penhas da Saude a prova de perícia.

Dos 48 automobilistas inscritos, desistiram 12.

A partir das 10.01 horas, os concorrentes abalaram para o Estoril, onde começam a chegar ás 20.15. A classificação só será dada amanhã, depois da 5.ª e ultima prova complementar (maneabilidade).

O Casino do Estoril oferece um jantar a todos os concorrentes

O Casino do Estoril presta valiosa colaboração ao «Rallye» do A. C. P., não só cooperando nas duas ultimas provas complementares como oferecendo um jantar a todos os concorrentes, depois do que se procederá á distribuição dos prémios aos melhores classificados no «Rallye» e aos vencedores do Campeonato Nacional de Condutores de 1958.

VOLEIBOL

O Sporting perdeu com o Leixões para o Nacional da II Divisão

Em Leixões, começou ontem, á noite, o Campeonato Nacional de Voleibol da 2.ª Divisão, em que participam dois representantes de Lisboa (Sporting e Lisboa Ginásio) e dois do Porto (Universitário e Leixões).

Nos jogos disputados, o Leixões venceu o Sporting, por 3-0, (15-7, 15-12 e 15-13) e o Lisboa Ginásio ganhou ao Centro Universitário do Porto, por 3-1 (15-6, 11-15, 15-9 e 15-8).

O campeonato prossegue hoje com os encontros Universitário-Sporting e Lisboa Ginásio-Leixões, respectivamente ás 21 e 15 e 22 e 30 horas.

GOLFE

Princípia amanhã no Estoril o «Aberto de Portugal»

E' já amanhã que no magnifico campo do Estoril principia o 5.º Campeonato Aberto de Portugal, organizado pela Federação Portuguesa de Golfe, com o patrocinio do sr. ministro da Educação Nacional, Junta de Turismo da Costa do Sol, Sociedade Estoril Plage, Sociedade Estoril Sol e Clube de Golfe do Estoril.

O certame, a despeito de algumas desistências forçadas por motivos imprevistos, reune, mesmo assim, mais de meia centena de jogadores, entre amadores e profissionais, sendo certo que no Estoril estarão, desde amanhã até domingo, verdadeiros campeões de várias nacionalidades. O interesse deste campeonato está, portanto, assegurado, sendo dificilimo vaticinar o vencedor. Apenas não oferece duvidas, que estamos a poucas horas de três magnificas jornadas de rara valia sob dois aspectos: o desportivo e o mundano.

A classe dos campeões que nos visitam assegura uma vasta série de provas do mais elevado nivel técnico; o publico elegante do Clube de Golfe do Estoril garante um ambiente atraente e acolhedor.

A jornada de amanhã será de intenso movimento durante todo o dia, pois a primeira volta desenrolar-se-á desde as 10.30 horas até cerca das 17. Os favoritos saem: Dai Rees, ás 10.30; Angel Miguel, ás 10,40; Bonsfield, ás 13.40; Alfonso Angelini e Peter Aliss, ás 13.50.

HOJE, À NOITE

Basquetebol — A's 20,30 horas, na sede da Federação Portuguesa de Basquetebol, realiza-se o Congresso Extraordinário da modalidade.

Homenagem — Na Casa do Alentejo, ás 21 horas, a Comissão Central do Parque de Jogos do Benfica, promove uma cerimónia de homenagem aos sócios do clube possuidores de «Aguias de Ouro» e «Aguias de Prata», após o que se realizará um leilão de objectos oferecidos áquela comissão, cujo produto se destina ás obras do Parque de Jogos.

«Regional» de Basquetebol

(Continuação da 6.ª página)

plendor do jogo. De uma luta veloz, ordenada, sapiente na primeira parte, passou-se para um despique mais entusiástico, mais versátil e menos consciencioso no segundo tempo. E' certo que o Benfica não póde manter a perfeição revelada ao principio, no sistema homem-a-homem, e certo é também que o Sporting se libertou com maior desenvoltura da pressão a que esteve submetido. Estas duas facetas contrárias na sua essência deram ao jogo o que dele se esperava. Com este Benfica-Sporting nada se perdeu, mesmo sabendo-se que os «encarnados» sofreram uma punição fora do vulgar e que dois dos seus melhores elementos foram quase no final castigados com cinco faltas. Hoje este pormenor do basquetebol já não conta nas grandes equipas que normalmente têm reservas á altura dos titulares, se é que haja, na verdade, «reservistas».

Falámos do jogo dando uma pincelada ao de leve neste belo quadro que nos foi dado observar no Pavilhão dos Desportos. Relatemos, portanto, as facetas dos jogadores que souberam criar nos adeptos da modalidade gratos momentos de prazer. Do lado dos vencedores, devemos colocar num plano de grande realce Abílio Ascenso, sobretudo, pela sua vocação nos lançamentos e depois Feu, pela extraordinária gama de faculdades que possui e ainda por ser a «cabeça» da equipa. Não se podem esquecer tão cedo duas fases do jogo, de sua autoria, que terminaram com os espectadores de pé aplaudindo. José Santos muito util assim como Patrício e José Mário. Garranha enquanto jogou revelou a sua personalidade debaixo das tabelas. Nos vencidos dois jogadores igualaram-se aos vencedores: Bernardo e José Alberto ambos extraordinários, respondendo á confiança que se depositou neles. Depois Manuel Campos e Julio Campos, ambos com funções diferentes e difíceis, tornaram-se credores da nossa admiração. Galhós foi dos restantes sete jogadores dos «encarnados» o que merece citação especial.

A arbitragem se bem que não fosse perfeita (é próprio e humano errar) não mereceu a exaltação do publico. As paixões transtornam muitas vezes os sentimentos das pessoas levando-as a cometer acções que mais tarde se arrependem.

Alinharam e marcaram:

SPORTING—Feu, 15; Abílio, 39; José Mário, 7; Patrício, 13; Garranha, 12 (expulso no começo da segunda parte); e José Santos, 15.

BENFICA — Bernardo Leite, 18 (desclassificado com 5 faltas); Galhós, 13; José Alberto, 19 (desclassificado com 5 faltas); Manuel Campos, 6 (desclassificado com 5 faltas); Julio Campos, 11; Vítor Pinto, Aires Henriques, Amorim, Azeitona, 2; Boavida, 2; e Peixoto.

* * *

A partida entre o Queluz e o Campo de Ourique, que terminou com o triunfo tangencial do C. A. C. O. não teve a vibração que se esperava, pois ambas as equipas se temeram não jogando, portanto, o que sabem e podem fazer. O êxito do Tabacos se desinteressarem inesduvida, á sua melhor progressão para os lançamentos.

Alinharam e marcaram:

QUELUZ — Dean, 3; Orlando, 1, Alexandre 3; Inocêncio, 5; Pipio, 17; Cunha, Santos, 6; V. Silva, 2.

CAMPO DE OURIQUE — Arnaldo, Osório, 9; C. Portela, 16; Vasco, 7; e Coelho.

* * *

Os «azuis» impuseram-se com facilidade aos Alcantarenses, ao ponto de na primeira parte desfrutarem já de boa vantagem (39-20). No segundo tempo, o Atlético tentou alterar o ritmo de encostamento do adversario, mas, Franco, do Belenenses, em excelente noite, desbaratou a defesa alcantarense.

Alinharam e marcaram:

BELENENSES — C. Brito, 10 desclassificado com 5 faltas; Neves, 10; Gatinha, 5; Fernandes, 14; Franco, 32; Pinheiro, 4; David, 2; e Ribeiro, 9.

ATLETICO — Morga, 9; Orlando, 6; Costa, 13; Sousa, 7; Duarte, Edgar, 19; e Ramiro, 2.

* * *

O triunfo do Nacional de Natação, foi concretizado nos derradeiros minutos, depois de alguns jogadores do Tabacos se desinteressaram inesplicávelmente e com grandes culpas para Pereira «capitão» do conjunto. O Tabacos teve a vitória na mão mas deixou-a fugir, que lhe sirva de lição este jogo e esta derrota que lhe pode custar a baixa de Divisão.

Alinharam e marcaram:

TABACOS—Amaral, 6; Brito, 12; Pereira, 13; Vaughan, 7; Olívio, 7; e Alves.

NACIONAL — Domingos, 16; Hugo, 14; Morais, 9; Ferreira, 10; Jesus, 8; Claudino, 2; Neves, e Mesquita, 4.

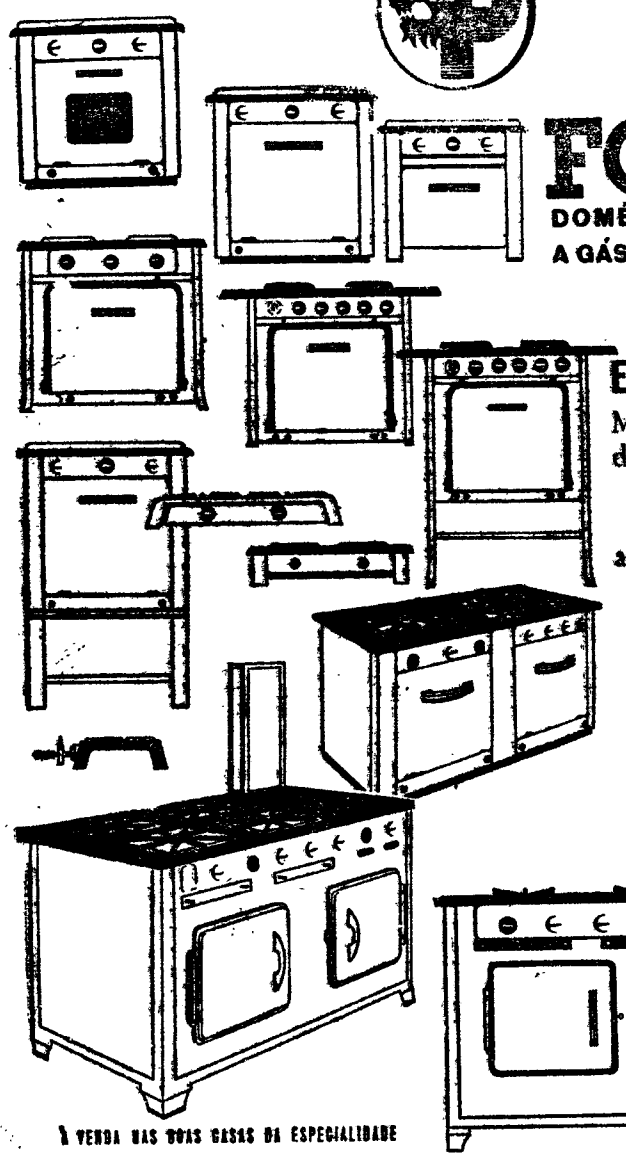
A classificação actual é a seguinte:

Clubes	J.	V.	E.	D.	P.	*Score*
Sporting... ...	3	3	—	—	9	269-164
Belenenses...	3	3	—	—	9	209-137
Benfica	3	2	—	1	7	198-199
Nacional... ...	3	1	—	2	5	139-137
Queluz	3	1	—	2	5	117-115
Tabacos	3	1	—	2	5	152-178
C. A. C. O. ...	3	1	—	2	5	124-203
Atlético... ...	3	—	—	3	3	136-211

JOSÉ BATALHA

FABRICA PORTUGAL

STUDIO TOM



FOGÕES
DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
A GÁS DA COMPANHIA, GAZCIDLA
E PROPACIDLA

EFICIENCIA E QUALIDADE
Muitas dezenas de milhares dos seus fogões em funcionamento

TÉCNICA
adquirida em quase um século de experiência

GARANTIA
Portugal
A nossa marca

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Do mais simples fogareiro ao mais complexo fogão

Eu gosto de
Dunlopillo
tambem!

Sim, os colchões e as almofadas das DUNLOPILLO são, o ideal para as crianças. São saudáveis e higiénicos DUNLOPILLO, Espuma de Latex e de fabrico Inglês

Representantes em Portugal
CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

Terrenos para construção em Odivelas
LEILÃO
Amanhã às 11 horas

Por determinação dos Ex.mos interessados serão postos em praça no nosso escritório, para serem vendidos com os respectivos projectos aprovados diversos lotes de terreno situados em bairro novo e já devidamente urbanizado, permitindo a construção de prédios de 4 pisos, direito e esquerdo.

Para mais informações queiram dirigir-se a:

A LEILOEIRA, LDA.

Avenida 5 de Outubro, 23, 1.º — Telef. 45934

LEVE
ELEGANTE
RESISTENTE

SENSACIONAL CAMPANHA
GIRA-DISCOS
LORENZ

Um famoso Gira-Discos de 4 rotações, ao preço de Esc.: 469$50 que honra a moderna técnica alemã.

Discoteca
UNIVERSAL, LDA
RUA DO CARMO, 51-C TELEF. 34726 / LISBOA

VIS-PEN

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR ESC. 39$00

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 276

Descontos para revenda

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

FOGÕES, LDA
ESQUENTADORES
TÉCNICOS ESPECIALIZADOS em APARELHOS A GÁS
Av. 5 de Outubro, 84
Telefone 764081
GÁS: HULHA e CIDLA

CHÁ DE HAMBURGO
ALEMÃO GENUINO
Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

EVORA
Pensão-Graldo
o estabelecimento que serve bem por bem servir
Voltou á modalidade de
PENSÃO-RESTAURANTE

BERSIM ESTRANGEIRO
Semente com 99,2 % de pureza e 93 % de germinação
Expedições imediatas
José Afonso Duarte, Ld.ª
Rua de S. Nicolau, 24 — Rua de S. Mamede, 29

PELES HELEN
ULTIMOS MODELOS
VISONS E ASTRAXANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt.º
Telef. 53735

SEGMENTOS

REPRESENTANTES
F. FERREIRA HERD.
Rua Conceição da Glória, 24
Telefone 29763 LISBOA

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Vozes misteriosas no aparelho de rádio

Texto integral do conto de

FRED DICKENSON

DIR-SE-IA encontrar-se, finalmente, a paz, ali no alto dos Montes Oquirrh, longe das paixões e da cobiça que subjugam e aviltam os homens. Tudo era quietação e silêncio. Apenas as árvores pareciam vigilantes enquanto Al Hart seguia ao longo do caminho que ia ter á cabana de Sherman Cadwell, perdida no Sul da Cidade-do-Lago-Salgado.

O vento gelado fustigava-lhe as carnes, mas Hart sentia-se contente por se ter desviado do seu caminho, a fim de ir cumprimentar o bom velho que, durante tantos anos, ajudara muita gente.

Quando viu, porém, que a chaminé não deitava fumo, cerrou os olhos, pois esse sinal tem grande importancia nas montanhas. Ao aproximar-se, deparou-se-lhe a porta aberta e entrou. Sherman Cadwell estava sentado numa cadeira, inclinado para diante, e teria caído se não fossem as cordas com que o haviam amarrado. Dois ferimentos por balas indicavam a causa da sua morte.

Hart saiu imediatamente, fechando a porta atrás de si, e desceu a colina até que encontrou a mulher de um agricultor, a qual, a seu pedido, telegrafou para a Polícia. O xerife, Alma White, e o seu ajudante, Theodore Tate, que logo compareceram no local, encontraram balas nas paredes e examinaram-nas cuidadosamente.

— Parece-me que os assassinos foram dois! — disse o xerife. — Algumas das balas são de calibre vinte e dois e outras de calibre vinte e três!

— E' de supor que o mataram para roubá-lo! — arriscou Tate. — A história de sempre, de um velho que vive sózinho, mas, cá por mim, acho que ele não devia ter muito dinheiro.

O facto de Cadwell estar amarrado á cadeira indicava que o haviam ameaçado de torturá-lo antes de acabarem com ele. Contudo, teria sido, pelo menos, poupado a essa sorte. A cabana estava em completa desordem; e, aparentemente, os criminosos entregaram-se a uma orgia de tiros, antes ou depois de o terem assassinado.

— Olhem para este rádio! — exclamou White apontando para um receptor de baterias.

O aparelho que levava as vozes do Mundo áquele homem solitário nas montanhas fora espatifado. O xerife contou oito buracos de balas.

— Por que teriam feito isto?

— Pela minha parte, penso que não falta gente com vontade de dar tiros num rádio, mas nunca o tinha visto! — observou Tate. — No entanto, isto foi feito só pelo prazer de dar ao gatilho!

Além das balas, não encontraram qualquer outro indício e os dois homens compreenderam a dificuldade em esclarecer aquele caso de um assassínio na montanha.

— O melhor é falar com todas as pessoas que moram por aqui perto e ver o que elas dizem — concluiu o xerife. — Não há outro caminho!

A vila mais próxima era a de Lofgreen, e de lá as autoridades tomaram providências para a remoção do cadáver. Quando a notícia do crime se espalhou, juntou-se muita gente, tanto do campo como da vila, e logo começaram a surgir informações.

— Passava, a cavalo, perto da cabana do Cadwell, seriam três horas da tarde — disse um agricultor —, quando ouvi grande algazarra lá dentro. Apeei-me e dirigi-me para a porta, que mal se entreabria. Ia a empurrá-la, mas fecharam-na com toda a força, e um homem cuja voz não reconheci disse-me que me fosse embora dali e tratasse da minha vida. Pensei naluma bebedeira e segui o meu caminho.

— Isto, pelo menos, já indica a hora do crime — acentuou o xerife. — Se, ao menos, pudéssemos saber o motivo! Se foi o móbil do roubo que levou os assassinos á cabana, como explicar tantos tiros? E, então, por que destruíram o rádio, se podiam roubá-lo e arranjar com ele algum dinheiro?

O xerife e o ajudante entraram numa locanda, a tomar café. Ali, a criada explicou que Cadwell era o melhor dos homens e toda a gente gostava dele.

— Mas havia, com certeza, alguém que não o estimava muito! — atalhou White.

A mulher continuou:

— Há umas semanas, Cadwell contou-me uma estranha história: Georges Hayes queria partir o rádio da senhora Martin, e Cadwell teve de convencê-lo a não se meter em trabalhos.

O xerife prestou logo toda a atenção ao facto. Conhecia vagamente Georges Hayes, um mulato que vivia perto de Eureka, a uns quilómetros dali, mas nunca lhe constara que tivesse aversão aos aparelhos de rádio.

— O Cadwell disse o motivo que levava Hayes a querer dar cabo do aparelho?

— Parece que tinha lá umas ideias.. Que as vozes da rádio falavam dele e o perseguiam.. Odiava todos os aparelhos. Devia agradecer a Cadwell o não ter ido parar á cadeia!

— E nós agradecemos-lhe as suas informações! — disse o xerife para a mulher, que ficou espantada. — São, de facto, muito interessantes!

Os dois homens meteram-se no carro e seguiram a caminho de Eureka, para a choupana do mulato. As luzes do automóvel iam rompendo a escuridão da noite, e meia hora depois chegavam junto da arruinada cabana de Hayes.

— Quem está aí? — perguntou ele, quando lhe bateram á porta.

— Abra, em nome da lei!

Abriu-se a porta e Hayes olhou-os, suspeitoso, á luz da lanterna que segurava na mão. Ambos se identificaram e deixou-os entrar, mas negou, terminantemente, que soubesse qualquer coisa a respeito da morte de Cadwell. A's três horas da tarde estava ele na sua cabana!

— Pode prová-lo?

O dono de um estabelecimento afirmou que Hayes se encontrava em Eureka, ás duas e um quarto, pois a essa hora estivera na loja e voltara ás três e quarenta e cinco, a buscar qualquer coisa de que se esquecera.

O mulato não tinha automóvel, e assim o xerife e o seu ajudante foram obrigados a admitir que não viam como Hayes pudesse ter percorrido os quarenta quilómetros que o separavam da cabana de Cadwell, cometer o crime e vencer a mesma distancia, de volta, naquele espaço de tempo. Quando lhe perguntaram o que pensava dos aparelhos de rádio, Hayes respondeu, com um sorriso equívoco:

— As vozes já não me incomodam! Desapareceram!

Tiveram de deixá-lo em paz.

— Nem mesmo um mulato podia percorre roitenta quilómetros a pé, durante aquele tempo! — disse White, um tanto pesaroso, e foi magicando:

— Contudo, não me sai da cabeça aquela história das vozes!... E o ar dele, tão seguro de que tinham desaparecido?!... Talvez haja qualquer razão para dizer isso!...

Nos dois dias seguintes procuraram encontrar outras pistas, mas sem resultado. Interrogando pessoas que viviam entre Eureka e Lofgreen, deram com um velho prospector, o qual desatou a rir, abrindo a boca desdentada, quando lhe falaram na distancia de quarenta quilómetros entre as duas localidades.

— E' certo — disse ele — que são quarenta quilómetros, de automóvel, pela estrada! Contudo, para um tipo esperto, montado num burro e seguindo pelos atalhos, não chegam a vinte!

E demonstrou aos dois funcionários, muito admirados, como isso podia ser feito.

Deram voz de prisão ao Hayes e souberam que já estivera na cadeia por espancamento. Quando o interrogaram, expondo-lhe os factos, o mulato confessou:

— Cadwell não me deixou esmigalhar o rádio da velha, e as vozes não me largavam! Assim, dei cabo do de Cadwell para me libertar.

Um tal Vern Russel juntara-se-lhe, na esperança de encontrar muito dinheiro na cabana da vítima. Só havia, porém, quatro dólares, que Russel meteu na algibeira. Depois de ambos terem disparado sobre Cadwell, Hayes contentou-se em destruir o aparelho de rádio.

Foram os dois condenados a prisão por toda a vida.

Recintos de diversões

Manuel Fernandes, Fernanda Peres, Tristão da Silva, José Galvão, Maria Eduarda Dias, Manuel Almeida, Filipe Pinto, Rapazes do Ritmo, Spina Almeidinha e Isidro Baptista colaboram na festa de homenagem ao artista Joséca, que se efectua na próxima segunda-feira, ás 21 e 30, no Salão Luso.

— No próximo dia 8, no salão de festas de A Voz do Operário, realiza-se a festa artística de Alberto Costa, para a qual deram a sua adesão Argentina dos Santos, José da Luz, António Meneses, Angela Nunes, Jorge Silva e o humorista Joaquim Cordeiro.

Vida mundana

EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND

Esteve, ontem, em Lisboa onde se demorou algumas horas, prosseguindo viagem para o Rio de Janeiro, o embaixador do Brasil em Londres, dr. Assis Chateaubriand, que se inscreveu no livro de cumprimentos ao Presidente da Republica no Palácio de Belém, cumprimentou o Presidente do Conselho e os ministros da Presidência e dos Estrangeiros e fez várias visitas particulares, entre elas a Gago Coutinho, prof. João Barreira e dr. Jaime Cortesão. Com ele almoçaram os srs. embaixador do Brasil, dr. Alvaro Lins, dr. Francisco Machado, António Champalimaud, dr. Nuno Simões e dr. Carvalho Maia.

No aeroporto, tanto á chegada como á partida, estiveram, além dessas pessoas, os srs. dr. Trigo de Negreiros, Marinho Alves, da Panair, pintor Guilherme Filipe, Marques da Costa, etc.

Bibliotecas municipais nos jardins da capital

As Bibliotecas ao ar livre, que a Camara Municipal de Lisboa mantém em funcionamento nos principais jardins da cidade, registaram no mês de Setembro a frequência de 6.022 leitores. Estes leitores requisitaram 1.708 obras e 7.154 jornais e revistas.

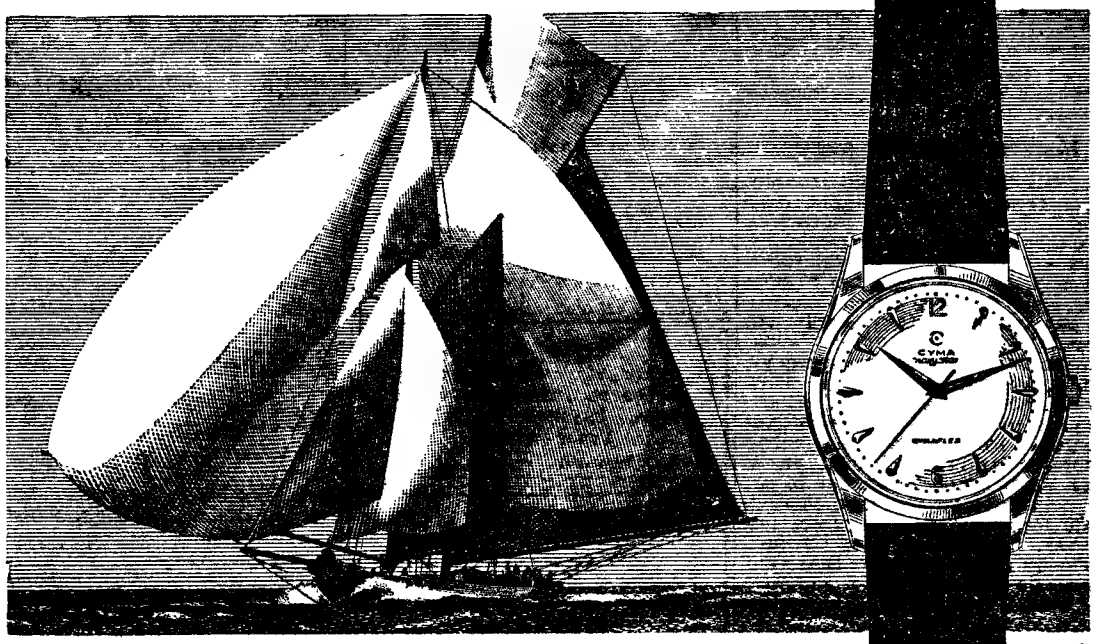
Para que a leitura se conserve sempre renovada, cada biblioteca percorre periódica e sucessivamente por um sistema de rotação, todos os jardins, facultando-se, assim, um recheio bibliográfico diferente aos seus habituais frequentadores.

AOS MÉDICOS

Dois volumes de Cardiologia do Centro de Cardiologia do Instituto de Alta Cultura, do Prof. Eduardo Coelho e colaboradores:

A Livraria Luso-Espanhola acaba de publicar o 3.º volume sobre ARRITMIAS e o 4.º sobre ELECTRO-VECTOCARDIOGRAFIA, que se encontram á venda em todas as livrarias.

A elegância das mais belas construções navais!



"O mais elegante dos relógios impermeáveis" Eis o título que o Cyma Navystar soube merecer em todos os pontos do globo. Os técnicos de Cyma conseguiram, utilizando juntas consideràvelmente mais eficazes e de rara engeniosidade, construir uma caixa extra-plana que dá ao Navystar aquela linha típica que impressiona à primeira vista - Não deixe de exigir lhe mostrem este extraordinário sucesso: é o relógio dos seus sonhos.

O mais elegante dos relógios impermeáveis é tambem dotado do anti-choque Cymaflex, de renome mundial.

Sòmente os relógios Cyma são providos de anti-choque Cymaflex... — mas cada relógio *Cyma* o possue! Ref. 2.5678.60

Cyma Watch Co. S.A. La Chaux-de-Fonds (Suisse)

CYMA NAVYSTAR

DE LUTO

D. Eugénia de Jesus Lopes de Almeida

Em Queluz, na Avenida Jose Elias Garcia, 208 1.., faleceu a sr D. Eugenia de Jesus Lopes de Almeida de 59 anos, natural de Souto da Casa, Fundão casada com o sr Antonio de Almeida, empregado de escritorio, mae do sr. Fernando Lopes de Almeida empregado de escritorio O funeral, a cargo da Agência Barata realiza-se amanhã, as 11 horas, da residência indicada para o cemitério de Benfica.

Telo de Carvalho Simas

Faleceu o sr. eng. Telo de Carvalho Simas de 45 anos, natural do Faial casado com a sr.ª D. Nair Gonçalves da Cruz de Carvalho Simas, pai das meninas Marina Judite Cruz de Carvalho Simas e Maria Alexandra da Cruz de Carvalho Simas. O funeral, a cargo da agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da igreja do Sagrado Coração de Jesus (a Santa Marta) para jazigo de familia no cemitério do Alto de S João, sendo celebrada missa de corpo presente ás 11 horas

SUFRAGIOS

Rainha D. Amélia

Em comemoração do 7.º aniversário do falecimento da rainha D. Amélia o conselho de administração da Fundação da Casa de Bragança mandou celebrar hoje, no Panteão de S. Vicente, missa por alma da rainha D. Amélia.

A cerimonia começou ao meio-dia sendo celebrante o rev. coneg Damasceno Fradeiro que foi preceptor dos principes Assistiram á cerimonia entre outras personalidades os srs. dr. Antonio Luis Gomes. D Manuel de Bragança e dr Ruy Andrade, respectivamente presidente e membro do conselho de administração e presidente da Junta da Fundação da Casa de Bragança; marquês de Belas e de Sabugosa. Condes das Alcáçovas Lavradio Estarreja Vale de Reis S. Mamede e Monsaraz; visconde de Asseca. Carlos Moreira. Josee Xara Brasil Julio da Costa Pinto José Alvelos etc.

Em lugar especial via-se D. Filipa de Bragança.

Por igual motivo e a exemplo dos anos anteriores, os srs. condes das Alcáçovas e Vale de Reis mandaram rezar missa pelas 10 horas no mesmo local e pelas mesmas intenções Estiveram presentes ao acto várias individualidades.

Tambem por alma da rainha D Amélia, foi celebrada hoje, ás 10 horas, missa de sufrágio, na capela de Nossa Senhora da Piedade. Mandou-a dizer o sr. Julio da Costa Pinto.

A morte de Tavares da Silva

MISSA DO 7.º DIA

Na igreja de Nossa Senhora de Fátima, no altar do Sagrado Coração de Jesus, foi rezada esta manhã missa do 7.º dia, sufrágando a alma do nosso saudoso companheiro dr. Tavares da Silva. Foi celebrante o reverendo Amadeu Pereira de Matos e assistiram ao piedoso acto a viuva do nosso antigo camarada, amigos pessoais, colegas e figuras de relevo nos meios desportivos

O Conselho de Administração do «Diário de Lisboa» fez-se representar pelo sr eng. Pedro Manso e estavam igualmente presentes representantes de todas as secções do nosso jornal

Manifestações de pesar

A lista das pessoas que apresentaram condolências á familia e ao «Diário de Lisboa», por motivo do falecimento do nosso saudoso camarada Tavares da Silva, juntamos hoje mais os seguintes nomes: eng. Luís Quartin Graça, secretário de Estado da Agricultura; drs Azeredo Perdigão e Afonso Queiró Alfredo Gomes da Silva, Jaime Venancio, Manuel Ceu Esteves, Antonio Bernardo dos Santos, Albino Joaquim Rodrigues Valente, Stubbs Lacerda João Soares da Silva Francisco Bahia dos Cantos, dr. A J. de Vasconcelos de Carvalho, por si e pela direcção do Clube Filatélico de Portugal; dr. Gonçalves Isabelinha, Alberto Linhares Cardoso Mário de Noronha, Julio Dias Gonçalves de Sousa, Egidio Januário da Costa, Fausto Dias, director do jornal «Vida Ribatejana»; José da Silva Parada, João Pereira Nunes, Juvenal Villar de Sousa Graça, Artur Moreira de Sá, Francisco Valença Filipe Tribolet, Sanz Vieira Julio Augusto Carvalho Nunes, Victor Amaro, dr. juiz Bernardo Baptista da Costa Gomes, Carlos Leal Mario de Figueiredo, Jose Dias Pereira, Vasco Manuel Ervedoro Dias Pereira, João Baptista da Silva, José Vendinha, Valentim Alferes Henrique Luis Gomes Pereira, Fernando Fontinha, Francisco Silva Henrique Fernandes, José M. Parada por si e pelo Almada Atlético Clube, etc.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda
99, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

ATENÇÃO 3.ª E 4.ª CLASSES ADULTOS
Exames ráp. c/ dipl. garantidos. Aceito al. atrasados e analfabetos. Resultados brilhantes. Venha falar ao
L. Chão do Loureiro, 1, 2.

GRANDE INVENTO
Fabricante de produtos de beleza, pretendo omear distribuidor em Lisboa. — Resposta para:
LUSITALIA
R. PAULO EMILIO, 11 — VISEU

ELNA
Máquinas de costura, pequeninas simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional
VENDAS E REPARAÇÕES
Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 9-2

FEIRA DAS MERCÊS
A EMPRESA EDUARDO JORGE comunica que nos dias 26 e 27 do corrente efectua carreiras consecutivas de Benfica e Belém para a Feira das Mercês e vice-versa.
A EMPRESA

DOU DINHEIRO
Desejo tratar com advogados - Procuradores, Homens ou Senhoras comerciantes, Industriais e empregados B. relacionados, em Lisboa e Provincia
Damos 60% dos nossos lucros em negócios honestos da nossa especialidade, quase sempre volumosos, que nos sejam indicados os vendedores pelos titulares acima. Esta firma com 30 anos de existência, desejando dar maior expansão, oferece esta oportunidade a quem queira sem capital colaborar, indicando possíveis vendedores. Honestidade reciproca.
Agência de Leilões AFRA — Avenida da Republica, 3 LISBOA — Telefone 54351

RESERVAS DA A. F. L.

O Sporting foi o único vencedor nos encontros da 7.ª jornada

Prosseguiu hoje o torneio da taça «Dr Oliveira Duarte» tendo-se efectuado os encontros correspondentes á 4.ª e penultima jornada da primeira volta, o que não surpreende que o Sporting (série A) e o Benfica B (série B) tivessem concluido a primeira metade da prova.

A «ronda» de hoje pode considerar-se das de maior interesse, pois todos os desafios se apresentaram mais ou menos equilibrados, o que não significava que os três maiores do futebol lisboeta não merecessem favoritismo.

Do que se passou nos vários campos, damos a seguir breves notas:

Sporting, 7-Oriental, 1

Jogo no Estádio «José Alvalade», arbitrado por Arnaldo Conde e disputado pelos seguintes jogadores:

SPORTING — Carvalho; Lino e Pacheco, Casaca, Graça e Mendes, Oscar Ferreira Pinto, Diego, Bispo Quim.

ORIENTAL — Edmundo; Servo e Carapinha; Duarte, Siborro e Jerónimo; Almeida Barroso, Ferreira, José da Silva e Lourenço.

Como era de prever os «leões» cedo impuseram domínio não traduzido em golos, pela boa actuação da defesa adversária. Todavia os visitantes em três contra-ataques rápidos e perigosos estiveram prestes a desfeitar Carvalho.

Passados 20 minutos o Sporting continuava a dominar mas só á passagem da meia hora mais concretamente aos 31 minutos Diego pôde colocar a equipa em vencedora Aos 40 minutos registou-se a melhor jogada da primeira parte do desafio que só não deu golo porque o remate de Bispo foi embater no poste.

Ao intervalo: Sporting, 1-Oriental, 0.

A 2.ª parte foi de dominio intenso do Sporting, ainda que o Oriental não tenha perdido o sentido de contra-atacar sempre que se lhe deparou oportunidade.

Aos dois minutos, Casaca, de cabeça elevou a conta para 2-0; aos 12 minutos, o orientalista, Almeida fez 2-1; e aos 24 minutos, Oscar, elevou o marcador para 3-1.

Daí até final o Sporting marcou mais 4 golos por Oscar, aos 26 minutos, e por Diego, aos 28, 34 e 40 minutos — o ultimo de grande penalidade.

Benfica B, 2-Belenenses, 2

Jogo no Estádio da Luz, Sob a direcção de Viriato Maximiano as

2.ª TIRAGEM

equipas apresentaram-se assim constituídas:

BENFICA B—Ramalho; Oliveira e Ceitil; Jorge, Amaral e Jurado; Reis, Mascarenhas, Pedro Silva, Muralha e Neves.

BELENENSES—Ramin; Leonel e Rosendo; Marçal, Paz e Cunha Velho; Miguel, Abdul, Mendes, Guilherme e Tito.

O primeiro quarto de hora decorreu sem interesse, em virtude dos dois grupos se terem empregado com lentidão, não fornecendo nunca sensação de perigo.

Depois e até á meia hora, o Benfica apareceu mais vezes ao ataque, obrigando os «azuis» a cuidarem da sua defesa. Aos 28 minutos, Mascarenhas marcou o primeiro golo dos donos do campo.

No ultimo quarto de hora, da 1.ª parte, o Benfica insistiu na ofensiva e aos 35 minutos, Pedro Silva marcou o 2.º golo. Mas cinco minutos depois, Tito, aproveitando uma «brincadeira» da defesa contrária, fixou o resultado da 1.ª parte em 2-1, a favor do Benfica.

Na segunda parte, houve ataques alternados a darem á partida uma feição de equilibrio Aos 39 minutos, os «azuis» igualaram a partida por intermédio de Leonel.

Torriense, 1-Benfica A, 1

TORRES VEDRAS, 25. — (Pelo telefone). — O jogo desta tarde, no campo das Covas, com regular assistência, foi dirigido por Rogério M. Paiva, tendo as equipas alinhado assim:

TORRIENSE — Idalecio; Gilberto e Belchior; Mergulho, M Carlos e António Manuel; Jerónimo, C. Antonio, Aníbal, Saldanha e Mário.

BENFICA A — Barroca; Ferreira e Humberto; Barbosa, Salazar e Mário João; Vieira Dias, Santana, Carda, Peres e Hilário.

A saída pertenceu aos «encarnados», que dominaram, ainda que ligeiramente, até ao intervalo. Os visitantes beneficiaram de quatro «cantos» e os locais de um, mas nem essas oportunidades foram aproveitadas, pelo que ao intervalo havia um empate sem golos.

A segunda parte decorreu com ligeiro domínio dos benfiquistas que marcaram um golo aos 14 minutos, por Carda, no aproveitamento de um passe de Santana.

O Torriense empatou aos 37 minutos por intermédio de Jerónimo. Ao fim: 1-1.

Sacavenense, 1-Estoril, 1

Jogo no campo de Sacavém. Sob as vistas de Joaquim Granadeiro os grupos alinharam:

SACAVENENSE — Linhares; Alvaro e Abreu; Belmiro, Pinto e Rui; Cardoso, Clélio, Martins, Zeca e Fernandes.

ESTORIL — Augusto; Manuel José e Álvaro; Gonçalves, Brito e Armindo; Matos, Eduardo, José da Silva, Ilidio e Tirano.

Ao intervalo, o resultado mantém-se em 0-0, com ligeira vantagem do Sacavenense até á meia hora de jogo, período durante o qual os locais perderam duas ocasiões de marcar. No ultimo quarto de hora, o prélio esteve equilibrado.

O Sacavenense fez o seu golo, aos 12 minutos da 2.ª parte, por Martins, de grande penalidade e o Estoril empatou, aos 42 minutos, por Libertário, que entrara a substituir Matos

HOJE, FESTA DA SAUDADE
No Cantinho da Saudade
ALGÉS
Aos Sábados e Domingos: Fados e Guitarradas. Gerência artística de AURORA SILVA

Telo de Carvalho Simas
(Engenheiro)
CONFORTADO COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA
FALECEU
Nair de Carvalho Simas, suas filhas Marina de Carvalho Simas, Maria Alexandra de Carvalho Simas e mais família, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido e saudoso marido, pai e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 14 horas, da igreja do Sagrado Coração de Jesus (a Santa Marta) para jazigo de família no cemitério do Alto de S João, sendo celebrada missa de corpo presente ás 11 horas.
AGÊNCIA SALGADO

LEILÃO DE ANTIGUIDADES
HOJE E DIAS SEGUINTES, AS 15 E AS 21 HORAS
RUA BRAAMCAMP, 42-2.º
(Esquina da Rua Castilho)
Daremos início ao leilão para venda duma importante colecção de móveis, quadros e objectos de arte que se encontram no andar acima referido e de entre os quais destacamos:
MÓVEIS
Contadores flamengos do século XVIII, biombo século XVIII, armário de vidrinhos holandês, seculo XVIII, toucador com medalhões de Sèvres, mesa Luis XV, sofá e 6 cadeiras D. João V, papeleira flamenga, século XVIII, secretária Luís XVI, século XVIII, armário de canto holandês, mesas de jogo com marqueterie, mesa de centro redonda com marqueterie, cómoda de barriga, armário Georgiano em mogno, século XVIII, mesa de centro William & Mary, side-board Sheratore, mesa Luís XV Boule, armários, Boule, cómoda estilo Luis XV, cadeiras do periodo da Regência, cadeiras holandesas, sofá e fauteuils dourados, móveis dourados, etc., etc.
QUADROS
Colecção de quadros dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX de: Verboeckven — Timmermans — Rossi — Bout & Boudewyns — F. Snyders — Vermeulen — Reb — I. Van Apshoven — T Michau — J. Horemans — A. Pauletti — Van Ostade — J. W. Carmichael — Chambers — Wiglioni — La Croix de Marseille — F. Xavier Pinto — C. Romana — Berchen — Cláudio Rivaldi — Shalken Orizonte — P. Van Laer — Van — Baalen — J. Callow — Mignard — F. Albano — Basil Bradly — Reginald Frampton — A. Storey — George Lande — Rosa Tivoli — Tomaz da Anunciação e muitos outros pertencentes ás Escolas Francesa — Russa — Flamenga — Inglesa — Italiana — Belga, etc., etc.
OBJECTOS DE ARTE
Barómetros-termómetros, caixa portuguesa de viagem, século XVII, e com embutidos de marfim, relógio e candelabros franceses com medalhões de Sevres, cofres em marfim, figuras orientais e europeias em marfim, pratos orientais e europeus — Espada em prata, estilo Eastern, peças de Sheffield — Jarrões Sevres — Figuras de loiça branca How Hsien Sheng e Kwan Ti — Jarrões Mandarim, ditos familia rosas — Relógios de mesa franceses e ingleses, grande colecção de Netsuky's, floreiras em porcelana — Bibelots — Quadriga de porcelana — Pedras para xadrez — Jogo de dominó em marfim — Jarras cloisoné — Figuras em madeira — Bolas de marfim trabalhadas, etc., etc.
A LEILOEIRA, LDA.
AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 23, 1.º — TELEF. 4 59 34

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Em Portugal continental o vento era fraco de Nordeste. O céu estava limpo, por acção de uma massa de ar seco, transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Grã-Bretanha.

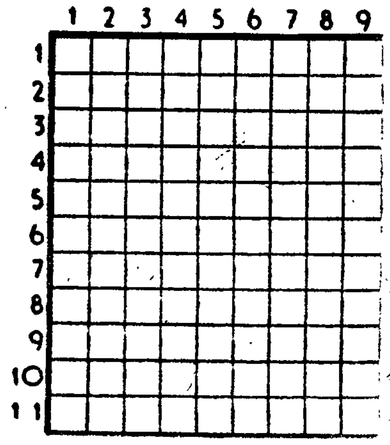
Temperaturas observadas ás 9 horas: Lisboa, 14°; Porto, 15°; Coimbra, 16°; Faro, 17°; e Funchal, 20°.

PREVISÃO ATE' A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: — Céu limpo. Vento fraco por vezes moderado de Nordeste. Continuação do tempo quente com apreciável arrefecimento nocturno.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.° 3.486



HORIZONTAIS: 1 — Homem bíblico. Cidade de Itália. 2 — Batraquio. Procede Comparecer. 3 — Suspiros. Origem. 4 — Tombar. Carta de jogar. 5 — Completo. 6 — Santo. 7 — Escritor português autor de caçadas. Julguei. 8 — Capital do departamento de Herault, França. 9 — De cobre. Pequeno barco de recreio. 10 — Abreviatura de idem. Interjeição imitativa de pancada forte e rápida. Prefixo de privação. 11 — Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Empregue.

VERTICAIS: 1 — Arvore mirtácea da América. Estimeis. 2 — Estado do Brasil. Desperta. 3 — Textualmente. Goste muito de. 4 — Nota musical. Chefe etíope. Tranquilidade pública. 5 — Rio da Guiné. Cidade fortificada da Itália. Preposição e artigo. 6 — Nota musical. Rio do Norte de Portugal. Rio que banha Leiria. 7 — Assim que. Plana 8 — Dão mios. Fendas. 9 — Espaços. Nome de mulher.

Solução do problema n.° 3 485

HORIZONTAIS: 1 — Hora. Erma. 2 — Alice. 3 — Rã. Ada. Co. 4 — Era. Aar. 5 — Bird. Orna. 6 — Smerdis. 7 — Içar. Emas. 8 — Mar. Ora. 9 — Os. Aba. Al. 10 — Trota. 11 Arau. Ausa.

VERTICAIS: 1 — Horeb. Imola. 2 — Ariscas. 3 — Rá. Armar. Tá. 4 — Ala. Der. Aru. 5 — Ida. Ibo. 6 — Eça. Ode. Ata. 7 — Ré. Arimo. An. 8 — Cansara. 9 — Amora. Salva.

FEIRAS E ROMARIAS a realizar no mês de Outubro

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

OLEIROS E PAREDES — Romaria a São Simão, em Oleiros, no dia 28

CHAVES — Feira Anual dos Santos, nos dias 30 de Outubro e 2 de Novembro.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

A SIMPATIA DO PÚBLICO PELO SERVIÇO DE «TARIFAS»

Em cada mês transporta a C. P. cerca de 3 milhões de quilogramas de «tarifas» em volumes de 5, de 10, de 20 e

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — Ás 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho»

MARIA VITORIA — Ás 20.30 e 22.45 — «Por causa delas»

COLISEU — Ás 21 e 30 — Companhia Internacional de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Um rapaz encantador»

SÃO LUIZ — «O amor subiu de preço».

SÃO JORGE — «A ponte fatal»

IMPERIO — «Os dez mandamentos»

EDEN—«Jacobowsky e o coronel».

POLITEAMA — «O baile dos malditos»

ALVALADE — «O amor subiu de preço».

MONUMENTAL — «A arvore da vida».

ROMA — «Nathalie»

CONDES—«Os carrascos do mar»

ODEON — «A terica luminosa»

AVIS — «A rapariga das violetas»

RESTELO — «O vestido esfarrapado».

LUMIAR — «Pata negra»

IDEAL — «O rei do laço».

PROMOTORA — «Ao longo das ruas»

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO 1 — União — Estrada de Benfica 592-594 Tel 780092 Vitex—Estrada de Benfica 373 B Tel 780548. Curie — Avenida Madame Curie 15-A; Tel 778439 Leal de Matos—Rua Neves Costa 33-35 Carnide. Tel 780181. Laranjeiras (Das)—R Filipe da Mata 160-162 Tel 761035 Central do Lumiar — Rua do Lumiar 77. Tel 779480 Brasil — Avenida Rio de Janeiro 66-66/A Tel 722368. Sanex—Avenida da Igreja 31-C. Tel 776905 Belmar — Avenida de Roma 53-A Tel 776314 Algarve — Avenida de Roma 7-B Tel 777478: Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega 5-A/B. á Praça do Areeiro Tel 727300. Onilda — Avenida João XXI 13-A. Tel 726848. Campo Pequeno (Do) Av da Republica 58-D-E Tel 771661. Vale—Avenida Marquês de Tomar 45-49 Tel 773043. Palma — Avenida Duque de Avila 25-31. Tel 47088. Imperio Ld. — Rua Filipe Folque 40 A/B Tel 48002. Salus — Rua Luciano Cordeiro 73. Tel 42239 Ascenso — Rua 27 41 Bairro da Encarnação. Tel 389216. Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia 19 Tel. 389237: Conceição — Calçada D. Castão 30-32 Tel 381279. Luz mar — Rua 2 16—Bairro de Santa Engrácia Tel 728395: Pereira Suc—Rua do Paraiso 98-100 Tel 863224. Silva — Calçada de Santo André 16 Tel 862074 Branquinho — Rua dos Sapadores 87 Tel 842725: Ibéria — Rua Barão de Sabrosa 235-A—á Alameda— Tel 728277: Candido Monteiro — Av Almirante Reis 121-B Tel 45751 Góis Ld Suc — Rua dos Anjos 12-C/D antiga Rua do Registo Civil. Tel 840101 Ribeiro & Castro Ld — Rua Braamcamp 58 Tel 43409: Salutar — Rua B 75-A/B Bairro da Liberdade Tel 683694 Judice de Oliveira — Rua de Campolide 54 A Tel 684424 Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131 133 Tel 663640. Janeiro — Avenida Alvares Cabral 100 ao lado do Liceu Pedro Nunes Telefone 661453 Tagus — Praceta Possidonio da Silva — lote 3 Tel. 669185 Ocidental — Rua D Jerónimo Osório JPM 3 Tel 610256: Gomes Suc (Gonçalves) — Rua da Junqueira 326 Tel 638193: Costa — Rua dos Lusiadas 32 Tel 636704 A César — Rua Prior do Crato 74 Tel 660187 Pinheiro — Rua Presidente Arriaga 16 Telefone 661867 S. Nunes Simões. Suc — Rua do Quelhas 1 Tel 661275 Africana — Rua Bernardino Costa 45 Tel 29120. Pinharanda — Rua da Rosa 94-96 Tel 21534: Lima Amaro Suc. — Praça da Alegria 27-28. Tel 21149: Cortez — Rua de S Nicolau 93 Tel 25378 Rua de S. Nicolau 93 Tel. 25378. Farmácia Remisio — Rua dos Jerónimos. 14-C. Telefone 631699.

Imposto profissional

A partir de hoje e pelo prazo de quinze dias, encontra-se patente á reclamação, na secção de Finanças do 1.° Bairro Fiscal de Lisboa, a distribuição de contingentes que servirão de base ao lançamento do imposto profissional (profissões liberais) para o próximo ano.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 21: Noticiário, 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiario, boletim meteorologico e fecho.

Programa A — Ás 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Trechos de operetas; 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano, por Alberto Semprini; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro, 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir? 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Viola espanhola; 21 e 30: Comentário politico, 21 e 45: Serão para trabalhadores No intervalo: Vozes do Mundo: 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — Ás 18: Solos de instrumentos; 18 e 15: Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 2.° concerto, pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida por Jaime Silva, Filho, com a colaboração da pianista Samson François No intervalo: Noticiário regional e «Lieder»; 20 e 15: Canções ciganas; 20 e 30: «Quarteto n. 77, em dó maior, op 76, n. 3», de Haydn; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos de óperas de Wagner; 21 e 45: Quinzena literária: 22 e 15: «Sonata n.° 2», de Matinu; 22 e 35: Que quer ouvir?. «Sinfonia n. 9, em ré menor, op 125», de Beethoven; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Ás 17 e 30: Variedades: 18: Ritmos de baile: 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Gilbert Bécaud; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Lingua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola: 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação de Miramar — Ás 18: paisagem infantil; 18 e 30: Cançonetas; 19: Palestra de lingua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Eartha Kitt: 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil: 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S C R.; 19 e 30: França horizonte do Mundo: 19 e 45: Ecos de Espanha: 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando: 21 e 5: As ultimas novidades: 21 e 30: Musica portuguesa: 21 e 50: Valsas: 22: No reino das musas: 22 e 20: Musica ligeira seleccionada: 22 e 45: Noticiário: 22 e 57: Boletim religioso: 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular: das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa: das 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

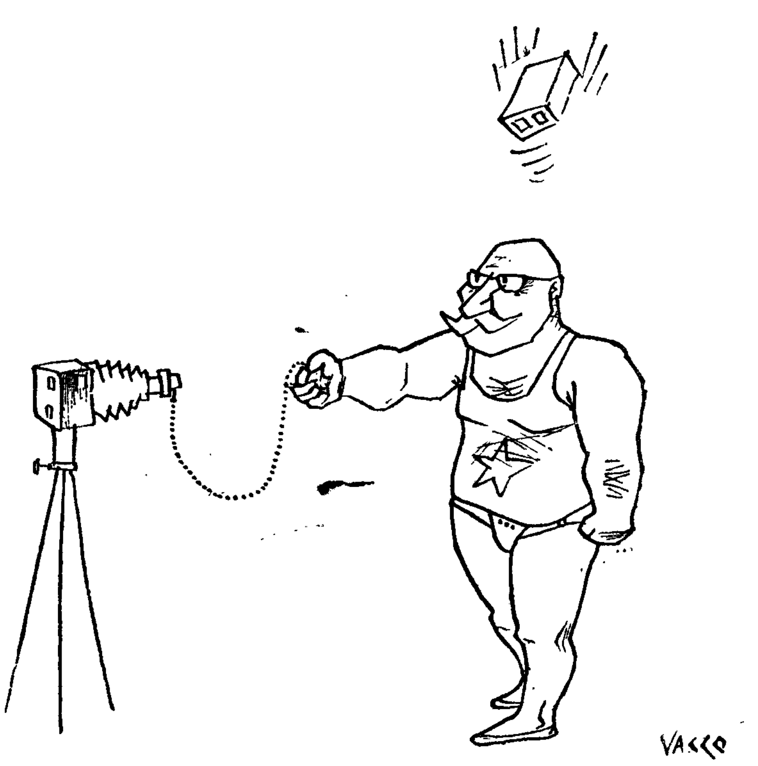
Hoje, ás 21: abertura da emissão; 21 e 2: noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: «Tele-Desporto»; 21 e 40: jornal de actualidades internacionais; 21 e 55: «António Ferro — Saudade dos Estados Unidos da Saudade»; 22 e 10: «Agente radioactivo»; 23: actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 10. «Na rua e na estrada»; 23 e 30: fecho da emissão.

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 25 de Outubro de 1928, em crónica do seu enviado especial a Madrid Félix Correia, a notícia de ter Afonso XIII inaugurado ali a Exposição do Livro Português Recebido pelo embaixador de Portugal, sr. Melo Barreto, e pela comissão executiva da Exposição, o seu presidente. sr. dr. Camara Reis, agradeceu ao rei a honra de presidir á inauguração da Exposição do Livro, passando, seguidamente, a acompanhar o monarca na visita e a explicar tudo o relativo aos livros expostos. Afonso XIII, ao folhear o livro «D. Carlos», de Rocha Martins e deparando com o Estado-Maior do rei, exclamou: «A este general lo he conocido yo. Se llamaba Craveiro Lopes».

alguns sentimentos avulsos

por Vasco



AZAR

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante o corrente mês os seguintes:

Contribuição Industrial — A terceira e quarta prestações trimestrais tendo a terceira juros da mora.

Contribuição Predial — A terceira e quarta prestações trimestrais, tendo a terceira juros da mora.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados — A terceira e quarta prestações trimestrais, tendo a terceira juros da mora.

Imposto Complementar — A primeira e segunda prestações das colectas iguais ou superiores a Esc. 2 000$00, tendo a primeira prestação juros da mora.

TAXA MILITAR — A anuidade do ano de 1958 que não foi paga até ao fim do mês de Maio com taxa simples, isto é de sessenta escudos, pode ser paga este mês e até ao fim do corrente ano com a taxa elevada ao dobro, posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO DE INCÊNDIOS — Pode ser pago até ao dia 30 de Outubro corrente, com juros da mora, posto o que, findo este prazo, relaxará.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL—GRUPOS B e C — *Rendimento ilíquido presumível para 1959* — Convém pedir informações na secção de finanças competente, acerca da data em que a fixação do rendimento tributável para o ano económico de 1959, se encontra em reclamação.

Da fixação do rendimento tributável de cada contribuinte poderá reclamar-se, no prazo de quinze dias, contados da data em que a mesma for anunciada por editais.

Sociedades anónimas e comanditas por acções — Lançamento para 1959 — As sociedades coloniais ou as que tenham de aguardar do estrangeiro elementos essenciais á sua escrita poderão fazer, ainda, até 30 de Novembro próximo futuro, a apresentação de:

a) Um exemplar dos estatutos sempre que houver alteração dos mesmos;

b) Declaração do modelo oficial;

c) Certidão passada pela respectiva camara de corretores, com a cotação média das suas acções no ultimo ano civil; e

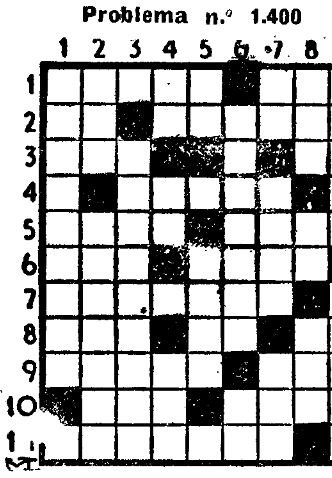
d) Um exemplar do ultimo relatório aprovado pela assembleia geral.

Em ALTER DO CHÃO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por José Nunes Barros.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.° 1.400



HORIZONTAIS: 1 — Primeiro. Custo, seguro e frete (comerc.) 2 — Nota de musica. Isola 3 — Pronome relativo. Esquadrão (ant.). 4 — Ligues. 5 — Religião dos muçulmanos. Portanto. 6 — Regra. Leito. 7 — Caçara com o arpão. 8 — Abjectos. Olha. Nota de musica. 9 — Sobrepõe. Como? 10 — Nome de mulher. Alisar pelo atrito. 11 — Restrinja.

VERTICAIS: 1 — Alugava animais de carga. 2 — Antigo navio á vela. Sedoso. 3 — Obscurecia. 4 — Pertences. Em doses iguais (abrev.) Oceano. 5 — Pronome reflexo. Rouca. 6 — Disponha. Simbolo químico da platina. 7 — Aqui. Quantia. O qual. 8 — Raiva. Seguia. Muito. 9 — Praticas. Chegara.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.° 1.399

HORIZONTAIS: 1 — Em. Iliba. 2 — Lar Atc. 3 — AS. AGUIAS. 4 — Pio. Rim. 5 — Dissuadi. 6 — NÃO. DÃO. 7 — Aramado. 8 — Oposta. 9 — POMBOS. Ar. 10 — Abeire. Lá. 11 — Ri. Lascas.

VERTICAIS: 1 — Elas. Na. Par. 2 — Mas. Dar. Obi. 3 — Pioa. Me. 4 — Ais. Mobil. 5 — Lagos. Aporá. 6 — Itu. Doses. 7 — Beirados. 8 — Aida Tala. 9 — Esmiolarás.

(Provérbio: AS ÁGUIAS NÃO DÃO POMBOS).

EFEMÉRIDES

No dia 25 de Outubro de 1914 foi pelo marechal Pétain ganha a batalha de Artois.

Parece que há contactos secretos

entre de Gaulle e os rebeldes argelinos

O chefe do Governo provisório da Argélia

insiste na proposta de negociações imediatas

PARIS, 25 — Há a convicção de que o general de Gaulle estabeleceu contactos, secretamente, com os rebeldes da Argélia e aumenta a perspectiva de que estes aceitem o convite do presidente do Conselho, deslocando-se à capital francesa, a fim de ser discutido o termo das hostilidades, que, nos ultimos quatro anos, custaram mais de cem mil vidas.

Os jornais de todos os matizes políticos manifestam-se convencidos de que a proposta do chefe do Governo, formulada explicitamente na presença de todos os ministros do seu Gabinete, foi precedida de consulta ao comando politico rebelde.

Indicam o nome de Abderramane Farès, antigo presidente da Assembleia da Argélia, aposentado em Paris há três anos, como o mais provável intermediário entre de Gaulle e o Governo rebelde. — (A. N. I.)

Ferhat Abbas propõe um encontro sem condições

LONDRES, 25 — O «Daily Mail» publica uma entrevista que Ferhat Abbas concedeu ao seu correspondente no Cairo. O chefe do chamado Governo provisório argelino aceitara a proposta de negociações imediatas com o Governo francês, com vista a um cessar-fogo. Com formação do nosso Governo, que restaurou a nossa personalidade, estamos aptos a encontrarmo-nos com os Franceses, sem condições» — declara o entrevistado.

«Faremos tudo quanto estiver na nossa mão — diz — para o êxito desse encontro, mas não será possível assentar-se num armistício sem chegarmos, préviamente, um acordo provisório. As negociações que se seguirem ao cessar-fogo levarão, talvez, dois anos ou mais ainda, não sei. Mas uma solução pacífica é preferível a uma guerra cruel. A nossa finalidade é a independência, á qual todos têm direito. Neste ponto, a Argélia não constitui excepção. Desejamos falar com os Franceses na qualidade de Argelinos, e não na qualidade de Franceses».

Como o jornalista britanico lhe perguntasse se estava pronto a ir a Paris, para se avistar com o general de Gaulle, Ferhat Abbas encolheu os ombros e respondeu:

«Que seja eu ou qualquer outro que vá lá, ou a qualquer outro sitio, é uma questão sem importancia de maior». O chefe rebelde fez, então, o elogio do general de Gaulle: «E' um grande patriota, um homem excepcional. Poderá fazer muito pela França e a Argélia. Como patriota que é, deve compreender que a grandeza da França não é compativel com a continuação desta guerra. Nada temos contra o povo francês. Respeitamos a sua cultura, mas queremos que a nossa dignidade seja respeitada».

Tratando dos problemas económicos que interessam á Argélia, Ferhat Abbas declarou que projecta uma reforma agrária e uma industrialização ligeira.

«De momento, não estamos aptos a fabricar aviões ou a possuir uma industria pesada como a Grã-Bretanha. Mas podemos manufacturar ou fabricar muitos produtos, como a lã ou o açucar de beterraba. O Sahara, por outro lado, contém grandes riquezas em petróleo e minérios».

Declarou, a propósito, que a condição de um entendimento entre os Arabes e as potências ocidentais é um acordo justo sobre o petróleo. Acrescentou, finalmente, que a Argélia independente aceitaria auxílio financeiro da Russia ou da Grã-Bretanha, mas que o espera especialmente da França. «Mas — rematou — numa base nova de respeito mutuo». — (F. P.).

O Governo argelino vai responder à proposta de de Gaulle

CAIRO, 25 — O Governo argelino reuniu-se, hoje, para dar uma resposta a oferta do general de Gaulle, relacionada com as negociações de paz, em Paris, para pôr termo á guerra da Argélia.

Um informador disse ser «provável» que a resposta seja tornada publica, cerca do meio-dia e desmentiu que o Gabinete argelino já se tivesse reunido, em sessão especial, para estudar a proposta de de Gaulle, pois — afirmou «os ministros apenas trocaram impressões», visto aguardarem o texto completo das declarações do presidente do Conselho francês.

Declarou, ainda, que foram estabelecidos «contactos normais», na sede do «Governo» argelino, no Cairo, depois do regresso de alguns «ministros» que se encontravam no estrangeiro. — (A. N. I.).

Rendeu-se um chefe rebelde

ARGEL, 25 — O unico dirigente rebelde que entrou em comunicação com as autoridades francesas desde que o general de Gaulle propôs as tréguas, há dois dias, em Paris, foi um chefe de guerrilheiros identificado simplesmente pelo seu nome de guerra: «Tarzan».

Segundo anunciam, «Tarzan» rendeu-se ás forças francesas em Saida Aissa, a Sueste desta cidade, ao que parece durante o curso normal das hostilidades, e entregou-lhes a sua arma e munições. Chefiava incursões rebeldes naquela área.

As autoridades pensam que serão necessários alguns dias e talvez semanas para que á maioria dos chefes insurrectos dispersos pela vastidão das cordilheiras do interior da Argélia chegue a noticia das propostas do chefe do Governo quanto ao cessar-fogo. — (A. N. I.).

A Mauritânia reclama a independência

WASHINGTON, 25 — Três representantes do movimento dissidente da Mauritania, o emir Mohamed Fal Ben Umeir, Dey Uld Sidi Baba e Mohamed El Moktar, uja permanência na capital americana coincide com a missão da qual o presidente do Conselho da Mauritania, Moktar Uld Daadah, está, actualmente, encarregado nos Estados Unidos, têm plenos poderes do «Secretariado Permanente do Congresso para o Sahara e Mauritania», com sede em Rabat, de levar a bom termo junto das grandes potências ocidentais, uma campanha a favor da «libertação da Mauritania e da união deste território ao Reino de Marrocos, ao qual a Mauritania pertence étnica e históricamente». — (F. P.).

A concessão do Prémio Nobel

ao escritor Boris Pasternak

é considerado em Moscovo

um acto hostil ao Estado soviético

PARIS, 25. — A extrema violência do protesto formulado pelo órgão oficial da União dos Escritores Soviéticos contra a atribuição do Prémio Nobel a Boris Pasternak, faz com que haja poucas probabilidades de ver o grande escritor inconformista ir, pessoalmente, a Estocolmo, para receber a recompensa que acaba de lhe ser atribuida pela Academia Real da Suécia.

O editorial da «Gazeta Literária» que qualifica esta distinção de acto hostil ao Estado soviético, deixa mesmo antever que pressões poderão vir a ser exercidas sobre Pasternak, para o obrigar a renunciar a essa honra, que o «encheu de alegria» como, ontem, declarou aos correspondentes estrangeiros.

O jornal esforça-se por demonstrar que Pasternak não só é um «inimigo do povo» como um escritor infimo que nada tem que ver com a grande tradição clássica do romance e da poesia russos. Esta opinião parece, no entanto, estar em contradição com o prestigio de que Pasternak, poeta e prosador desfruta há muito, junto das élites soviéticas e da juventude universitária — segundo numerosas personalidades que têm ido á Russia.

Seja como for, o embaraço em que se encontram os meios dirigentes da vida intelectual da U. R. S. S., parece reflectir-se no silêncio mantido, durante 36 horas, pela Imprensa e Rádio soviéticas sobre a decisão da Academia sueca.

Foi sómente pelo editorial do órgão da União dos Escritores Soviéticos, largamente difundido pela rádio, que o povo russo soube, ontem, do acontecimento. — (F. P.).

Opiniões sobre o romance o «Dr. Jivago»

MOSCOVO, 25. — «Na nossa opinião, o vosso romance é injusto. Não é, historicamente, objectivo na sua descrição da revolução e da guerra civil. Além disso, é completamente antidemocrático e estranho aos interesses do povo» — escreveram os redactores da revista «Novyi Mir» («O Mundo Novo»), numa carta enviada, em Setembro de 1956, a Boris Pasternak.

Esta carta, publicada, agora, pela «Gazeta Literária», sublinha que os autores da carta declararam que «o romance «Dr. Jivago» não devia ter sido publicado». E acrescenta: «Na época em que esta carta foi enviada a Pasternak, era possível esperar que ele aceitasse as críticas que lhe eram dirigidas e não tomasse uma atitude que desonra o nome de um escritor soviético».

Depois de frisar que, tendo entregue o seu manuscrito, a editores estrangeiros, «Pasternak desdenhou das elementares regras da honra de um escritor e de cidadão».—(F. P.).

O prémio de Física para três cientistas russos?

ESTOCOLMO, 25 — Corre aqui, nos circulos cientificos, que o Prémio Nobel de Física será atribuido, na quinta-feira, a três cientistas russos, os profs. P. S. Cherenkov, Igor Tann e I. N. Frank.

O «Aftenbladet» faz-se eco de tais rumores e escreve: «Para recompensar uma descoberta, conhecida por «efeito de Cherenkov», este professor e os seus dois colaboradores, os profs. Tann e Frank, teriam sido escolhidos pelo juri do Prémio Nobel».

A descoberta em causa foi utilizada para a elaboração de um método de medição da rapidez, da capacidade de carga e da direcção das partículas atómicas.

Os trabalhos do prof. Cherenkov teriam servido, também, de base aos instrumentos do «Sputnik II». — (F. P.).

Ultimas notícias

Os Argelinos rejeitam

a proposta de de Gaulle

CAIRO, 25. — Um próximo colaborador do Governo provisório argelino anuncia que se aguarda uma declaração, rejeitando a proposta do general de Gaulle, relativa a negociações para um cessar-fogo na Argélia. — (F. P.).

■

Eleições gerais

no Partido Comunista russo

MOSCOVO, 25.—Heverá eleições gerais em todos os escalões dirigentes das organizações de base do Partido Comunista da U. R. S. S., na previsão do 21.º congresso extraordinário do partido, convocado para os fins de Janeiro — anuncia a revista «Vida do Partido». — (France Presse).

■

Gomulka

chegou a Moscovo

MOSCOVO, 25 — O secretário-geral do Partido Comunista polaco, Vladislau Gomulka, chegou hoje, acompanhado por vasto grupo de dirigentes do partido e do Governo, para uma visita oficial.

Gomulka e a sua comitiva assistem, na Russia, ás celebrações do aniversário da Revolução Soviética, no dia 7 de Novembro. Kruchtchev e outras altas autoridades russas apresentaram cumprimentos de boas-vindas aos visitantes, na estação de caminho de ferro da Bielo-Russia. — (A. N. I.).

■

A Nigéria

torna-se independente

LONDRES, 25. — A Nigéria segundo informou oficialmente o ministro das Colónias, torna-se independente dentro da Comunidade Britanica, no dia 1 de Novembro. — (ANI).

■

Grande explosão

em Otawa

OTAWA, 25.—Uma terrível explosão na parte baixa desta cidade danificou dois edifícios e estilhaçou as montras dos estabelecimentos comerciais e as janelas dos edifícios de quatro quarteirões.— (A. N. I.).

■

Avião à velocidade

de duas vezes a do som

PARIS, 25. — O avião francês «Mirage III» equipado com um reactor «Snecma Atar 9» (6.000 quilos de impulso) desenvolveu, em Istres, uma velocidade igual a duas vezes a do som. — (F. P.).

O reumatismo

e os alegres almoços

LONDRES, 25. — «A Humanidade paga o reumatismo os pequenos almoços descuidados» — afirma-se num artigo publico pelo «British Medical Journal».

As principais causas da doença — segundo o artigo — são o sal, a água gasosa, o leite, o chá e a marmelada. Mas o reumatismo pode ser igualmente, provocado por certos gases, por perturbações oculares e por más posições à mesa de trabalho.

Finalmente, a revista sublinha que a maioria das tradições populares para a cura da doença têm realmente, o seu valor — ou clínico, de facto, ou simplesmente psicológico. — (ANI).

Vai ser preso

o ex-presidente

da Colômbia

general Pinillas?

BOGOTA (Colombia), 25. — Parece que a comissão de inquérito do Senado, cuja missão é idêntica á de um juiz de instrução passou mandado de captura contra o general Rojas Pinilla, ex-presidente da Republica.

Esta informação, de fonte digna de crédito não foi confirmada pelos membros da comissão, comprometendo-se todos a não revelar aos jornalistas os pormenores das medidas que vão ser tomadas — ou que já o foram — contra o antigo chefe do Estado, a fim de não dar lugar a manifestações que poderiam degenerar em tumultos.

Foi de acordo com o Governo que a comissão tomou esta decisão. Interrogada sobre o assunto, por um correspondente da «France-Press», uma personalidade declarou que a medida será «aplicada com a maior dignidade» e que se tornará» executoria um destes dias». — (F. P.).

Presidente da República do Chile

SANTIAGO DO CHILE, 25. — Foi confirmado no cargo de presidente da Republica, para os próximos seis anos, Jorge Alessandri, por votação do Congresso.

Candidato dos Partidos Conservador e Liberal, Alessandri obteve 147 votos na sessão conjunta. O seu adversário, Salvador Allende, proposto pela coligação socialista-comunista, teve 26 votos. Houve 14 abstenções. — (ANI).

FOUR SQUARE...

É O TABACO QUE O SEU CACHIMBO QUER

Palm Beach

ALMOÇOS
COCKTAILS
JANTARES
Serviços especiais de banquetes

NEGRESCO

Continua a apresentar em pleno êxito o conjunto de

JORGE BRANDÃO

com o cantor animador JIMMY

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS
TELEFONE 14

AMANHÃ, ALMOÇO REGIONAL

com 4 RANCHOS FOLCLÓRICOS e FESTA TAURINA

Informações e reserva de mesa em Lisboa — Telefone 770320

(6 ANOS)

RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR **Telefone 779168**

Todos os dias menus variados
Salas para banquetes e lanches de casamento

AOS DOMINGOS
Serviço normal de lista

magazine

ADEUS, SEXO FORTE

Na verdade, bem se pode dizer «Good bye, sexo forte! Chegou o fim do teu longo reinado!». Vejam a cena: agora são os homens que aplaudem e são os aplaudidos. A ciclista Milly Robinson acaba de percorrer em uma hora nada menos que 39,178 quilómetros. Proeza das rainhas e título de «príncipe consorte». Propomos que a diminuto número de homens. Antigamente criou-se para os maridos a chamar aos homens em geral o «sexo consorte»

(Continua na 3.ª página)

CASOS CÉLEBRES DAS POLÍCIAS DE TODO O MUNDO

O ESTRANHO PROCESSO da Marquesa de Brinvillier (3)

A notícia do regresso e prisão da Brinvilliers foi uma bomba para a boa sociedade parisiense. As investigações iriam prosseguir — até onde? As torturas soltavam as línguas mais renitentes — até onde? O desejo da marquesa se libertar — até onde a levaria? Cruéis dias surgiram para os suspeitos. Todos tremiam no receio constante de serem denunciados. As irmãs Mancini tinham as carruagens a postos para a fuga; outros deixaram de dormir, sabiam as cabeças apoiadas nas mãos de Brinvilliers... fraco apoio numa mulher que precisava salvar a sua...

Na verdade, este processo foi um dos mais curiosos de todos os tempos! O tribunal tinha sido escolhido com o máximo cuidado; mas encontrava-se dividido em dois partidos opostos. Dum lado estavam os que se tinham deixado «comover» com certos pedidos de importantes senhores. Esperavam estes que um indulto impedisse a prisioneira de confissões perigosas. Do outro, estavam os juízes íntegros que velavam a vida do rei como bons cães de guarda. Já sabemos que a vida de Luís XIV estava ameaçada de envenenamento com aqueles terríveis pós que não deixavam o mínimo vestígio no organismo, senão a morte implacável. Importava, para o rei, que a condenação de Brinvilliers fosse um exemplo salutar para os discípulos que Saint-Croix deixara, e se não conheciam bem.

Abaixo dos juízes, outros membros do tribunal também lutavam na sombra: Guillaume, o carrasco que tinha por amante Voisin outra artista da «morte subita» que no executor oficial procurara um refúgio seguro! O primeiro presidente do Parlamento, Lamoignon, lamentava as revelações, um pouco... íntimas da marquesa, que colocava a sua consciência rigorosa num terrível dilema, o mesmo que preocupava o defensor da ré, uma das glórias do foro da época. O próprio Palluau reconhecia que ultrapassara um pouco as suas funções de magistrado, provocando as confissões da marquesa. Dizia, a medo: «todos os mestres em teologia nos dizem que as confissões encontradas devem ser queimadas, sob pena de pecado mortal. Era o que devíamos ter feito ás de Brinvilliers, quando apareceram».

Mas o tribunal exigiu que se fizesse caso destas confissões; o defensor procurou, por outra via, assentar a sua defesa—levou a controvérsia para o campo religioso. Aqui também falhou, porque a marquesa, a uma pergunta do presidente afirmara não se ter confessado a nenhum padre, desde que voltara a França. O povo comprimia-se em volta do «Negócio dos Venenos» como lhe chamava — entusiasmado com o espectáculo imprevisto dos grandes senhores digladiarem-se para salvar as cabeças. Os padres, de comum acordo, tinham convindo que a confissão da envenenadora devia ser livremente utilizada pelo tribunal. «o segredo da confissão só existe — diziam eles — entre o confessor e o penitente».

Foi chamado, o jóvem teólogo preceptor dos pequenos Brinvilliers, que um dia recebera o segredo da marquesa. O pobre Briancourt, intimidado pelo espectáculo que ele próprio oferecia, contou que não soubera o terrível segredo em confissão, mas num momento de amoroso abandono. As suas relações com a marquesa foram relatadas, bem como as ameaças que ela lhe fizera depois, ao lamentar aquele excesso de confiança. O desgosto levara-o ao convento. A marquesa ouvira tudo isto com um sor-

(Continua na 7.ª página)

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

Chegando Outubro qualquer um é poeta. Misteriosos apelos repercutem-se em nós. Acenam lenços brancos de despedidas romanticas. A distancia (quantas vezes inacessível!) é a visita desta hora. Começa a brincar com as meninas dos nossos olhos, a convidá-las para os mais estranhos «rendez-vous» — e as pobres, vencidas, seguem-na...

Ninguém pode furtar-se ao espectáculo das folhas secas e amarelas que vão, por ruas e avenidas, ás cavalitas no zéfiro. Não é um espectáculo triste, esse. Reparem: as folhas, tal como as andorinhas, partem em bando. Brincam, procurando passear adiante umas das outras. São meninos que vêm da escola jogando pelo caminho o eixo ribaldeixo.

E quando surge um camião aí vão todas atrás dele, em algazarra a pedir boleia que só raras conseguem...

Ficariam muito espantadas as folhas se soubessem o carácter das nossas especulações a esse respeito. A ruína, a saudade, o Outono... Meditemos, irmãos, na brevidade das coisas!

A folha seca, trepidante, atrelada ao vento é feliz porque ignora que é o braço da morte que a impele. Eu sou feliz porque sei que o braço da vida há-de trazê-las novamente, não tarda muito...

Pois é. Por isso, leitor e amigo, te aconselho a saires de casa, nesta época ideal para um passeio tranquilo. Não encontrarás os ventos malucos da Primavera, atirando mancheias de pólen de maneira que nem uma ervinha, por mais insignificante, fique por noivar. Nem os calores que o Verão aplica como o velho João Semana que só aprendeu a receitar sinapismos.

Agora terás a calma dos grandes caminhos que incitam os poetas — e assim, quando tudo morre, tudo nasce no ventre de um poema... Terás (como o descobriu Verlaine).

...a agonia que a ternura inclina
e que tanto seduz quando magoa...

(Continua na página seguinte)

SUMÁRIO

«O Finezas»
ALEXANDRE CABRAL

Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Os dois gigantes
ALFREDO BRÁS

O misterioso processo da Marquesa de Brinvilliers
M.ª GABRIELA WALTER

Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO

Fim-de-semana feliz
CICERONE

Postal Ilustrado
MANUEL AGRA

Adeus, Sexo Forte!
LUMBADELES

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios

A presença do povo
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Saiba comer

Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

M.ª CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho

M.ª LÚCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
VILHENA

Página da Mulher

MARC CHAGALL

pintava em serapilheira

Eis Marc Chapall na escada da sua vivenda de Vence, na Costa Azul. Na parede, um dos seus quadros. O grande pintor, que nasceu em Vitebsk, na Russia, em 7 de Julho de 1887 — começou desde muito cedo a pintar. Para isso tudo lhe servia: pintava em pedaços de cartão ou de serapilheira, que suas irmãs aproveitavam depois para tapetes...

OS DOIS GIGANTES

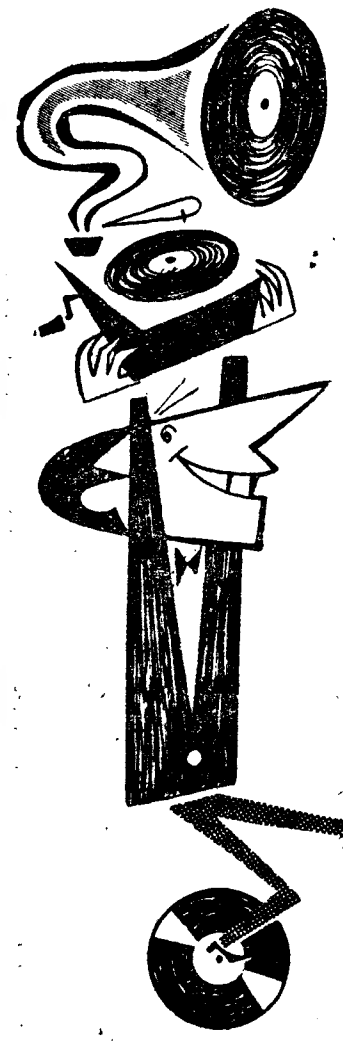
por ALFREDO BRÁS

Seria difícil ter encontrado duas personalidades mais antagónicas do que as dos pintores escolhidos para decorarem as paredes da Sala do Conselho do Palazzo de Vecchio, Leonardo, vinte e quatro anos mais velho, acabava de regressar de Milão, onde passara dois anos ao serviço de César Bórgia na qualidade de engenheiro militar. As obras que já havia executado, em especial a célebre «Ceia» do Convento de Santa Maria della Grazia, tinham-lhe conquistado a fama de ser o maior artista do seu tempo. Miguel Angelo tinha acabado de esculpir o seu colossal David e já então era considerado o unico artista capaz de competir com o glorioso autor da «Ceia».

A conhecida rivalidade dos dois gigantes renascentistas não naseeu; porém, dessa rivalidade artística, mas antes duma profunda diversidade de temperamento. Diferiam em tudo, até no aspecto físico. Leonardo era belo, esmerado no trajar e afável no trato. Amava a comodidade a ponto de se rodear de musicos e recitadores para lhe amenizarem o trabalho e evitava a escultura por não gostar de «ter de ficar de pé, sujo e empoeirado». Miguel Angelo era feio, desalinhado e vivia com tal ausência de conforto que, enquanto estava ocupado com

(Continua na ultima página)

disco da semana

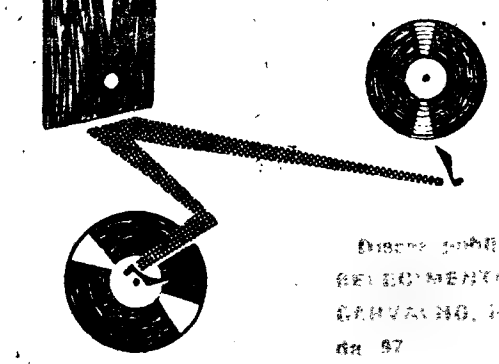


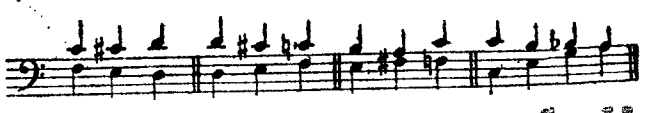
Reveillon no Estoril com LINE RENAUD

disco Pathé ATX130

De novo nas nossas colunas o nome de Line Renaud. Desta vez para assinalar o lançamento duma gravação de excepcional interesse obtida durante a sua actuação no «reveillon» do Casino Estoril. Os microfones da companhia gravadora a Pathé, foram ao Estoril e captaram uma invulgar demonstração de talento da sua belissima vedeta. Já haviamos destacado a classe invulgar de Line Renaud e gostosamente o repetimos recomendando-vos a audição deste disco onde a par de belas canções do mais puro estilo romantico-parisiense podereis encontrar quadros de irresistível espírito, tais como «AH Ç'QU'ON EST BIEN» e o extraordinário «JE VEUX» que durante duas semanas arrebatou a selecta assistência das salas do Estoril, pela sua graça maliciosa.

Line Renaud deixou-nos um precioso testemunho da sua passagem pelo Estoril.





Fim de semana feliz

(Continuação da 1.ª página)

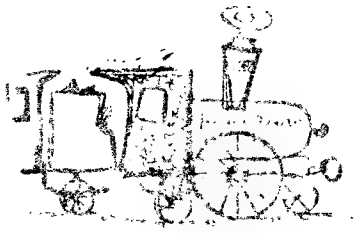
Terás a natureza inventando cores para pintar (e camuflar) o seu declínio... Ter, em suma, aquele instante em que um diálogo frutuoso se estabelece entre o homem e o seu destino...

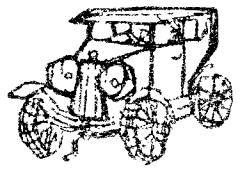
Por isso, leitor amigo, volto a dizer-te: não fiques em casa. Busca, não muito longe de casa, onde haja campo, céu, árvores — se forem eucaliptos tanto melhor. Já reparaste que uma folha de eucalipto, nesta hora, é um verdadeiro arco-iris, menos celestial que o outro, mais sangrento, mais humano? Como diria Manuel Bandeira:

Veste-a uma tunica inconsutil
feita de sonho e de desgraça...

Por mim atrevo-me a aconselhar-te para passares este domingo plácido de Outono na Costa da Caparica. Tenho, além das naturais razões poéticas, que são de peso, outras mais práticas e não menos convincentes.

Em primeiro lugar, segundo me foi comunicado numa folha de eucalipto que recebi hoje, o Outono dá uma extraordinária exibição na bela mata de Caparica — *com entrada absolutamente gratuita!* Cores no céu, suavidade de luz, «ballet», etc., tudo haverás aí. Eis uma oportunidade que não deves perder, meu caro, em primeiro lugar porque num país onde rareiam até ao limite máximo as manifestações artísticas, é crime perder aquela exibição. Em segundo lugar, porque se trata de uma oportunidade que (do que me dizem) não se repetirá muitas vezes. O mar avança terrivelmente, engole valiosas fatias de terra, ano após ano. A mata encontra-se em perigo (notam-se já os efeitos do ataque oceanico...). E os homens cruzam os braços e deixam que o malfeitor avance e leve quanto quer. Eles próprios dão uma ajudazinha — e já começaram a destruir uma das alas da mata para vender em talhões, a velocidade de sessenta escudos o metro quadrado! Não tarda que a ganancia e a ignorancia da propriedade privada acabe por lesar gravemente os interesses colectivos.





Mas adiante...

Depois, nesta altura do ano, é difícil encontrar um sítio tão calmo, tão repousante como a Costa e a sua mata. Os ventos furiosos, doidos varridos, da época estival, dormem finalmente o sono dos justos. Sobreveio a calma das mãos pousadas no regaço, depois das colheitas e da vindima.

Lopes da Silva, que não perde uma oportunidade de salientar as qualidades da Costa, afirmava, há dias, que o maior elogio que pode fazer-se á região é que ela está indicada, precisamente, como estancia de repouso, como estancia de inverno. Completamente de acordo. Passar um fim-de-semana em diálogo ameno, filosófico, com os pinheiros e eucaliptos é vir de lá sarado das mil cutiladas que a cidade nos inflige.

Segue o meu conselho, leitor. Conselho desinteressado, que tem unicamente por objectivo proporcionar-te algumas horas de descontracção, de recuperação julgadas (conforme doutrina loga) indispensáveis á felicidade e á longevidade...

CICERONE

Crónica de Londres

Os ingleses e o racismo (1)

DISSERAM-NOS sempre e mais de uma vez que o povo britanico não acalenta ódios de raça e que, á sombra de fortes instituições democráticas, defensoras zelosas da liberdade individual, jamais um honesto cidadão poderia ser molestado pela cor da sua pele.

Os tumultos que se deram recentemente em Notting Hill, um dos mais populosos bairros de Londres, e na cidade de Nottingham, com as cenas ascorosas da caça ao homem e a agressão violenta, vieram derramar uma luz sombria sobre uma situação que se começou a definir cerca de 1951 e que hoje causa graves inquietações á camada ilustrada do país.

Até então as cidades inglesas, com excepção dos grandes portos de mar, como Liverpool, não conheciam a existência de uma população de cor que se fixara no seu solo. Havia, sim, uma multidão flutuante que as visitava e se estabelecia até nos centros mais importantes, mas sem carácter definitivo. A maioria daqueles que escolhiam residência no Reino Unido — é a grande colónia estrangeira — era de proveniência europeia, ou, pelo menos, não se fazia notar ostensivamente pela cor da pele.

Mas nos ultimos seis anos Londres e as províncias — embora numa escala muito menor — viram as suas ruas alegrarem-se de trajos garridos e ligeiros em que vivem saudades do sol dos trópicos. Na gravidade cinza da grande metrópole pardacenta estes pequenos grupos e jovens jamaicanos punham uma nota insólita, algo exótica, mas ao mesmo tempo fresca com o seu quê de Carnaval veneziano.

Nos cafés começámos a ser servidos por negrinhas nuheis e simpáticas, nos autocarros habituámo-nos a receber o bilhete das mãos de um rapagão escuro e sorridente, no metropolitano familiarizámo-nos com o sotaque dos novos guardas de linha. E aos domingos na paz doce e aveludada dos parques tornou-se uma coisa comum a confraternização espontanea de bambinos de cabelo de oiro e meninos de raça negra, que abriam ao Mundo uns grandes olhos suaves e melancólicos.

Estes emigrantes das Antilhas buscam os portos britanicos para fugir á fome e á miséria que tornam quase impossível a sua sobrevivência no clima soalheiro e na atmosfera redolente de calipsos que os postais ilustrados e os cartazes turísticos espalharam pelo Globo. A grande exploração latifundiária, baixos salários e um desemprego crescente, agravado ainda pelo facto do Governo britanico ter decidido comprar o açucar de Cuba, criaram na Jamaica uma grave crise económica, cujas consequências se estão agora a sentir.

Encontrar alojamento na grande Babel londrina, já de si superlotada, não era tarefa fácil. Depois para um homem de cor tornava-se ainda mais embaraçoso. Muitas vezes os anuncios do jornal indicavam claramente que não se aceitavam «negros». Outros, embora omissos sobre a raça dos inquilinos, ao verem o pretendente recusavam-lhe o quarto.

Certos proprietários mais empreendedores viram neste constante afluxo de emigrantes uma excelente fonte de lucro e arrematam alguns prédios em precárias condições de conservação. Dividiram-nos de cima a baixo em quartos deficientemente mobilados, que alugaram por duas, ou duas libras e dez xelins por semana.

O reverendo Clifford Hill, que acaba de publicar um inquérito notável sobre a situação da colónia jamaicana, descreve-nos um desses quartos onde vive um casal com uma criança de meses. «O tecto, coberto de grandes manchas amareladas, deixa passar a água da chuva em noites de temporal. Não há quaisquer facilidades de aquecimento, excepto um pequeno fogão de parafina, á roda do qual cinco ou seis pessoas tentam aquecer-se em noites frias. Uma cozinha comum é utilizada pelos locatários de todo o prédio e é ainda nela que lavam a roupa. Uma banheira e retrete unicas com uma canalização inadequada empestam a casa do seu cheiro nauseabundo».

Apesar das péssimas condições de alojamento, o proprietário não hesita em dar ordem de saída ao inquilino dentro de uma semana, se encontra quem esteja disposto a pagar uma renda mais elevada, ignorando a/protecção da lei, o inquilino sai para continuar o seu triste fadário noutra parte.

No intuito de evitar os caprichos dos proprietários, os emigrantes que traziam as suas economias dos Estados Unidos constituiram entre si uma associação particular de auxílio mutuo e decidiram-se a comprar alguns prédios que arrendaram a amigos, parentes e conhecidos. Como é natural, a sua inexperiência neste tipo de transacções tornou-os uma presa fácil da ganancia do vendedor. Na sua maioria os imóveis adquiridos são anteriores á primeira Grande Guerra e carecem aflitivamente de reparações. Muitos não têm sequer as condições sanitárias essenciais e ainda são iluminados a gás.

De modo que assim vai surgindo aos poucos um novo tipo de «slum», um «bairro da lata», que agrava o problema da habitação da grande cidade. Ora há mais de 150.000 famílias á espera de casa e, com as dificuldades presentes, uma parte da população londrina ocupa alguns dos imóveis comprados pelos emigrantes.

O proprietário jamaicano vai agir com os seus inquilinos da mesma maneira como fora tratado quando se encontrava na sua situação. Desejoso de auxiliar os outros membros da colónia, os seus inumeros parentes e conhecidos, intima os inquilinos a sair dentro do prazo de uma semana. Só então descobre para seu desespero que o não pode fazer e quase se convence de que existe uma lei diferente para pretos e brancos.

Por outro lado os hábitos domésticos dos jamaicanos divergem profundamente dos de uma família inglesa. Para o inglês a sua «casa é o seu castelo», fortaleza inacessível a olhares estranhos, reduto sagrado onde se celebra o culto da intimidade e de um individualismo cioso de si mesmo. As gentes da Jamaica, pelo contrário, adoram a musica, a animação, os calipsos batidos a compasso, a grande reunião e o ar de festa. Daqui o protesto incvitável dos Ingleses e o consequente motivo de atrito entre uns e outros.

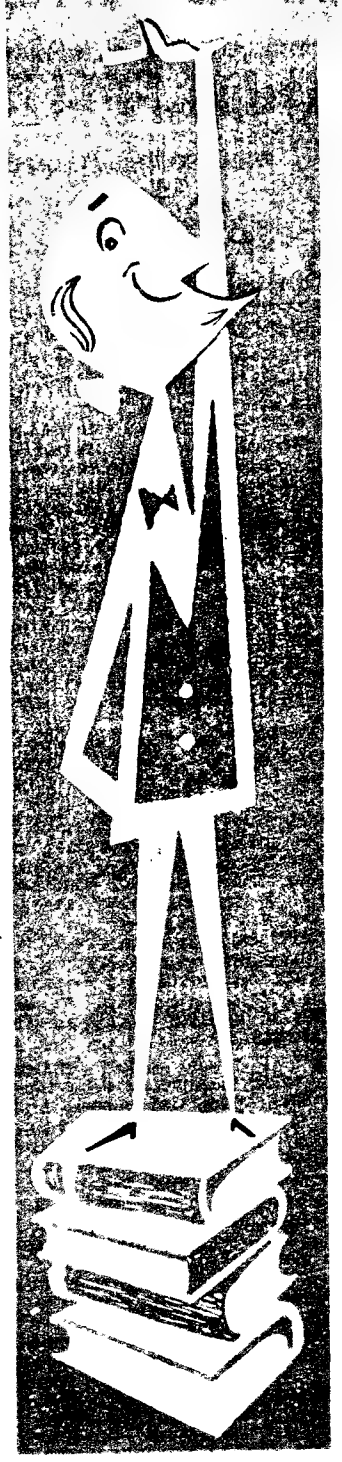
E' neste ambiente que têm germinado a pouco e pouco as primeiras sementes de um confuso ódio de raça. Torna-se evidente que o emigrante veio para aqui com o intuito de se fixar, de fazer aqui a sua vida. Desalentado por uma longa espera de mais de dez anos na lista de habitações do Município, o inglês não vê com bons olhos o jamaicano que se tornou proprietário.

Se faz fila para o autocarro e passa um negro ao volante de um automóvel, ele ressente essa visão como uma bofetada no seu orgulho. No fundo não perdoa que um homem de cor, que considera um inferior na escala social, tenha conseguido mais do que ele.

A «Commonwealth» poderá ter sido a melhor solução encontrada para governo dos territórios britanicos do ultramar, mas não curou a grande massa do povo inglês dos hábitos de nação imperial e de um chauvinismo estreito, que embora proclame que todos os homens são iguais á face da lei, sente, lá no íntimo, que uns são mais iguais do que outros...

LUIS REBELO

O LIVRO DA SEMANA



O crítico italiano Carlo Salinari referiu-se ao romance «Um Rapaz de Florença», de Vasco Pratolini, em termos que, exactamente porque na sua pena não podem ser considerados arbitrários, devem ser considerados como extremamente elogiosos: «...uma das maiores obras dos ultimos trinta anos.. a primeira pedra, talvez, do novo surto do realismo italiano». Se não esquecermos que nestes trinta anos a ficção italiana se honra com os nomes de Silone, Coccioli, Morávia, Vittorini, podemos idealizar o que significa para o crítico italiano este romance «Um Rapaz de Florença», que vos propomos como companheiro de «Fim-de-Semana» neste Verão que se vai prolongando, inundado de sol, pelos dias amenos de Outono. Também, outro crítico italiano, escreveu: «um livro importante, um livro novo na nossa literatura». Com efeito nunca a ficção italiana conseguiu a tal ponto, e com tal sentido poemático, a fusão numa perspectiva realista do indivíduo com o colectivo. A vida de Metello — «Um Rapaz de Florença» — coloca-nos perante a cidade e a sua vida. E' uma cidade que cresce, é uma população que se desenvolve, rumoreja, labuta, sofre e ama.

Vasco Pratolini não inventou, não idealizou, nem os acontecimentos que conta nem as personagens que fez viver. O operário Metello é um homem, não se furta nem ás solicitações da vida nem ao erro, nem á franqueza, nem ao medo. Ama a sua mulher. Ama-a sinceramente e engana-a com uma mulher futil e fácil. Ercília, a mulher de Metello, é, de resto, uma das figuras mais cativantes do romance. Filha do povo, filha de um operário, sincera e espontanea, Ercília não se contorma com a vida de esposa enganada e defende o seu amor com dignidade e obstinadamente.

O escritor não intervém no romance. Não se interpõe entre a acção e o leitor. As suas opiniões não interferem na trama novelesca. Descreve os acontecimentos com precisão e autenticidade, põe os personagens a viver, a amar, a lutar, mas não os obriga a dissertações ideológicas, a divagações retóricas e ociosas. Não toma partido por umas figuras contra as outras — como escritor. Cria seres humanos, não traça caricaturas. A vida viva, real, rumorejante, está presente e é ela que conduz a acção. A narrativa é fluente e rápida. Vasco Pratolini é um grande escritor, um romancista que compreende os homens e os ama.

ADEUS, SEXO FORTE

POR LUMBA'DELES

OS leitores que nos começaram a ler na primeira página julgaram que o seu tormento masculino terminava ali. Oh! Lasciate ogni speranza, voi che entrate! Se julgavam que a jovem ciclista inglesa era uma excepção, tirem daí o sentido. O Homem vai a caminho de deixar de ser o rei da criação. A Monarquia natural só conhece aRinhas. Vejam aquela imagem de um desafio de futebol entre uma equipa alemã e outra holandesa. Vai golo mesmo! Frau Schuster, uma das componentes do grupo germanico, é casada e tem dois filhos. E' o marido quem se ocupa deles e já com modelar resignação.

Deve dizer-se em abono da verdade que estas sucessoras do homem não lhe imitaram por enquanto os defeitos desportivos. Repudiam o profissionalismo. São amadoras cem por cento!

Enquanto isto sucede entre seres humanos — qual é a tendência que se verifica nos demais ramos do reino animal? Não haverá af um poucochinho de mais respeito pelos direitos do macho?

Trágico aviso á navegação!

Mirem com atenção, desgraçados leitores! No andar zoológico dos Louva-a-Deus a revolução é profunda e as consequências fatais. Depois de consumado o matrimónio, madame deita logo os dentes ao pescoço do seu-sorte e decapita-o. Feita esta operação preliminar, transforma o pobre macho em prato-do-dia. Dizem os cientistas que esta é a maneira das Senhoras Louva-a-Deus ingerirem o azoto de que necessitam:

Eu acredito (porque não hei-de acreditar?). Mas acho bem, sobretudo no caso dos Don Juan, que eles vão já mandando analisar a percentagem de azoto que têm nos tecidos. Nada como pôr já... o azote de molho. O seguro morreu de velho. Não chegue a triste altura em qué contra o azote já não haja argumentos. Será de resto a unica forma de evitar que os seculares romances de «Amor e Mistério» surjam nas livrarias com a tarja muito mais fatal e sensacional de «Romances de Azote e Mistério»!

Aviso à navegação!

Acabem-se as cortinas

O director da Sociedade Soviética «Inturist» que regula o movimento turístico da U. R. S. S. comunicou que no decorrer deste ano já visitaram aquele país 4.000 turistas americanos, contra 2.700 no ano passado.

Aqui está uma competição em que os dois *grandes* podiam e deviam abertamente lançar-se: o turismo. O apoio ou a simpatia da opinião publica mundial (bolo apetecido de todas as nações...) pelas facilidades concedidas á entrada e saída do país, seriam o prémio, a taça, dessa competição.

Os Americanos já reconheceram ser de má política pôr entraves ao livre transito de cidadãos ou turistas. Não lhes granjeou muita simpatia, inclusivamente no mundo ocidental, a proibição de entrada nos Estados Unidos dos xadrezistas soviéticos, ou as dificuldades de que se rodeou a saída de Arthur Miller, consagrado autor de «*A morte de um caixeiro viajante*».

O contacto entre os povos facilita as boas relações entre eles, leva-os a conhecerem-se melhor. E o Mundo está cansado de compartimentos estanques — sempre tão perigosos.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

a linguagem do possível

por DIOGENES

Gosto na verdade gosto muito do nosso velho Cronista Rui de Pina. A's vezes, ao pensar nele, lembro-me da frase de minha avó: «Olha a grande coisa! Vir para a rua em corpo bem feito quando há sol, toda a gente faz... Os homens conhecem-se é quando há tempestade». Isto dizia-me ela quando eu começava a fungar por me doer um dente. «Não chores!» — mandava. E eu: «Pois é avó, mas a mim doem-se os dentes». — «E depois?» — «Depois... Se não me doessem, deixe estar que eu não chorava»... Vinha então aquela sua saborosa sentença final, que me recorda sempre o bom do Rui de Pina.

Sim, porque Fernão de Lopes foi muito mais feliz: veio para a rua de corpo bem feito quando havia um sol de louvar a Deus. Mesmo assim, claro, com ameaços de chuva lá para a noite, mas só ameaços. Ora o Pina já viveu numa atmosferá com ar condicionado. Por isso o admiro tanto, e não apenas porque todos (muitos) historiadores não deixaram este vale de lágrimas sem lhe arremessar a sua má vontade. Até o Herculano, que praticou a feia coisa de lhe pôr uma alcunha — uma alcunha, calcule, num país onde tanto agrada traduzir os nomes próprios e legítimos no calão das nossas más disposições...

Eu sei que, na maioria dos casos não se lhe perdoa a franqueza feita de mil manhas. Descia á liça histórica, armado da limitação de Cronista-mor do Reino, e, tendo de apresentar a sua opinião acerca dos homens poderosos, das classes dirigentes — entre ser obrigado a dedilhar o choradinho académico e abrir um fogo suicida, criou a «sua maneira», o inconfundível «made in Rui de Pina», a quem devemos o unico retrato sem pose do senhor Infante Dom Henrique.

Na verdade, o seu antecessor, o Cronista Gomes Eanes de Zurara, esgotara um milheiro de duras penas de pato a cantar o Senhor Infante: «O' tu, Príncipe pouco menos que divinal! Eu rogo ás tuas sagradas virtudes que elas suportem com toda a paciência o falecimento da minha ousada (!) pena, querendo tentar uma tão alta matéria como é a declaração de tuas virtuosas obras!» Esta sapientíssima massagem cortesã vem na «Crónica dos Feitos de Guiné». Escorregando no mesmo e bem lubrificado estilo, o nosso homem faz-nos assistir á sua enorme perplexidade, a correr das orelhas para os olhos e ida e volta. Refiro-me a este mimo: «Tua glória, teus louvores, tua fama, enchem assim as minhas orelhas e ocupam minha vista, que não sei a qual parte acuda primeiro».

Pois o retrato feito pelo Rui de Pina é muito mais instrutivo. Quando dedica ao Infante o capítulo XII da sua «Crónica de D. Duarte», para não irritar os Tiroleses não se esquece de queimar o raminho de incenso que é obrigado a empunhar: «O Infante D. Henrique foi Principe a quem Deus dotou de todas as virtudes da alma e das do corpo. A natureza não lhe foi escassa: em especial, era de mui esforçado coração, com que sempre zelava e procurava grandes empresas. E certo, se ele fora em alguma grande potência, cuja governança estivera sómente á sua disposição, bem poderíamos conjecturar que seu estado e cuidado não tivera outro respeito, salvo conquistas virtuosas».

Magistral! não acha? Depois da besuntadela da Lei, a insinuação realista: um senhor Infante que, se pudesse fazer o que lhe dava na real gana, não faria mais nada senão distribuir grandes espadeiradas de conquista.

Está assim preparada a obra-prima que é o restante capítulo. D. Henrique para levar avante a sua ansia, não de descobrir terras, mas de... de as conquistar aos infiéis, arranja maneira de levar de vencida a resistência oposta pelos seus muito mais esclarecidos irmãos D. Pedro e D. João. Como? Pela intriga. Vale a pena acompanhar a habilíssima narrativa do Cronista: «Sabendo o Infante o grande amor que El-Rei tinha a Rainha sua mulher e a muita parte que lhe de si dava e quanto com sua descrição e virtudes lhe podia, junto de El-Rei, muito aproveitar — tomou por invenção servi-la mais continuadamente e com mostranças de maior do que antes fazia; e a Rainha estimou por muito seu interesse e segurança haver para si o coração do Infante D. Henrique, a quem, por isso, respondia igualmente com obras virtuosas e sinais de amor.

E conhecendo o Infante que tinha já ganha a sua boa vontade, trabalhou mais para levar ao fim o seu desejo e atrair a si os principais da corte com quem El-Rei tinha mais familiaridade e a quem em seus conselhos dava mais crédito.

Que me diz a este original retrato do celebrado Infante? Sempre que se refere a ele o nosso Rui de Pina diz logo que se trata de um senhor de muitas virtudes; em seguida passa a descrevê-lo na vida real: quando assume o papel de cabo de guerra (foi o caso do desastre de Tanger), Pina revela-nos um general sem competência; quando pretende levar a sua avante, surge o intriguista; quando se trata de escolher entre dois partidos, vai pelo mais forte e trai o irmão, o Infante D. Pedro; quando é urgente traçar um plano, vêmo-lo enrodilhar-se em razões fanáticas; enfim, um sujeito complicado, tortuoso muito diferente das versões oficiais.

Ora o espantoso é que Rui de Pina diz tudo isto com os modos mais santos deste mundo. Como se tudo quanto nos revela não passasse de elogios cortesãos. Não acha que devemos admirar este grande Mestre da linguagem do possível?

DIÓGENES

A VIDA QUOTIDIANA NA P

A PRESE DO PO'

— Por —
AUGUSTO DA COSTA DIAS

O contrário do que pretenderam muitos santeiros, entretidos em dourar a figura de D. Sebastião, este não era, de forma alguma, amado pelo povo. A avó, D. Catarina, várias vezes lamentara tal facto; e tinha razão: o despótico monarca exteriorizava sempre o mais fundo desprezo pelo seu povo e o desamor com que este lhe retribuia não passava da justa paga em moeda igual.

Nos ultimos tempos do seu reinado, quando, acudindo ao desespero económico de uma classe dirigente de parasitas, se lançou com ela em Alcacer-Quibir — mais uma vez se não esqueceu de profundamente ferir a alma popular. Para se fornecer de soldados no País, depois de no estrangeiro os haver generosamente comprado a peso de ouro — D. Sebastião ordena que se proceda á recruta de todos os Portugueses válidos, solteiros ou casados, e isto por qualquer meio, a bem ou com violência. Assim se cercaram aldeias e se arrastaram á força os homens para o talho de África. Só se livrava quem pagasse o seu resgate. Os arroladores encontravam uma óptima ocasião para enriquecer. O preço era, nos primeiros tempos de negócio, vinte cruzados por cabeça; depois foi baixando, pois não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe: e nos ultimos dias de incorpotação, a cabeça de um homem do povo já só valia dois cruzados.

Para pagar, porém, a almoeda inicial, os pobres empenhavam ou vendiam todos os seus bens; e desta forma adiavam a morte para mais fundo se atolarem na miséria. Muitas mulheres para poupar os companheiros despiram a roupinha de modo a tudo transformarem em cruzados; outras tiveram de mercadejar o corpo, quando esta moeda valia mais aos olhos dos oficiais arroladores. Ia muita lágrima e muita dor pelos campos de Portugal! E só o imenso carinho pela Pátria faria com que esse mesmo povo, mais tarde, ficasse esperando, esperando, esperando o rei que havia de vir na anunciação de uma manhã de nevoeiro...

Por fim, em lugar de doze mil homens calculados por D. Sebastião apenas se recrutaram nove mil. Nove mil representantes da extrema pobreza da Nação: o refugo que não conseguira realizar os cruzados em que se avaliavam as suas cabeças.

Como toda a gente sensata previa, a expedição de África saldou-se com um desastre completo. Enquanto, todavia, isto não era conhecido, o povo amordaçava o rancor contra a nobreza, suspenso do que estaria acontecendo áquele que, apesar de tudo, era o símbolo da independência da Nação. Por que tinha medo o povo? Não havia mais quem pudesse suceder a D. Sebastião? Havia. Mas havia mostras de traição, gente nobre para quem, no testemunho de um contemporaneo, tanto montava dizer «Bejo as mãos a Vossa Mercê» *como* «Bejo las manos a vuestra mercede».

O povo lisboeta continuava pois a aguardar, naqueles primeiros dias de Agosto de 1578, numa angustia cada vez maior, as desejadas notícias de África. Finalmente vieram: por 10 ou 11 de Agosto penetrou o mensageiro em Lisboa. Tão escondido como se fora ladrão. E assim dissimulado o mantiveram os magnates, receosos das iras populares. Na cidade, no entanto, algumas pessoas deram pela chegada do fatal correio. E assim começou rolando e encorpando a notícia, cada vez mais pesada com a dor e o sobressalto de todos. Chegou então o ponto em que a dor esbracejou em cólera. Para quê tanto segredo? Para quê tanta intrujice? Onde estava el-rei? Que tinham feito dele os magnates? Que contas prestavam?

Em diferentes pontos da cidade soaram tumultos; como nos velhos tempos em que o Mestre de Avis subia ao trono por mandato do povo, este alvejava com a sua justiça os propostos de traidores. Já na cidade se começavam a apontar os cumplices e responsáveis da tragé-

MORSE

O café

Realizou-se em França a conferência Inter-Africana do Café, que reuniu vinte peritos. Dela faziam parte, entre outros, França, Inglaterra, a Bélgica, Portugal, Etiópia, Costa do Marfim, Guiné, Madagascar, etc., etc.

Segundo as informações fornecidas pela conferência, verifica-se que são os seguintes os maiores produtores (os numeros exprimem toneladas):

Brasil	859.140
Colômbia	289.420
México	86.885
Costa do Marfim	101.200
Madagascar	48.700
Camarão	16.871
Guiné	2.659
Africa Francesa	4.450

A lista dos principais consumidores ordena-se como segue (em toneladas):

Estados Unidos	1.250.000
França	180.000
Alemanha Ocidental	155.000
Itália	78.000

A excitação, a luta, a incerteza, as dificuldades em suma, a crise, exige café: 735 chávenas dele, por ano, para cada yanque; 420, para os franceses; 306, para os alemães; 160 para os italianos. Por outro lado, a famigerada cafeína aumenta a excitação, o nervosismo. E no meio deste Mundo vicioso, 20 peritos reunem-se para tratar do negócio.

VILHENA apresenta:

6 DESENHOS DA SUA

SÉRIE NEGRA

— Imagine que ainda não há oito dias fiz uma operação às amigdalas e o medico me recomendou cuidado com a garganta.

UM ASSUNTO POR SEMANA

SEM PALAVRAS

A sua ultima palavra foi esta.

— Os senhores tem a certeza de que este rum não me vai fazer mal ao figado?

— O sr. não se importa que depois eu fique com a corda?

— Qual é a tua ultima vontade?

Só há alegria quando há saúde
E não há saúde com dentes estragados
LUX CREME

PAGINA DA

Variedades

Um antiquissimo adágio árabe, desde há muitos séculos conhecido na Europa diz que «a palavra é de prata e o silêncio é de oiro». No entanto, continua havendo sempre quem fale de mais.

*

Nem sempre a vaidade é defeito das mulheres. Luís XIV, que tinha em grande conta a sua elegancia, era mais baixo do que a maioria dos seus cortesãos. Quis disfarçar esse defeito e foi ele o inventor dos saltos altos que lhe davam assim, mais uns centimetros de altura. Aconteceu, porém, que os senhores da corte do «Rei Sol», como todos os senhores da corte de todos os reis, pretenderam copiar o soberano e adoptaram, também, os saltos altos deixando sua majestade num plano inferior.

*

Actualmente — dizem as estatísticas — por cada criança que nasce em França, nascem duas na Alemanha, três no Japão, sete na U. R. S. S. e mais de vinte na China. Nestes dois ultimos países é obrigatório, por decreto governamental, a prática do parto sem dor.

AGORA A Primaz

...TEM CAMISAS PARA RAPAZ!

A CAMISARIA PRIMAZ apresenta as suas impecáveis camisas, CUJOS COLARINHOS NÃO ENCOLHEM, agora também para rapazes, a partir dos 4 anos de idade.

VISTA O SEU RAPAZ COM UMA CAMISA PRIMAZ

Primaz

ROSSIO 115 — LISBOA

Não esqueça...

Pele tratada com NIVEA: frescura juvenil

PRODUTO ORIGINAL DA BEIERSDORF, ALEMANHA

UM PORMENOR DE GRANDE ACTUALIDADE

Muitos vestidos de «lainage» das ultimas colecções apresentam, como ornamento uma flor formada com rolinhos ou palas do próprio tecido. As flores são rosas ou malmequeres e rematam, quase sempre, um drapeado ou tomam o lugar que seria destinado a um botão decorativo. Neste modelo que é de tecido negro apresenta-se um pormenor do referido género que fez o encanto das raparigas de há vinte anos...

BLUSA BORDADA

Esta blusa de seda natural bordada fica bem em qualquer estação, por baixo de um casaquinho no tom claro da saia que é cinzenta. A blusa fica bem num tom sombrio de verde bronze, bordada em tons contrastantes.

PRISÃO DE VENTRE

***

A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.

Rectónus

Supositórios

Á venda nas Farmácias.

Salada de frutas com chantilly

É de bom gosto servir a salada de frutas em taças individuais que se apresentam sobre pratinhos de vidro e acompanhados com a colher respectiva.

A salada poderá ser feita com as frutas da época cortadas miudamente, temperadas com açucar e um pouco de vinho do Porto para quem gostar. Depois de cheias as taças, guarnecem-se com creme de Chantilly que se prepara da seguinte maneira: bate-se uma colher de manteiga sem sal com uma colher de açucar refinado. Quando estiver na consistência de um creme junta-se-lhe, pouco a pouco, uma clara de ovo bem batida em castelo. No Inverno e na Primavera, em que as frutas não são muito variadas, pode fazer-se a salada com rodelas de banana, bocadinhos de laranja e umas tantas cerejas cristalizadas ou ginjas de compota que dão uma interessante nota colorida e melhoram o sabor da salada.

Conselhos e receitas

Evite franzir a testa ou erguer muito ou unir as sobrancelhas. Esse hábito provoca rugas precoces na testa, entre as sobrancelhas e em volta dos olhos.

*

A água em que é cozido o macarrão ou as batatas é muito boa para desengordurar os panos da cozinha.

*

A dose justa para uma limonada saborosa é o sumo de quatro limões para cada litro de água fresca, quatro colheres de açucar e quatro cascas de limão.

*

Plantando num vaso com terra bem preparada uns caroços de limão, pode obter-se uma planta decorativa, para interior, com folhas aromáticas que servem para chá estomacal.

A lança... o fim... uma... peu... teira... nas... de ci... e Ma... recem...

PARA O TABULEIR

Um grupo de rosetas de «chochet» f... rente branca n.º 40, formaram este grac... destina ao serviço de chá.

Esquma Séca

Sensacional produto da Química Alemã. Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras, Estofos de Automóveis e de Móveis.

Pelas suas mãos e na sua casa!

Centenas de escudos de economia!

A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL, em todos os bons estabelecimentos.

REPRESENTANTES: SCHROETER & ALMEIDA

RUA DA MADALENA, 128, 2.º — LISBOA

Não é na gaveta que poupa a sua rou...

Vista-a com gosto e sem receio

e

Quando estiver suja

POUPE-A

lavando-a com

...TIVADO CUF

Roupa sempre no...

Roupa sempre elásti...

Roupa sempre rigorosame...

limpa e sem desbot...

SABÃO ACTIVADO CUF

UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO...

A MULHER

MEIAS DE CORES

A moda das meias coloridas foi lançada nos Estados Unidos com o fim de dar á «toilette» feminina uma cor unica aparecendo no chapeu no vestido, nas meias, na carteira e nos sapatos. A moda foi apenas adoptada por algumas artistas de cinema entre elas Natalie Wood e Marjorie Mormingster que aparecem nos seus próximos filmes com meias azuis. Diz-se dever-se esta inovação ás saias extremamente curtas que deixam ver uma grande altura de meias noutra cor, cortando a silhueta e dando, por ilusão de óptica, menos altura á mulher. Meias da cor ou, pelo menos, da tonalidade do vestido ou da saia dão continuidade e alongam as pernas elegantemente. Entre nós, não se dá por que sejam usadas as meias de cores embora alguns estabelecimentos as tenham á venda desde que foi lançada a moda.

LEIRO DO CHÁ

...et» feitas com linha «Mercer» cor- ...gracioso pano de tabuleiro que se

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Ldª.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59161-2-3 - LISBOA

TAPETES FRANCESES
Desenhos Orientais
Nova Colecção
QUINTÃO
Casa Especializada
30, R. Ivens, 34

FANTASIAS DO "TRICOT"
CONHEÇA AS ÚLTIMAS NOVIDADES
EXECUTADAS PELA ORION
VISITANDO O
STAND HUSQVARNA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 9-A

CASACO LARGO
E BEM COMPRIDO...

Casaco largo e bem comprido, por cima de um vestido de decote bem afogado e saia pregueada, eis o que Jacques Griffe ditou para as jovens funcionárias ou estudantes. O casaco é assertoado, a saia é curta (em baixo e em cima...) e as mangas do vestido também. As senhoras baixas parecerão mais altas. Atém, porém, no chapéu que é de pele «rasé» negra, uma fita de «gros-grain».

Realce deslumbrante!! Lábios e unhas harmoniosamente coloridos com CUTEX!

USE CUTEX para ter um aspecto luxuoso...

Impressionante, realçador, em perfeita harmonia com as modas mais recentes. Lábios e unhas deslumbrantes... mantêm-se lindos por mais tempo, graças a CUTEX e à sua maravilhosa duração.

Preparado com o mágico Enamelon, o verniz para unhas CUTEX não estala nem se desfaz... Basta passar nas unhas o pincel de nylon, para uma duração constante. Para unhas cuidadas, brilhantes como jóias, escolha **hoje** CUTEX. Em todas as cores da moda que você possa preferir!

Para uma beleza duradoura
CUTEX

Para que os lábios e unhos condigam, use Baton CUTEX STAY FAST!
É tão rico em lanolina pura, que não pode secar, nem estalar ou manchar. Torna os lábios brilhantes e dá-lhes cor constante.

CURSO DE CORTE GRÁTIS PARA CRIANÇAS

A realizar nas Lojas
SINGER

* Marca Registada da The Singer Manufacturing Co.

MENINAS DOS 7 AOS 11 ANOS

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

Peça informações e inscreva a sua filhinha, gratuitamente em qualquer das Lojas SINGER.

No momento da inscrição, a pequena aluna deve levar a sua boneca.

Eduquemos o nosso filho!

Educação tradicional e educação moderna

A educação moderna traz consigo a unidade fecunda da realidade e da vida.

Partir dos interesses da criança e da sua experiência, ligar as matérias, que estão, afinal, unidas pelo seu objectivo comum — o homem e a Natureza — eis o fim principal dos metodos modernos. A botanica, a geologia, a física, a química, ajudam a geografia; e a literatura vem em auxílio da história em vez de operar isoladamente; e o aspecto multiforme da realidade permite nas diversas linguas expressão verbal ou escrita, desenho, artes, trabalhos manuais, que circundem a mesma verdade ou tomem por assunto nas matemáticas um problema concreto.

Mais tarde, o aspecto histórico da ciência, a história e a estética poderão projectar-se sobre o panorama da civilização e sobre o da evolução do espírito humano; porém, será sempre conveniente respeitar o caminho que deve ser o do indivíduo, como se ele fosse o da espécie humana: partir do concreto, da realidade sensível ou prática, que é a primeira acessível ao espírito da criança, para recorrer ao livro quando se faz sentir a necessidade da experiência de outrém ou da extensão da observação no espaço e no tempo.

Exige-se que sejam coordenadas as actividades dos diferentes mestres, que disputam entre si chamar a atenção da criança, dando lugar a esta barbaridade de especialização que nos torna cada vez mais estranhos uns dos outros. Quer-se que a criança adquira por métodos activos os conhecimentos ou as técnicas; porque sómente deste modo poderão tirar proveito deles.

Coisa curiosa, o enciclopedismo dá lugar a uma estreiteza extraordinária de formação, porque se ele fomenta algumas qualidades puramente intelectuais, ás quais se aplica a educação tradicional, vê-se que esta desperdiça uma grande parte da personalidade tão rica da criança.

A educação física já faz a sua entrada, mas não há muito tempo, no programa escolar; porém, é ainda muito deficiente e distante dessa ginástico dos antigos gregos, tão estreitamente ligada á arte e á sabedoria!

A educação manual é desprezada muitas vezes, quando, afinal, foi pela mão que se abriu o espírito do homem, e a técnica coduziu o homem á ciência. O interesse que existe para que a criança se eduque na ideia geral, pela realização prática, no «learning by doing» tão querido dos Americanos, deverá aparecer não sómente para a grande massa daqueles que a vida destina ás actividades essencialmente práticas, mas também, e até sobretudo, para os futuros intelectuais, que aí encontrariam o equilíbrio, o sentido do real, que pode faltar-lhes.

A educação moderna queria substituir a educação estreitamente intelectual por uma educação integral de corpo e alma, espírito e mão, pensamento e carácter. O carácter tem na vida mais importancia que o saber e a cultura, porque é dele que depende o uso que se fará destes bens culturais e da própria vida. A escola não cumpre a sua missão se se não aplica a tudo que diz respeito ao homem e se o não forma completamente.

O método de formação em rebanho, onde a individualidade desaparece, é a regra das nossas classes, demasiado numerosas. Não há lugar nelas para a iniciativa pessoal ou para a escolha.

O aluno recebe contínuamente o trabalho para executar e deve cumpri-lo dócilmente, ao ritmo previsto.

Até que ponto este método tem contribuído para desenvolver capacidades de resignação e obediência servil tão contrárias ao nosso ideal? Nem o saberemos dizer.

ROGER GAL

Atenção, mãezinha

* *Antes de tratar de uma ferida, mesmo que seja pequena, de uma criança, deve lavar-se sempre as mãos cuidadosamente.*

* Mão! Não consinta que beijem os seus filhos! O beijo é transmissor de muitas doenças.

* *Em todas as estações do ano as janelas devem conservar-se abertas o máximo tempo possível, para o ar circular á vontade nos aposentos.*

* Tem o seu filho vacinado contra a varíola e a difteria?

Não se descuide! Seria um descuido imperdoável, que poderia custar a vida do seu filho, ou marcá-lo para sempre!

* *Se lhe parece que as nossas opiniões e conselhos podem ser-lhe uteis escreva-nos expondo-nos os seus problemas.*

Diário da Mãe

Quando folheio o meu velho «Diário», são as palavras que dizem respeito aos meus filhos que mais me enternecem e fazem pensar. Parece-me que muitas das considerações feitas há mais de uma dezena de anos ainda hoje são actuais. Serão?

Domingo —*«Amanhã tenho muitas coisas boas: a lição de canto coral...» Assim me dizia, ontem, o meu Rui. E, «a lição de canto coral» vinha á cabeça do rol das «coisas boas». Cantar, dançar, pintar, desempenhar pequenas tarefas em casa e no jardim — eis um programa util e agradável para os nossos pequenos, os mais novinhos tão abandonados a si próprios, os mais velhinhos tão sobrecarregados com as «lições dos livros» que os prendem horas e horas a uma carteira. Terão os meus netos uma infancia mais racional, mais conforme com as necessidades das suas tenras idades, uma vida, enfim, como eu quis e não pude proporcionar aos meus filhos?*

Segunda-feira — *Reabriram as aulas. Lá foram hoje, os meus três rapazinhos, pela manhã, os mais velhos para o liceu, o mais novo para o Jardim-Escola. Muito felizes, muito risonhos. «Adeus! Adeus!» — acenaram eles com as mãos, numa exuberancia de gestos e de risos, como se fossem para uma festa!*

Que feliz me sinto, por os meus rapazes serem trabalhadores e estudiosos! E, de repente, que pena senti daquele filho unico que passou atrás dos meus, muito sério, muito contrariado, pela mão da criada que lhe levava a pasta dos livros.

Terça-feira — *Com um sorriso de inocente malícia, o Rui veio dizer-me:*

—«Sabe, mãe? Os meus irmãos já têm namorada».

—«Que lembrança!»

—«Sério, mãe! Já os vi umas poucas de vezes a conversar, á saída do liceu!»

—«E quem são elas?»

—«Não sei; eles é que devem saber».

Evidentemente, com 12 e 14 anos, os meus rapazinhos ainda não têm idade para namorar. Mas entendi que devia aceitar a notícia com naturalidade e aproveitar a deixa, tanto mais que eles estavam perto e ouviam.

—«Vê, mãe, vê, que eles até estão corados?»

—«Não sei porquê, não é mal nenhum... Pelo contrário, os rapazes devem conversar com as raparigas. Eu gosto bem que os meus filhos conversem com as suas colegas. Evidentemente, que sejam bem educados e amáveis para elas. Os rapazes devem ser sempre tão atenciosos e respeitosos para as meninas, como se elas fossem suas irmãs».

Creio que é este caminho de simpatia e comprensão o melhor para continuar a possuir a confiança dos meus filhos.

Quarta-feira — *O meu vizinho tem no quintal um peru que é o encanto da petizada do prédio. Esta tarde o meu mais pequenito esteve na varanda «conversando» com o «bicho».*

—«Ó peru, tu queres saber?»

—«Glu-glu-glu».

—«Isto e aquilo e aqueloutro...»

—«Glu-glu-glu...»

—«E depois, foi assim, desta e daquela maneira...»

—«Glu-glu-glu...»

De tal modo o peru «respondia», sempre que o menino se calava ou fazia perguntas, que a criança convenceu-se, talvez, de que a ave o entendia. E como não era ele capaz de interpretar os seus «glu-glu-glus», saiu-se com esta:

—«Ó peru, fala claro!»

—«Glu-glu-glu...»

—«Vá... diz lá isso na minha fala».

MARIA LUCIA

Mãe! saiba confortar o seu filho!

Zèzinho, na rua, a olhar para o avião, esquecido da direcção dos seus passos chocou num senhor que passava. E uma chuva de nomes insidiosos cai sobre a criança que, espantada, corre para casa chegando ao pé da mãe lavada em lágrimas. Conta o que se passou e a mãe ri da história e da tristeza do filho perante um acontecimento tão «sem importancia».

E o Zèzinho, assim, fica desamparado. Não percebera o tal senhor e agora fica sem perceber a mãe. E a mãe esqueceu os olhos por que devia ter olhado para a situação do filho. Não foi capaz de ver as sensações e imagens dos olhos do filho. Não viu neles a hipertrofia dos sentimentos e o grau traumático da cena. Nada percebeu da vivência da criança. Por isso não foi capaz de dar ao filho o conforto que ele lhe pedia e todo o carinho e compreensão de que necessitava. Se o tivesse ouvido com interesse, este facto só por si muito confortaria a criança.

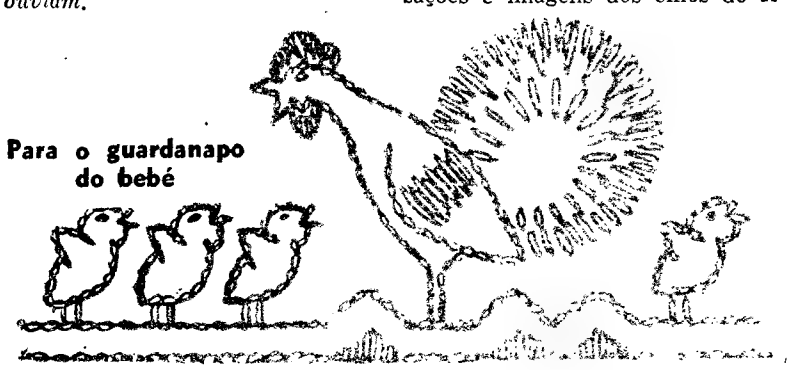
As crianças pedem-nos pouco. Perguntam muito e parece que querem o Mundo mas fàcilmente se contentam.

Se a mãe tivesse comprendido o filho, já podia depois reduzir as proporções da sua amargura persuadindo-o da falta de gravidade do comportamento do senhor, que o não tinha querido maltratar, com certeza. Não é necessário justificar o erro do senhor de modo complexo. Basta dizer que ás vezes (!?) as pessoas crescidas também erram. E quem sabe até se o Zèzinho o teria magoado na hipotética perna partida contra a qual embatera?

Então a «explosão» teria sido mais uma exclamação de dor do que de ameaça como ele a tinha «sentido».

Assim, a mãe do Zèzinho teria sido tão *MÃE!* E até o antipático senhor ganharia uma feição mais humana.

BERTA VAZ DE ASCENSÃO



Para o guardanapo do bebé

AS CRIANÇAS E O TEATRO

Em Sidenp (Kent) o Colégio de Dicção e Teatro Rose Bruford propociona não apenas ensino teórico, mas também aulas práticas aos estudantes que desejem tirar um curso de qualquer modo relacionado com a arte de representar. Nos jardins do colégio existe um pavilhão onde funciona um clube infantil, que mantém reuniões regulares aos sábados, para os mais jovens interessados. O clube tem um grupo de mímica e um teatrinho infantil que está a tornar-se muito popular. Alguns dos alunos mais adiantados do Colégio são os orientadores das crianças e também tomam parte na interpretação das peças. Assim, os estudantes adquirem prática enquanto as crianças se divertem e instruem. Na fotografia vêem-se algumas crianças executando uma mímica: Michael, de 12 anos, faz de gibóia; Lynne, de 11 anos, e Susan, de 12 anos, presa pela gibóia, são os caçadores

Quando uma criança chora

Zèzinho teve um desgosto. Chora.

E' uma criança que sofre. Como pode um adulto — sobretudo a mãe! — ter a crueldade de rir daquilo que angustia uma criança?

Uma criança! Uma almazita pura, fresca, ansiosa de descobertas, recebendo tudo com o êxtase da «primeira vez», captando o que a rodeia com olhos redondos de espanto, boquita entreaberta no jeito infantil de sorver o leite da vida...

E é essa vida, que o adulto encara já com expressão indiferente de coisa conhecida e sem surpresas, que acaba de ferir o Zézinho.

O Zézinho é uma criança; é «A Criança»: universal!

Qual o seu problema? Qual o motivo do seu desgosto? Não sei! Mas é importante, é decisivo, porque lhe faz doer.

Que os adultos, pais ou não, se curvem para as dores infantis com o interesse que as crianças esperam despertar, com a ternura que a sua confiança em nós merece

E' importante tudo quanto acontece a uma criança; se os olhos dos adultos não têm já lágrimas para verter por dores pueris, que se não franzam — ao menos! — num riso de troça que vergasta a alma novinha e a deixa, por vezes, esfarrapada, dorida e perplexa para o resto da vida.

Uma criança é «uma coisa» maravilhosa; qualquer adulto com um pouco de sensibilidade encontra no convívio infantil a compensação para o cansaço, o desalento, a amargura, que a vida lhe oferece, quando luta por ela.

Ver nos olhos de uma criança o reflexo dos nossos próprios êxtases, sentir-lhe a almazita vibrar na emoção das descobertas, reencontrar na melodia das suas gargalhadas — e dos seus soluços! — o eco distante das nossas vozes infantis (que hoje têm vibrações diferentes, mas guardam, no fundo da alma, as antigas ressonancias, á mistura com a saudade pelo tempo perdido...) que prazer indizível!...

Escutemos com meiguice as vozitas infantis.

Saibamos rir com elas, ouvir com doçura e interesse os seus lamentos. Penetremos no seu mundo — tão mais puro, na verdade, mas onde tudo toma valores diferentes —; para nós, «os mais velhos», é uma delícia o mergulho na infancia: sai-se banhado de uma luz nova, de uma frescura perdida aos poucos na caminhada, cada vez que, para auxiliar (ou sómente «acompanhar») uma criança, despimos a carapuça «blasé» de gente vivida e entramos, mais puros, no Mundo da Infancia.

Saibamos recuar no tempo para ver com olhos infantis a importancia dos seus desgostos, mas conservemos a lucidez, a inteligência esclarecida de adultos, para podermos apaziguar a alma ferida da criança.

Há sempre maneira de minorar e fazer esquecer um desgosto pueril, mas não é rindo dele que o conseguiremos.

Gostaríamos nós, adultos, de sentir que o ombro que procuramos para arrimo das nossas tristezas se sacudia de riso ao contacto das nossas lágrimas?

Uma criança que procura um adulto para lhe contar as suas mágoas espera dele compreensão, carinho e refugio. Receber com o riso leve, quase trocista, a criança que sofre, é acrescentar á sua dor o vexame da nossa troça, a perplexidade que a nossa indiferença ocasiona, a amargura da nossa recusa de comparticipação. E a criança sentir-se-á insegura porque não tomamos a sua dor a sério; sentir-se-á lograda porque lhe negamos o nosso compreensivo e tolerante apoio; perderá a confiança com que vinha refugiar-se nos nossos braços de carinho e ternura.

Passará a ser um paradoxo vivo: uma criança (um mundo, a alegria) que chora, a sós!

MARIA ROSA S. PINTO DE MIRANDA

A PERDA DA INDEPENDENCIA

ENÇA
OVO

DIAS

dia de África. Os governadores do reino reuniam-se febrilmente de manhã e á tarde; finalmente, no dia 13 agarraram-se a uma tábua de salvação: implorar ao Cardeal D. Henrique, então abade perpetuo de Alcobaça, que voltasse a Lisboa o mais breve que pudesse, pois só ele alcançaria desembravecer a cólera da gente simples. «Antes que se saiba a verdade completa! — repetiam os governadores — Antes que se saiba a verdade completa!».

O Cardeal chegou a Lisboa três dias depois. Era um sábado. E só nessa altura aquela verdade completa *desceu ás ruas. A cidade encheu-se de uma multidão alucinada, ludibriada e traída que enchia os ares de gritos e imprecações. As mães, esposas e filhas corriam como se queimadas estivessem, a refugiar-se na penumbra fria das igrejas: e aí, humildemente rojadas, pediam á Mãe do Senhor que lhes trouxesse, salvos da loucura de África, seus amores.*

O regresso da armada que D. Sebastião mandara estacionar de atalaia, em Larache, decepou as ultimas esperanças. A beira-rio engrossara de uma multidão negra: e cada vez que desembarcava um homem, logo a onda humana o engolia:

— Fuão! Fuão! Que me dizes de meu filho, Fuão? Que me dizes de El-Rei nosso Senhor, Fuão? Onde está meu homem? O meu filho? O meu amigo?

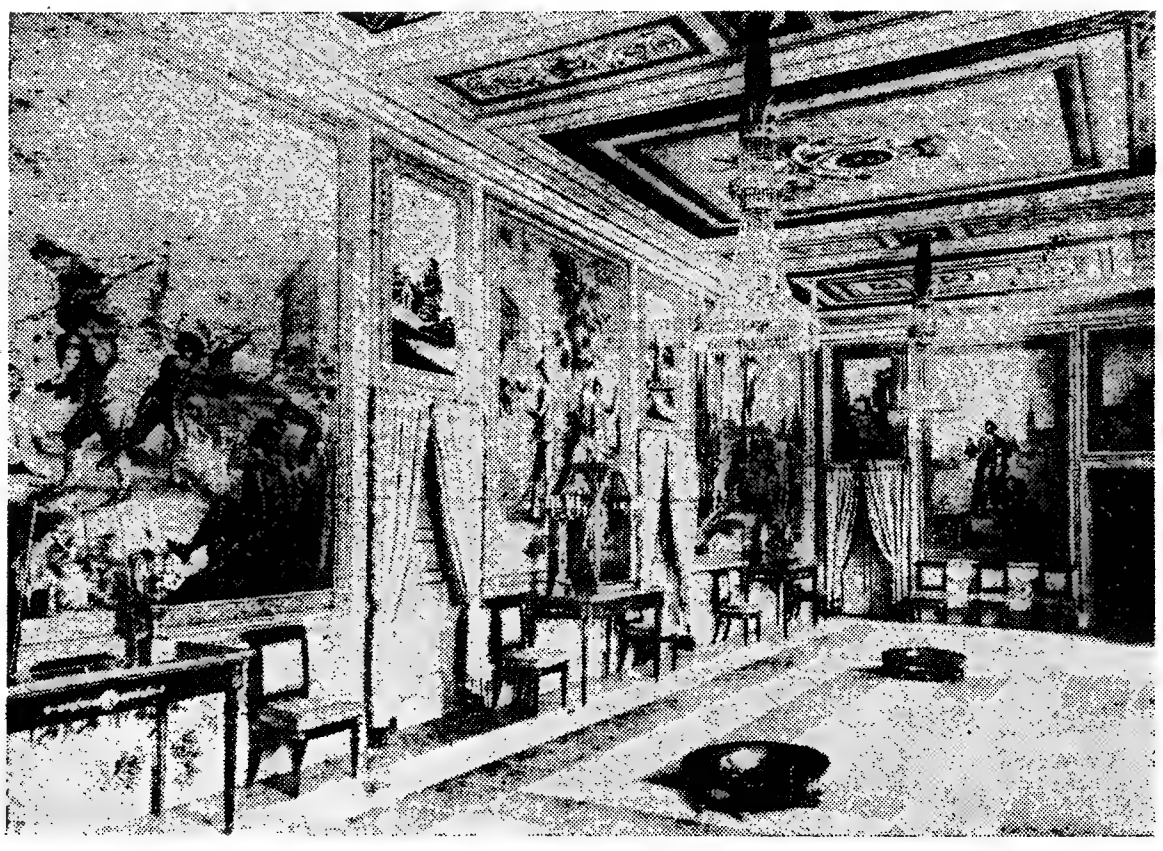
Os interpelados, cabisbaixos, não tinham voz com que mexer os lábios; carregavam as pesadas esperanças que, naquele mesmo momento, com a sua mudez, destruiam. De tantos milhares de homens exportados do reino, a maioria esmagadora ou morrera na batalha insensata ou sofria as dores do cativeiro. Balindo, balindo sem descanso estiveram os sinos da cidade nos dias 25 e 26 de Agosto de 1578.

Tudo isto mais de um ano passado recorda Febo Moniz, um dos procuradores do Povo de Lisboa. Viera ás Cortes para exprimir a vontade popular, que era apenas e mais nada o desejo de viver com honra, na independência, com rei português. E que pedia o Cardeal-Rei ao braço popular? Que aceitasse a verdade que lhe revelava. Que Filipe II era quem mais direitos possuia á coroa portuguesa. Mal o bispo de Leiria, mensageiro real, e já vendido ao intruso castelhano, acabou a leitura do pergaminho, Febo Moniz ergueu-se, afrontou um crucifixo colocado no topo da sala e, com os olhos desmanchados de lágrimas, arrepelando as barbas, ficou a desfiar cada vez mais alto, cada vez mais alto as suas queixas — um povo bom entregue á opressão, tantos séculos destruidos num só dia... De todos os lados disparavam os gritos. Então, no meio do tumulto, uma voz mais forte estrondeou:

— Sabei, senhor, que nós não viemos aqui tratar de concertos entre El-Rei e D. Filipe, mas para eleger rei natural!

Febo Moniz voltou-se para quem assim, em voz alta, pensava os pensamentos da Nação inteira. Passou-lhe pela memória a constante luta do povo, desde aquela agoureira manhã de 27 de Agosto do ano anterior em que assistira á cerimónia da quebra dos escudos, por meio da qual a tradição celebrava a morte de um rei.

(Continua)



Durante sessenta anos, o Salão dos Embaixadores do Escurial não teve a presença de representantes portugueses

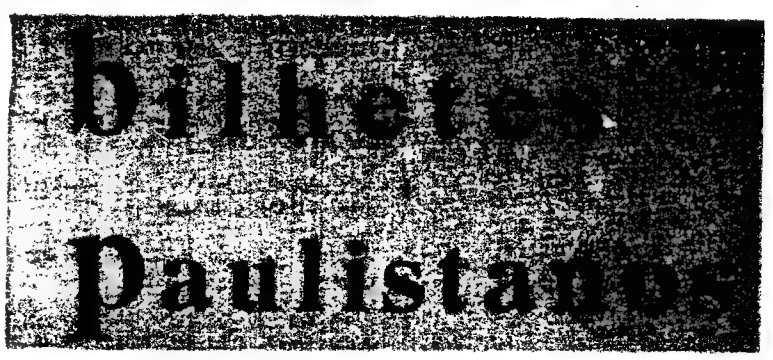
O Brasil no limiar de uma revolução pacífica?

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

As eleições brasileiras, cuja importancia passou quase despercebida á grande Imprensa mundial, ficarão para a História como exemplo admirável de civismo a assinalar o começo de uma revolução pacífica de consequências porventura decisivas para o futuro deste grande país.

Um dos aspectos mais surpreendentes do pleito foi a recusa do Brasil em optar por extremismos da esquerda ou da direita. A teoria e a prática ensinam-nos que os países subdesenvolvidos em acelerada fase de industrialização e de crescimento demográfico são presa fácil de sentimentos nacionalistas virulentos que encontram a sua expressão política mais ajustada na implantação de regimes autoritários afins ao fascismo ou ao comunismo. O Brasil, oferecendo um desmentido flagrante ás lições da história e da sociologia, compareceu em massa ás urnas para votar — a percentagem de abstenções foi insignificante — pela Democracia.

São Paulo uma vez mais foi exemplo e rumo. O país tinha os olhos postos na luta entre Ademar de Barros e Carvalho Pinto. A vitória do segundo foi folgada, convincente. Não se tratava de escolher entre dois homens, mas entre duas concepções de vida, duas imagens do Brasil. O povo esolheu o governador que para ele simboliza uma esperança, uma renovação necessária. Negou os seus votos á demagogia, á corrupção, aos pequenos e grandes caudilhos. Mas essa descoberta dos Paulistas de que o populismo dos srs. Ademar de Barros, Jango Goulart e Luís Carlos Prestes não era caminho, nem solução, nem esperança, pirações auxiliando o Brasil (São Paulo contribui com 60 % do orçamento nacional) a encontrar um caminho para um verdadeiro socialismo fora do âmbito de uma experiência comunista.



No ambiente pairam inumeras interrogações de carácter social e político.

Uma grande e bela esperança desenha-se no horizonte. Parece estar em marcha uma revolução pacífica nesta terra maravilhosa. Mas... Um nome anda na boca do Brasil: Janio Quadros. E' o homem da hora que passa. Admirado, endeusado, odiado. Foi ele quem elegeu Carvalho Pinto e destruiu definitivamente o mito do ademarismo; foi a fé que nele depositam as massas que fez esquecer o grande fantasma de Getulio Vargas. Janio Quadros. Um nome a fixar. Messias? Ditador? Nasser em formação?

Ganhe 100 escudos
com um sorriso nos lábios

«TESOURA — DECLARA O VENCEDOR DESTA SEMANA — É UM SINAPISMO PARA ESCRITORES».

Supomos que o feliz definidor desta semana é licenciado em farmacopeia literária. Se acertámos, não temos duvida em admitir também que lhe estará reservado futuro na profissão. Por ora começou... com um sorriso nos lábios e cem escudos na algibeira. As nossas felicitações ao sr. Eduardo da Costa Rodrigues, (D. Maria, Sabugo).

Boa capacidade de observação foi precisa ao sr. Joaquim Saraiva (Terras do Fernandinho) para chegar á conclusão de que Tesoura

«E' o unico ser que, ao abrir a boca, tem sempre de abrir as pernas».

Eis uma definição que merece um sorriso nos lábios (apenas um sorriso nos lábios). O mesmo destino téve a sr.ª D. Ana Caria Braga (Capitania, Aveiro) quando descobriu a tendência que a Tesoura tem para as altitudes. Diz, com efeito,

«Tesoura — objecto imprescindível na «Alta Costura» e na «Alta Sociedade».

O concorrente de Lisboa, sr. Hélio Drago, também resolveu dedicar-se ao campo da «alta costura». Em seu parecer, o objecto em questão

«Tanto serve para vestir alguém como para o deixar nu».

Trata-se duma verdade inatacável, sem duvida, e que merecia ser incluida na Lei da Relatividade.

«Tesoura — afirma o sr. Eduardo Cruz (Santarém) — **é um instrumento cortante de duas laminas sobrepostas, sobrepondo-se estas, por sua vez, a outras coisas...»**

As reticências pertencem ao nosso amável leitor e não achamos nada justo tirar-lhas. E' uma pequena compensação que lhe damos por não ter ganho o «companheiro» do sorriso nos lábios, que por um triz lhe ia parar ás algibeiras.

Se houvesse um prémio para pessoas económicas, todos concordarão que o ganharia o sr. Carlos Macedo dos Reis (Lisboa — 1). Conseguiu como vêem reduzir as definições á expressão mais simples:

«Facas siamesas».

Bom amador de capa e espada, o sr. E. Lass (Coimbra) considera que a tesoura é um

«Duelo interminável entre duas espadas cruzadas».

Mas não haverá nenhuma alma

(Continua na 7.ª página)

POSTAL ILUSTRADO

por *Manuel Agra*

Parece que tudo se vai encaminhando para a simplificação. Simplificação absoluta, segundo a qual tudo se poderá obter sem despendermos o mínimo esforço.

Compramos uma caneta e não outra porque naquela nem sequer é preciso carregar no êmbolo para enchê-la de tinta.

Este *pick-up* é preferível àquele. Pode carregar-se com uma duzia de discos que vão caindo no prato sem lhe tocarmos.

A minha máquina de barbear nem sequer é preciso carregar no botão, estão a ver. Pronto, já está.

Vocês lembram-se, os da escola antiga: a dificuldade aguça o engenho...

Assim se consolavam os que traziam os dias e as noites encalacrados com tantas dificuldades. Agora não queremos saber de histórias, fazemos nós muito bem. Tudo simples, tudo á americana...

Eu com estes pensamentos á sombra de velha árvore, no coração de Lisboa, por um destes dias tórridos, abafadiços, de Outubro. Fazemos nós muito bem, teimava eu, sem que essa conclusão me desse muito prazer nem muita segurança.

Ora vejam: tudo se simplificou até á perfeição, posso dizer que tudo se complicou, simplificando-se tanto. Tudo muito simples. Menos a vida das pessoas.

Uma varinha de condão, isso é que era. Um toque com a varinha: quero isto. Outro toque com a varinha: quero aquilo... E a gente de papo para o ar a ver as nuvens a ver os bichos. Mas isso de varinhas, foi chão que deu uvas. Temos de agarrar na enxada e dar de sol a sol o corpo ao manifesto. A caneta, o *pick-up*, a máquina de barbear — um botão, tlic! Ou nem botão. Mas para chegar a ter uma dessas coisas nas unhas, oh, lá, lá... Desunhamo-nos. Gastamo-nos. Defraudamo-nos... E ás vezes nem assim.

Passei esta manhã por uma casa de musicas. Os olhos cairam-me num *pick-up*. Ah! tê-lo em minha casa. Beethoven, e Bach, e Chopin, e tudo!

Foi difícil arrancar os olhos dali. Pesavam toneladas. Tive de lhes bater, para os obrigar a seguir caminho.

A sombra da árvore velha e, porque velha, sábia, teve sobre mim benéfica acção. Não tardou que adormecesse... E em sonhos apareceu-me a Nona, e as Polacas, e a Paixão Segundo S. Mateus, e os Jogos de água... Tudo naturalmente, sem que eu carregasse no mínimo botão que fosse. Exageros do Destino que por vezes se compraz em encher de oiro as algibeiras do pobre.

Orgulhosamente, desafio esses que têm tudo só por carregarem no botão a provarem que já tiveram um sonho como aquele.

MANUEL AGRA

SAIBA COMER

Bifes com azeitonas

Dourar os bifes em manteiga já loura. Retire da frigideira e deixe-os perto do lume para lhes conservar o calor. Na frigideira, deitar 1/2 copo de vinho branco, que deixará reduzir; junte um pouco de extracto de tomate, azeitonas verdes descaroçadas e deixe ferver 3 a 4 minutos. Coloque os bifes numa travessa, entfeite com as azeitonas e derrame-lhe em cima o molho

Pode acompanhar este prato com

Gratinado Simples

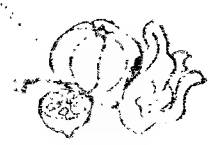
8 batatas grandes, 3/4 de leite, 150 gr. de queijo, 75 gr. de manteiga pão ralado.

Num prato de ir ao forno, deite um pouco do leite temperado; depois uma camada de batatas cozidas cortadas ás rodas; polvilhe com queijo ralado, uns montinhos de manteiga; outra camada de batatas. Ponha um pouco do leite temperado. Repita até ter acabado as batatas: polvilhe com queijo e pão ralado, ponha uns montinhos de manteiga e meta em forno quente durante 15 minutos.

Creme de limão

2 copos de vinho branco, 125 gr. de açucar, sumo de dois limões, 2 gemas.

Em fogo brando ponha a cozer o vinho, o açucar, o sumo e as gemas. Quando estas estão cozidas, e portanto o molho engrossou, retire do lume e deite-lhe as claras em neve. bem firmes. Ponha a arrefecer, pois é bom muito fresco.



Sanduiches para chá

2 colheres, das de sopa, de «mayonaise»
1 colher, das de sopa, de salsa picada
1 ovo cozido picado
8 fatias de pão de forma
1 chávena de presunto passado pela máquina
Queijo creme, 1 colher de nata ou creme de leite

Misture a «mayonaise», a salsa e o ovo até obter uma pasta macia. Espalhe sobre quatro fatias de pão. Faça duas camadas de quatro fatias cada uma, alternando o rechelo, depois de haver cortado a codea. Corte cada uma em duas ou quatro. Bata o queijo, com o leite ou a nata ou o creme até ver que pode espalhar sobre as sanduiches. Cubra os lados e as faces de cima e enfeite com azeitonas descaroçadas ou recheadas.

Sim ou não?

1. — É MELHOR SER GORDO E GOZAR BOA SAUDE QUE EMAGRECER E SER DOENTE?

Não; as pessoas gordas não gozam de boa saude. Mais dia menos dia o verificam. Um emagrecimento apropriado é sempre benéfico e nunca poderá fazer perder a saude.

2. — CERTOS CASOS DE OBESIDADE SÃO «NATURAIS» E NÃO SE PODEM REMEDIAR?

Não; a obesidade é sempre curável; é uma regra que não admite excepções.

3. — OS OVOS COZIDOS ENGORDAM MENOS QUE OS QUENTES OU MAL PASSADOS?

Não; um ovo contém, em média, 75 calorias, qualquer que seja a forma como se cozinha. E é a quantidade de calorias que faz engordar.

4. — AS BATATAS ENGORDAM?

Conforme os alimentos que substituem. Por exemplo, engordam menos do que o pão. Mas geralmente são os môlhos, a manteiga, o queijo, etc., que as acompanham, os responsáveis pela gordura.

5. — AS OPERAÇÕES CIRURGICAS E OS PARTOS ENGORDAM?

Não; em geral, é a inactividade da convalescença que faz engordar. No caso da mãe, não é o parto o responsável, mas o conceito errado que a grávida segue de que deve comer por duas.

6. — CERTOS ALIMENTOS EMAGRECEM?

Não; nenhum alimento pode emagrecer, porque não existe nenhum que contenha menos de zero calorias.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

O FILTRO DE AMOR

A vida para os soldados franceses em serviço na Argélia tornava-se cada vez mais difícil. A ameaça de morte estava constantemente suspensa sobre as suas cabeças. Impossível prever se naquela esquina os aguardava o tiro sem perdão, se naquela muçulmana, de rosto encoberto pelo véu, não ia um felaga descido das montanhas para cumprir um designio fatal...

Não admira pois que o momento mais feliz para a tropa fosse aquele em que podiam sonhar, levantar o passado, recordar os sitios calmos da sua infancia, da sua juventude, a loja ou a fábrica onde trabalhavam, os amigos deixados para trás na voragem do tempo — e os amores que lhes deixavam na alma um perfume capitoso. Aquele dia passado com ela nas sombras cumplices do Bois... Aquela noite de paixão tumultuosa, gravada no corpo e no espirito, a ferro e fogo, para toda a eternidade...

A hora do correio, hora mágica...

Hora de ressurreição, hora em que a distancia fica derrotada e um mau veneno se apodera de nós.. Hora em que tudo quanto foi nosso nos volta ás mãos, mais presente, mais vivo do que nunca...

...O jovem soldado Robert Enjalric abre a carta, com sofreguidão. Conhece a letra lançada, impetuosa, da sua noiva... E de roldão a ultima noite passada com ela toma conta dele todo, dá-lhe vertigens, obriga lhe o sangue a marcar passo, duramente, nas frontes...

«Meu Roberto querido! Envio-te por este correio um frasquinho cheio de um líquido especial. Bebe-o, querido, pensando em mim. E' um filtro de amor, dar-te-á um vigor desconhecido, um prazer como nunca sentiste... Depois de o beberes terás por mim um desejo bem mais profundo... Faz-me a vontade...»

O soldado sorri. Coisas de mulheres... A verdade é que a sugestão destas palavras começa já a dar-lhe uma inefável felicidade, a cercá-lo daquele ambiente escaldante de que Irene tinha o segredo. Pega novamente na carta, a continuar a leitura.

«Também eu já bebi deste filtro. Esvaziei, de uma só vez, um frasco semelhante a este que te envio. Não podes sequer imaginar os sonhos maravilhosos que depois tive, a força desconhecida com que te apertei nos meus braços, o ardor com que me dei toda... Amei-te, em sonho, como nunca julguei fosse possvel.»

Robert desfaz o embrulho que acompanha a carta. O frasco misterioso vem embrulhado em duas folhas arrancadas a um dicionário Larousse, em papel brilhante, com gravuras. Levanta-o á luz do sol... Distingue, através dele, o corpo ardente de Irene...

E ao deitar, de um só golo, despejou todo o frasco na garganta. Para melhor sentir os efeitos do mágico filtro, cerrou os olhos...

...E nunca mais os abriu. O filtro de amor era um poderoso veneno..

A Polícia não tardou a tomar conhecimento da carta explosiva de Irene. Dirige-se a Nimes, submete-a a um rigoroso interrogatório. Ela não escrevera carta nenhuma, estava inocente. Amava muito Robert, desejava de todo o coração (como milhares de outras mulheres) que terminasse a guerra na Argélia para casar com ele.

Perplexa, a Polícia julga finalmente estar diante do crime perfeito. Inicia novas pistas, que não levam a resultado positivos. Dois anos se escoaram... E finalmente uma denuncia, um acaso, coloca a Polícia no bom caminho. Durante uma busca na casa de Fernanda Bresson, madrasta de Robert Engalric, descobrem o dicionário Larousse com duas folhas a menos...

Fernanda Bresson não tardou a confessar o seu crime. Os motivos que a levaram a perpetrá-lo permanecem, porém, ocultos. «Servi-me desse estratagema para beneficiar o meu enteado. Nunca pensei que o liquido tivesse efeitos tão desastrosos. Pensei, sim, que lhe provocaria um certo mal-estar, um desarranjo momentaneo de saude, o que levaria o comando a reformá-lo e a remetê-lo para a França...»

As autoridades não acreditam nesta versão. Voltam á carga, numa tentativa para esclarecer o assunto. Em vão. Fernanda Bresson entrincheira-se por detrás de uma muralha intransponivel de palavras ardilosas ou de silêncio. Como explica o ter mandado o veneno em nome de Irene? «Porque sabia que essa era a «unica» maneira de obrigar Robert a ingerir o veneno...»

Há quem veja, na voz de Fernanda, ao pronunciar estas palavras, uma nota de tristeza, de despeito mal velado. Mas talvez seja ilusão, talvez não seja mais que o cansaço do longo interrogatório...

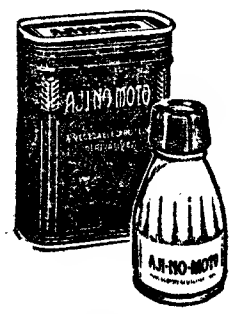
Saber-se-á, alguma vez, o motivo que levou á confecção de mais um filtro de amor?

Não

MASCARE o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO®

produto purissimo extraido do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar
antes o desperta, estimulando as nossas papilas gostativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

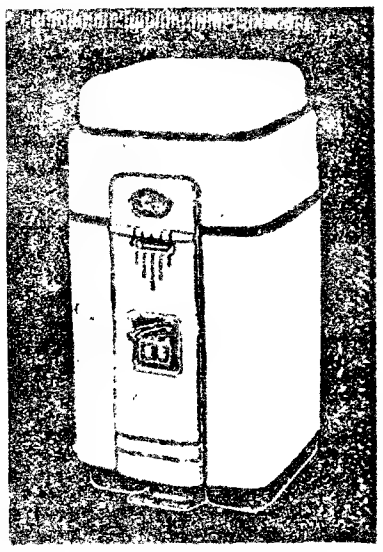
Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina

SERVIS

1.ª **ECONOMIA DE DINHEIRO**: o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos

2.ª **ECONOMIA DE TEMPO**: a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidissima

3.ª **ECONOMIA DE ESFORÇOS**: espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a **minha SERVIS** na

Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

O ESTRANHO PROCESSO

DA MARQUESA DE BRINVILLIERS — (3)

(Continuação da 1.ª página)

riso nos lábios e um rictus de despreso. A certa altura do depoimento do jovem preceptor, ela levantou a voz:

—E' preciso que a vossa alma tenha descido muito para que choreis, diante dos juizes, como uma criança culpada!

O advogado tratou de fazer incidir as culpas no executado auxiliar de Saint-Croix, lembrou a sorte dos filhos se a mãe fosse condenada. Foi magnifico de eloquência, mas não logrou convencer os juizes. Eles tinham a convicção de que a marquesa devia ser condenada á morte. A História guardou os nomes destes juizes: Pottier, Mesme, Faure, Mandat, Daurat, Genoud, Le Coigneux, de Novion, Vaujours. O padre Chevigny fora encarregado de ouvir as confissões da ré — em vão.

Ela foi condenada a ser decapitada Extremamente calma ao saber a sentença, escreveu minuciosamente todas as decisões que deviam ser tomadas após a sua morte, o destino dos bens, dos filhos; e preparou-se para a ultima pergunta do tribunal, no momento do suplício.

Esta ultima pergunta devia ser-lhe posta ás seis da manhã do sinistro dia e no subterraneo da prisão, onde seria supliciada. O padre que a acompanhava, tinha-a aconselhado a revelar os nomes que a justiça pedia. Um calafrio corria por todos os lados, novamente, quando Brinvilliers atravessou a multidão de «receosos» que a esperava na passagem para o subterraneo onde os juizes já se encontravam. Foi-lhe feito um relato de todos os crimes, frustrados ou perpetrados, bem como uma minuciosa descrição das torturas que lhe iriam ser infligidas. Ao subir a mesa de suplício, ela decidiu falar.

— Senhores, com efeito tentei 20 ou 30 vezes envenenar meu pai com as minhas próprias mãos; tendo falhado servi-me do escudeiro que Saint-Croix tinha posto ao meu serviço. Este envenenamento durou sete meses. Envenenei, também, meus irmãos, com o auxílio do mesmo homem. Por cinco vezes dei arsénico a meu marido. Durante seis meses fui eu própria envenenada por Saint-Croix que queria ver-se livre de mim. Salvei-me tomando leite, como contra-veneno».

— Visitando Glasser, sabe se ele procurou venenos para outras pessoas?

A' resposta afirmativa da marquesa, os juizes perguntaram para quem se destinavam.

— A alguém de quem Fouquet se queria desembaraçar...

Todos compreenderam, pelas reticências que se tratava do rei. Mas Fouquet estava morto e, certamente tinha cumplices que era necessário conhecer. As primeiras torturas fizeram sofrer a marquesa atrozmente, mas não a fizeram falar. O suplício continuou, mas a resposta era a mesma: não! não! não! Quando ela gritou «ai, que me tiram os membros», o tribunal agitou-se; os juizes fizeram entornar sem querer o líquido que a condenada devia beber. O suplício foi suspenso. A opinião do povo, desiludido, era que tudo tinha sido preparado de antemão. Nunca se vira tal clemência, precisamente no momento em que a marquesa, quebrada pelas dores, ia confessar. Porquê? Não se sabe ao certo; mas dizia-se que, durante o interrogatório o corredor regorgitava de gente ansiosa que interrogava constantemente: «Ela confessou?». E estas pessoas não eram simples populares curiosos. Entre elas contava-se a senhora de Refuge, enviada pela condessa de Poissons; a senhora de Lendovie; um abade e o senhor de Roquelure. Os que, pelo menos, estavam presentes, lívidos de ansiedade e que ela a marquesa, ao passar, olhou com desprezo.

A custo o cortejo atravessou a cidade, até ao local da execução. O povo gritava palavras de morte.

O processo parecia terminado. Contudo, durante três anos ainda, perto de 500 suspeitos de envenenamentos foram detidos; alguns condenados á morte, outros ás galés; alguns suicidaram-se nas prisões. A rede parecia não te rfim... E na verdade nunca se soube inteiramente a verdade sobre o triste caso, o mais trágico de todos, talvez, que no decorrer da História, têm passado pelos arquivos da Polícia.

Ganhe 100 escudos com um sorriso nos lábios

(Continuação da página central)

caridosa disposta a defender a Tesoura?

E' o sr. João Fernando Santos Mendes (Monte Leite — Estoril), autor desta definição que o «Amigo da Onça» chamaria sua:

«A tesoura nada tem de hipocrisia, pois tanto corta pela frente como por trás».

Que é verdade, é: mas o diabo é também que um cidadão acorda de tanga sem dar por isso.

Paro por aqui. Até ao próximo dia 4 de Novembro ficamos aguardando definições para a palavra

MULTA

CONCURSO DA GENEROSIDADE DOS SENHORIOS DE PORTUGAL

Até esta data ainda não apareceu nenhum concorrente ao nosso interessante Concurso da semana passada. Mas estamos certos que isso se deve a um excessivo pudor da parte dos nossos bons senhorios portugueses. Quando se habituarem á ideia — estou certo de que eles aparecerão.

Entretanto para os que não leram o nosso numero anterior nós repetimos as simplicíssimas e utilíssimas normas deste concurso:

—Que todos os senhorios descontem nas rendas do próximo mês, **e com um sorriso nos lábios, CEM ESCUDOS destinados aos nossos pobres do Natal.**

Quando seu filho quiser um sorvete dê-lhe o sorvete em pó

É um alto produto dinamarquês que se prepara higièni-camente em casa

(Saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes)

fossem dificuldades económicas (meu pai comprometera-se a pagar ás duas filhas uma mesada).

Para o andamento da história tanto faz. O que importa é que meses depois — tive ocasião de avaliar as tentativas baldadas feitas pelo meu progenitor — fui colocado na loja de Mestre Porfírio, um artista em cortes de cabelo e em escanhoadelas de barba.

Aqui, pela primeira vez, lembrei-me do «Finezas».

O incidente conta-se em duas penadas. Tombava a noite sobre um dia afadigado, ora a varrer do chão o cabelame inerme, que Mestre Porfírio deu em exigente desde a hora em que teve moleque ás ordens e de graça, ora a piscar os olhos numa esforçada atenção ao tasquinhar da tesoura no matagal. (Ambicionava deveras iniciar-me na bela arte da tosquia) Féchara a porta, colocados que foram os taipais — um deles tinha uma tábua inteiramente comida pelos bichos. Punha nessa função o maior escrupulo, por via dos ralhetes do patrão, em contínuos sobressaltos por causa do fiscal. Acendera préviamente o gasómetro. A rua era chique; entretanto, a quitanda era pobre — esclarecimento indispensável.

Baptizaram pomposamente a baiuca de «O Salão Estrela». Entendia o proprietário que a clientela era merecedora da máxima comodidade, pelo que o «salão» estava equipado com uma primorosa instalação eléctrica. Todavia, pormenor interessante, a luz eléctrica acendia-se apenas nos primeiros quinze dias de cada mês.

Com efeito, receoso da conta, Mestre Porfírio levava os rabitos das tardes invernosas a espiar o endemoninhado do contador que não parava na dobadoira sem tento, blasfemando, entre duas tesouradas, contra a ladroeira que representava o aparelho dentro da sua casa. («Hom'essa! Por que razão uma criatura deve pagar a electricidade?») Era fatal que se fechava o mês á luz do farol e quem o alimentava de querosene era eu. Uma birra do patrão!

Continuando! Dentro da loja estava uma malta escassa: um freguês na cadeira e mais dois á espera. Mestre Porfírio apurando-se na sua arte — nunca se impacientava por muito que os clientes regougassem. Tinha as lunetas espessas e baças encavaladas na ponta do náriz. Eu, firme, na observação.

Guardo na lembrança os mais ínfimos pormenores, como se a cena ocorresse há dois dias. Fatigado da incómoda posição, entrei de debater com os botões da minha bata, herdada do proprietário, um problema deveras importante, que pelos vistos me preocupava: «teriam, realmente, as lunetas algum efeito na perfeição do Mestre?»

Julgo não ter chegado a uma conclusão satisfatória, porquanto um dos patifes cortou-me o curso do raciocínio. Lançara fora a beata que se lhe apagara nos beiços e dissera, depois de escarrar no chão com uma liberdade de quem está em casa sua:

«Ó Mestre! Visto que o turno está tardando, que me diz á ideia de o aprendiz me ir ensaboando o traseiro?»

Acordei, a meio das minhas cogitações, ao som da proposição.

Prometera-me o velho que dai a um mês me autorizava a poisar a manápula nas fuças de um freguês. O Mestre suspendera o trabalhinho, lançara para a testa os vidros e, fixando o interlocutor, exclamou:

«E' consigo é com ele! Mas olhe que a sua vez não tarda».

II

AOS doze anos de idade, acabava eu de passar com sucesso a barreira da quarta classe (fui um pouco tardo nos estudos por causa de uma tifoide que me ia eliminando do numero dos vivos), proposto a exame pela bondade da D. Candida, a mestra velhinha da Travessa das Mercês, e preparava-me para franquear a sedutora entrada do Colégio das manas Medeiros, que mantinham no bairro, por capricho, um estabelecimento do ensino secundário, quando um drama passional esfrangalhou a unidade do meu agregado familiar. Dividiram-se os seus membros em duas facções: uma, apoiava a severidade do pai (eu enfileirei a esta banda, ao lado de um compadre de espetados bigodes á Kaiser e de sólidas convicções absolutistas); a outra, defendia a debilidade da mãe (as minhas duas irmãs empunharam esta bandeira).

Estou em crer que este acontecimento, um trágico cataclismo que pulverizou a minha ingenuidade de infante, marcou-me a existência com um ferrete danado. Coisas dolorosas, que a despeito de passadas e longínquas, me arrepiam ainda hoje a sensibilidade. Prefiro esquece-las. De resto, depois de alguma meditação sobre a conveniência de divulgá-las para a perfeita inteligibilidade do que sobreveio, conclui que pouco ou nada adiantava, a não ser escarafunchar numa ferida que apenas deixava de sangrar com o escoar dos anos.

Devo esclarecer que este e um outro episódio marcaram-me com o tal ferrete. Se me repugna revelar o primeiro, não tenho duvidas em comunicar o segundo. O «Marreco» levantou uma atoarda infame sobre a «Ema-do-Bigode», moça da minha simpatia. Entendi que devia castigar o insolente e assim o fiz, certo dia, no Alto da Meia-Laranja, deixando-o a sangrar. Assistira ao despique, o Necas, meu amigo ao mesmo tempo que a minha alma danada.

«Também, só bates em aleijados!» — grunhiu o monstro com um ar desprezível.

A insinuação penetrou-me na carne e aqui permaneceu, viva, para

OS DOIS GIGANTES

(Continuação da 1.ª página)

a estátua de Julio II, tinha apenas uma cama para si e os seus três ajudantes. Ia ele próprio ás pedreiras escolher os blocos de mármore para as suas obras e por lá permanecia meses, levando a vida rude de um operário.

O autor da enigmática «Gioconda» aparentava sempre uma imperturbável calma, enquanto que o tumultuoso pintor da abóbada da Capela Sistina ardia continuamente em agitações vulcanicas. Leonardo, precursor duma nova era, alseara-se de todas as crenças e tradições medievais. Miguel Angelo chegou a sofrer a influência dos sermões iconoclastas de Savonarola e debateu-se até ao fim da vida em angustiosas crises de misticismo.

Também as relações dos dois geniais artistas com os seus protectores acusaram essa diferença temperamental. Leonardo da Vinci só aspirava a uma tranquilidade que lhe permitisse dedicar-se livremente ás suas observações e experiências, estando disposto, para atingi-la, a lisonjear qualquer senhor. Assim, conseguiu viver em boa harmonia com os Sforza e os Borgia, os Medicis e os Bourbons. Acabou os seus dias ao serviço do rei da França, que lhe dera para habitação o Castelo de Cloux, e consta que o cavalheiresco Francisco I lhe beijava a mão e o tratava por «mon maitre». Miguel Angelo, após a morte de Lourenço o Magnífico, viveu em perpétuo conflito com todos os potentados de quem dependeu, sendo bem conhecida a história dos seus embates com o Papa Julio II durante a pintura do tecto da «Sistina».

Teria sido possível a um temperamento especulativo como o de Leonardo compreender, apreciar e até mesmo estimar o seu valoroso rival; mas Miguel Angelo, dogmático e violento como era, não poderia deixar de manifestar a sua antipatia pelo adversário que a «Signoria» de Florença lhe havia imposto e conta-se que chegou mesmo a dirigir-lhe, em publico, certos remoques bem agressivos.

Do duelo artístico travado no Palazzo de Vecchio, desse confronto directo de dois dos maiores génios da Humanidade, infelizmente pouco nos resta. Só conhecemos a «Batalha de Anghiari» pelas cópias que dela se fizeram e da «Batalha de Caxina» restou-nos apenas a reprodução do esboço de Miguel Angelo, mas esse pouco é suficiente para mostrar-nos até que ponto diferiam os dois artistas. Os combatentes de Leonardo da Vinci estão vestidos e toda a expressão de guerreira brutalidade nos é dada através da alteração das fisionomias humanas; os soldados de Miguel Angelo exibem-se nus e todo o movimento do quadro se contém no ritmo dos seus membros.

E' sempre nos rostos humanos que se concentra a magia da arte de Leonardo. As fisionomias por ele pintadas são todas duma sapiente serenidade, mas as estranhas paisagens donde as figuras parecem emergir, á luz fantasmagórica que as banha e o sortilégio dos seus enigmáticos sorrisos, aureolam-nas de sonho e de mistério. Raramente o autor da «Gioconda» pintou o tipo viril, mas sómente mulheres em plena maturação e belos adolescentes andróginos cujos olhares e os sorrisos são experientes e velhos como o Mundo. Nem inocência, nem paixões em tumulto nas fisionomias pintadas por Leonardo; desprende-se unicamente delas um ar de doce ternura, uma ironia melancólica e desencantada de quem desvendou os mais íntimos segredos da vida e conhece a inutilidade das lutas humanas.

A expressão intensamente dramática da arte de Miguel Angelo transmite-se de preferência pelas atitudes dos corpos, pelo movimento alucinatório das figuras, pela exuberancia do gesto a marcar já uma transição para o barroquismo. Não é por sensualidade ou sequer por mero interesse anatomista que o pintor do tecto da Sistina busca incessantemente o nu humano, mas porque vê nele o unico vocabulário plástico capaz de expressar os trágicos conflitos em que o seu espírito angustiado se debate.

Enquanto os ouvidos do artista familiar da voluptuosa corte dos Médicis escutam os belos canticos renascentistas á livre alegria dos sentidos, a sua alma profundamente religiosa abre-se á sugestão das terríveis ameaças gritadas nas ruas de Florença pela áspera voz de Savonarola. Há em toda a carreira artística de Miguel Angelo uma unica obra — o «Baco Romano» — a assinalar um aparente e momentaneo triunfo da alegria pagã da matéria sobre o ascetismo cristão. Mas essa dionisíaca alegria de Baco está longe da medida clássica ou do desprendimento humanista. E' todo um frenesi de embriaguez animal, um orgulhoso e desesperado desafio á moral ascética que o artista sente vigilante no fundo de si mesmo.

A mais completa e patética expressão dessa dramática dualidade em que se debateu a alma ardente téria; o outro capitula num gesto

de Miguel Angelo encontra-se talvez nos seus dois escravos destinados ao tumulo de Julio II. Um deles, animado de heróica rebelião, tenta quebrar as pesadas cadeias que o ligam inexoràvelmente á ma- de voluptuoso desalento e entrega-se vencido á fatalidade dum inevitável cativeiro. E' na graciosa suavidade deste ultimo cativo, no seu rosto apaziguado onde bruxuleia um ténue e melancólico sorriso, que a arte de Miguel Angelo parece aproximar-se um tanto da de Leonardo da Vinci. Mas, reparando melhor, logo se notará como o vigor, embora enlanguescido, deste jovem escravo da matéria está longe da androgeneidade dos efebos do pintor do «S. João Baptista» e, também, como dos lábios, ainda entumecidos pelo prazer, está ausente a irónica duplicidade dos sorrisos de Leonardo.

Miguel Angelo é todo fé, afirmação e o seu espírito metafísico não consegue admitir a conciliação dos contrários numa possível síntese. Leonardo da Vinci, especulativo, dialéctico, procura incessantemente harmonizar os elementos dispersos e contraditórios das suas análises e parece-nos legítimo pretender ver no hermafroditismo das figuras ou no enigmatismo das fisionomias por ele pintadas a manifestação dessa constante tentativa.

Miguel Angelo foi um artista enorme, um desses gigantes como só a Antiga Grécia e o Renascimento conseguiram criar, embora se tenha humanamente debatido no meio de terríveis contradições alienatórias. Leonardo da Vinci foi um génio poliédrico, certamente o mais completo que a Humanidade até hoje produziu, mas é justamente essa excessiva genialidade que o afasta do nosso convívio para o colocar nesse mundo rutilante e inumano dos mitos e dos super-homens. Mas, seja como for, o certo é que eles foram duas prodigiosas individualidades cuja grandeza nos faz sentir o orgulho de sermos homens, dois gigantes, em suma, que os acasos do destino e os caprichos da «Signoria» de Florença colocaram frente a frente num singular duelo artístico onde não houve vencedor nem vencido.

ALFREDO BRAS

Antes ou depois de ver o filme
«O BAILE DOS MALDITOS»
leia
o romance que o inspirou
OS JOVENS LEÕES
a obra prima de Irwing Shaw
editada por LIVROS BRASIL

sempre. Atribuo á malvadez do Necas, a minha posterior relutancia em travar pugnas físicas por razões de ordem moral.

Adiante! O que se passou foi o seguinte: por via «daquilo», abandonei a rapaziada amiga e o carinhoso quadro onde floresceu a minha infancia, preso á ilharga de meu pai. Refugiamo-nos em casa de um parente. Tudo aqui me era estranho: as pessoas e as coisas. Durante semanas infindáveis atirei o olhar melancólico ás fachadas dos prédios, ás ruas densas dramáticamente povoadas de silêncio, ás gentes anónimas, numa desesperada tentativa de penetrá-las e compreendê-las.

Em que direcção, interrogava-me angustiado, ficavam as extensas terras do Desembargador, as Pedreiras de sol escaldante, e o mistério das minas espalhadas pelos campos de trigo que rodeavam o muro caiado do cemitério? E os Pocinhos, onde a matulagem chafurdava os pés sem receio de morte macaca? Que caminhos, continuava eu, trilhavam os meus companheiros de pùrrias e safadezas, de olhitos vivos, cabeleiras encrespadas e perna ao léu, um misto de gente honrada e de ciganada?

Primava, o novo bairro, pelo asseio. E as criaturas que nele viviam manifestavam a toda a hora umas maneiras encantadoras. Tinham o hábito (bastante me intrigou de começo), de se cumprimentarem com uma prudente inclinação da cabeça. Além disso, ao cruzarem-se com as mulheres, os homens punham as calvas ao sol, baixando os chapéus, e as crianças corriam ao encontro dos adultos numa èxibição exótica e grotesca aos olhos do pobre selvagem que eu era: pegavam na mão e beijavam-na. (Como recuavam cada vez mais no tempo e, cada vez mais envolvidos em bruma, os dias da infancia, tão próximos e já tão longínquos, em que a saudação era lançada num berro e as manifestações de estima se traduziam num punhaço dado no toutiço!)

A estreiteza das ruas era um martírio para quem estava habituado aos descampados sem limites. E' que pedra lançada sem reata curta equivalia a um vidro estilhaçado. Claro! Se tinha a mão afeita a outras dimensões!

Meu pai, em virtude das queixas continuadas da vizinhança, passou a castigar-me com exemplar pontualidade. (Quantas vezes, anos volvidos, procurei a justificação de tais punições e nada encontrei a não ser um profundo sulco de amargor e humilhação). Puxava pela correia — era feita de um cabedal duro como a pedra! —, malhava-me o frágil costado, enquanto vociferava:

«Hei-de fazer-te gente!»

Eu não enxergava, valha a verdade!, nem nessa altura nem depois, o alcance do sistema educacional posto em prática por meu pai e menos compreendia a indiferença do parente e da sua mulher que assistiam ás sovas sem o menor protesto. (A despeito da muita conta em que tinha a dignidade de meu pai, por que não confessar o arrependimento de não ter seguido a hoste materna?).

Apercebi-me num ápice do pequeno artifício inventado pelos novos companheiros de diabruras. Consistia no seguinte: desviar para um parceiro as responsabilidades das faltas cometidas. Tão ingénuo era o estratagema e tão proveitosas as vantagens, que senti-as logo, em particular, nos meus costados.

Dificilmente topo com a causa. se é que alguma vez a conheci, que levou meu pai a obrigar-me a abandonar os estudos. Aqui também eu encontro como explicação as silhuetas tenebrosas do parente e da mulher. Inveja, creio eu. E' possível que esteja iludido, e que as razões verdadeiras

FLASH

POR
MANUEL AGRA

Se não fosse o Jorge

E agora prestem atenção que vou falar do Jorge.

Tem seis anos e eu poderia muito bem dizer Jorginho.

Mas não digo.

Digo: Jorge, com uma entoação de profundo respeito.

Eh, parece que estás a exagerar.

Não estou, não senhor.

A mania de que só é legítimo ter respeito pelos adultos, pelos senhores crescidos!

Ora responde: tu não respeitas, uma violeta, um malmequer dos miudinhos, um — vamos lá! — até um miosótis? Ou respeitas somente o senhor Eucalipto, com o seu ar esgrouviado de diplomata inglês, ou a s.ª D. Faia, galinha choca? Não creio.

Um miosótis, isto é, o Jorge.

Vai a gente pelo mato adiante. Solidão e cardos, á compita, a ver qual dos dois fere mais, um a alma e outro o corpo. Os nossos olhos esfarrapam-se nas silvas. Choram. E depois até esse hábito perdem porque o calor é tal que já nem as lágrimas consolam.

De repente, um miosótis, a acenar-nos com o chapelinho azul, afogado na charneca. Os olhos doentes só de o ver ficam sarados; a solidão estilhaça, a voz começa a trepar do fundo do subterraneo para tentar o voo. Diante de um miosótis todas dores se justificam para chegar até ele.

Um miosótis, isto é, o Jorge.

Conheço-o há meia duzia de dias. O pai alugou o andar por cima do meu.

E vieram camas, e baus e secretárias.

E uma arca de canfora, plena de sugestão oriental, com as figurinhas chinesas gravadas na madeira.

E estatuetas de Angola e da Podésia, misteriosas de tanta verdade, tanta poesia.

E um tapete indiano, que estive sempre á espera de ser mágico, aguardando vê-lo subir ás nuvens.

E aquele móvel pesadão, um monstro de pau macacauba.

Diante dele, os homens que levavam a tralha ao segundo andar, hesitaram.

Eram dois homens magros, escanzelados.

A fome refastelava-se neles.

Engordava com eles.

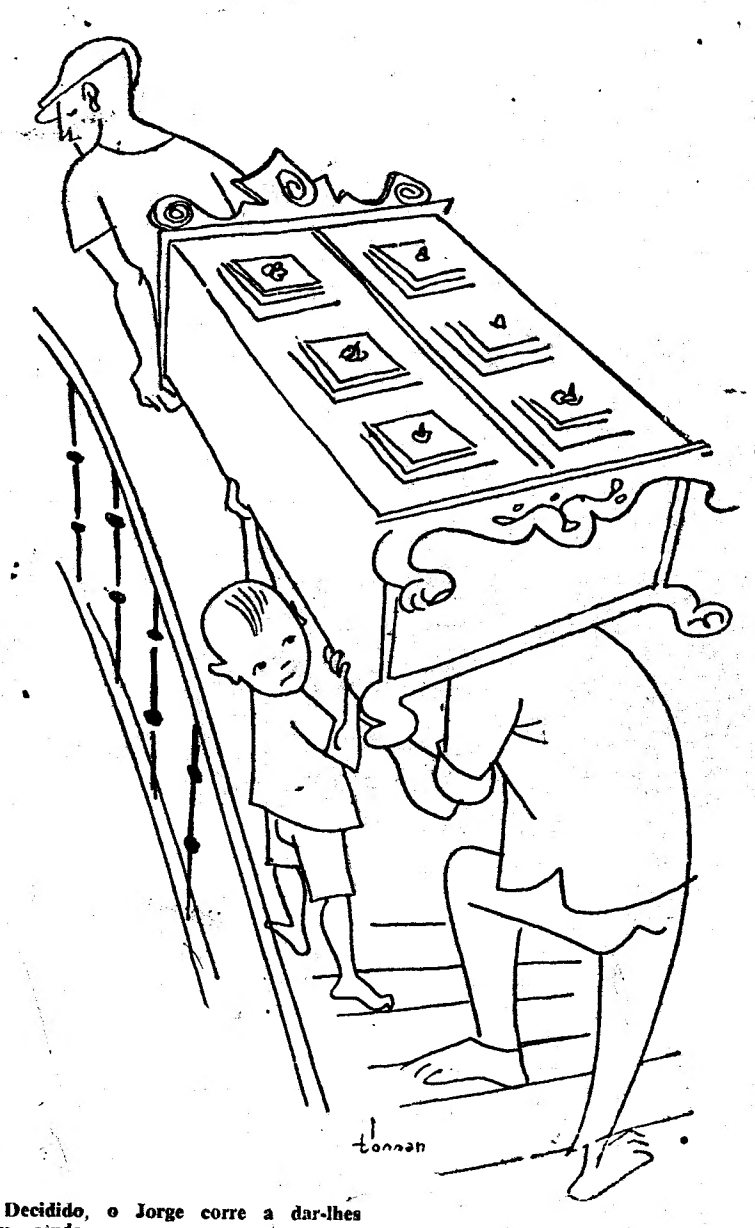
O Jorge, no patamar, ouvia-lhes a farfalheira do cansaço.

Tossiam.

A pele ficava mais lívida, os poros mais negros como um ajuntamento de formigas.

Vai, não tiveram outro remédio. Atracaram-se ao monstro de macacauba.

Upa!



Decidido, o Jorge corre a dar-lhes uma ajuda.

A mãe sacode-o.

E o pai, vos grossa: o menino tira-se daí.

E os dois homens: pois é, o menino pode aleijar-se.

Ninguém o demove. Ninguém pode impedir que ele dê uma ajuda. Que ele suba até ao segundo andar, fazendo força á ilharga do monstro até fazer doer as mãos

Um dos homens, derrotado, mal podendo falar, põe a mão na cabeça do menino: obrigado, foi o que nos valeu.

E foi.

Também a mim.

Tão escuro, o dia!

Medonho, se não fossem os miosótis.

Se não fosse a esperança.

Se não fosse o Jorge.

MANUEL AGRA

PROBLEMAS DOS JOVENS

A camaradagem

por **Hermenegildo da Silva Barata** (16 anos)

São muitas as opiniões sobre esta faceta dos problemas da juventude. Para mim, e no meio em que vivo, acho que o conceito de camaradagem, principalmente entre rapazes e raparigas, está muito deturpado. Será das raparigas?

Será dos rapazes?

Cada um responda por si só.

Consulte cada um a sua consciência sobre os intentos, as maneiras e as conversas que têm, defronte de qualquer de sexo diferente.

Que é da tal amizade sólida, sincera e desinteressada tão apregoada mas que é raro ver-se?

E' tão triste ouvirem-se certos comentários dos rapazes a respeito das raparigas!

Entre raparigas há também muitas amigas falsas.

Amigas, não são aquelas que acham que tudo o que fazemos está bem, que nos empurram para a tentação dizendo: «Anda, logo se estuda». «Podes fazer isso logo ou amanhã», etc., etc. Não, não são essas, mas sim as que nos guiam para o bom caminho, o caminho espinhoso, apontando-nos os defeitos. Quanto ainda ás amizades com rapázes, bem sei que mesmo a família e as amigas as não vêem com bons olhos, mas depois se convencerão, em virtude do nosso comportamento que não é inconveniente, mas sim util. Por que não devemos, portanto, conseguir a camaradagem lutando contra o meio e contra tudo?

AMIGO 607*

VISTOS PELOS JOVENS

O PÊLO

AGOSTINHO DE BRITO MACEDO * 19 anos

UM tipo como ele, sempre risonho e gracioso, teria de passar umas férias grandes, de maneira diferente e mais vivas. Lembrou-se do Serra, que era um autêntico morto. As raparigas vinham até ter com ele e ele só sabia ter cada de parvo, comer amendoins e outras porcarias. Que tipo tão triste. Mas ele não. Teria de passar umas ricas férias.

Finalmente levantou-se, deitou água na bacia e resolveu lavar-se ou antes salpicar-se. Lavou os olhos primeiro e depois a cara em geral, mas muito em geral. Depois quis barbear-se e quando aparava cuidadosamente os pelinhos do seu bigode, reparou que mesmo do meio deste saía um pelão. Um pêlo daqueles no seu bigode! Que disparate de pêlo. Aquele pêlo estava a estragar a obra-prima que ele tinha feito crescer com tanto carinho e que era o seu orgulho. Começou a pensar qual seria a maneira mais segura de cortar o pêlo sem atentar contra a existência dos outros. Talvez com uma tesoura? Pegou na tesoura e reparou que os dedos lhe tremiam. Foi com ela muito cuidadosamente (maldito pêlo, logo havia de crescer mais que os outros) e cortou apenas um bocado do pêlo. Bem, já está melhor! Mas, agora o resto é mais complicado. Tentou cortá-lo várias vezes, mas com medo de estragar o resto do bigode não o conseguiu. Afastou-se um pouco do espelho e fechou um dos olhos, tentando assim ver se faria diferença aquele pêlo saído.

Mas que maçada, ele ali a perder o seu tempo e os outros á sua espera. Os outros e as outras. Principalmente outra. Andava atrás dela. Ela costumava olhá-lo com uns grandes olhos negros. Era engraçada. Um bocadinho gorda. Mas tinha uns olhos. E o pêlo? Afinal não se notava muito. Bem, tinha de ir-se embora mesmo assim.

Foi tomar o pequeno almoço. Nem a mãe nem o pai notaram o pêlo saído. Já estava mais descansado. Talvez ninguém notasse.

Depois saiu e foi ter com os colegas de férias. Cumprimentaram-no alegremente. Ninguém notou. Lá estava a rapariga sentada a olhar para ele. Também não notou. Começaram a falar e a ouvir discos e resolveram ir dançar. A sala estava muito bem enfeitada, continuaram a dançar e ninguém notava o pêlo saído (maldito). Comeram umas sandes, jogaram o ping-pong, foram até ao jardim e á rapariga deu-lhe a mão. Ele estava muito orgulhoso dela, da sua camisola que mudava de cor ao meio, da sua figura distinta e do seu bigode. E o pêlo? Ninguém o notara ainda. Mas ele sabia, ele sentia que ele ainda lá estava.

Chegou a hora do almoço e ele despediu-se da sua rapariga. O almoço era um bife com batatas fritas! Que bom! A mãe sabia cozinhar bem. O pai já estava á mesa.

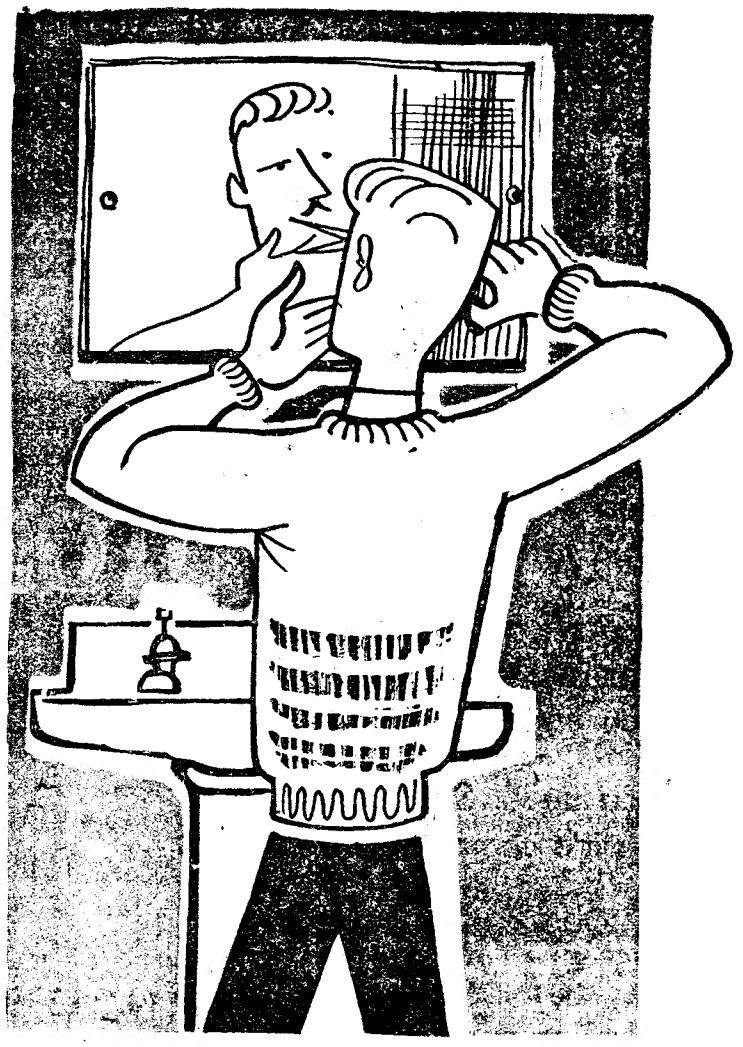
Comeu com apetite e depois dirigiu-se á casa de banho e como de costume foi pentear-se e olhar-se ao espelho. Os cabelos já estavam bons ... agora a gravata ... depois o colarinho ... e o bigode? e o pêlo? Lá estava ele enorme, repelente. Tinha de o cortar. Foi buscar a tesoura, mas por mais que tentasse cortá-lo lá ficava ele, parecendo cada vez mais alto. Havia de o cortar. Novamente com a tesoura atacou-o e por fim o pêlo ficou mais pequeno e o bigode também. Oh! Que desgraça. Tinha um golpe no bigode. Teria de o rapar? Tinha de ser. Pegou na máquina de barbear e rapou-o quase de uma só vez. O que iriam dizer os amigos? Ele sem bigode estava irreconhecível.

Saiu da casa de banho, disse adeus á mãe e saiu para a rua. Encontrou-se com os do seu grupo e todos o cumprimentaram não alegando nada a respeito do bigode. Cada vez que se lembrava daquele horrível pêlo. Tentou esquecer-se do assunto e convidou a rapariga simpática para beber uma laranjada.

Era estranho ninguém notava que ele tinha rapado o bigode, ou antes, que ele tivesse tido bigode.

Ao seu lado a rapariga bebia uma laranjada e ele estava orgulhoso dela, da sua camisola que mudava de cor ao meio, da sua figura distinta... mesmo sem bigode...

AMIGO N.º 1282



Concorram ao Concurso
«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

CHUVA NA CIDADE

Naquele Inverno a chuva caiu durante três dias e três noites sem descanso. Parecia um cavalo com o freio nos dentes. Os campos ficaram alagados e, na cidade, houve inundações. A água descia as grandes ruas alegre e veloz como um menino na sua trotinete. Os carros

pararam, as pessoas não podiam ir para os empregos, grandes armazéns foram invadidos pela cheia, o açucar derreteu-se, o café em grão apodreceu e os tecidos guardados para o Verão boiaram na enxurrada com as suas alegres cores desfingidas.

Por isso, os donos dos armazéns, os empregados do escritório e os vendedores da rua reuniram-se para tratar do assunto, enquanto a chuva arranhava nos vidros como um gato assanhado.

—Tenho 80 anos e nunca vi nada assim. Que será de nós, se a chuva não pára?

—Sim, ficamos arruinados.

—E' preciso tomar uma decisão.

—Qual decisão?

—Devemos mandar representantes ao Velho da Floresta.

Ficou então combinado que três habitantes da cidade iriam falar ao Velho da Floresta. E foram. O velho morava no tronco de uma árvore. Daí, manobrando complicados maquinismos, governava as nuvens que andavam no céu. Quando os homens apareceram estava ele muito entretido a guiar uma nuvem preta mesmo para o meio da cidade.

—Que desejais vós de mim?!

—Perdoai, senhor, mas vimos lembrar que já é tempo de acabar com a chuva!

—Eu, apenas eu, sei quando será tempo de acabar com ela.

—Então não é tempo ainda?

—As nascentes ainda estão muito secas.

—Mas na cidade não há nascentes...

—O milho, o arroz, as couves, as árvores tudo precisa de água, muita água.

—Mas nós não plantamos milho nem couves nas ruas da cidade.

—Que desejais, então?

—Que não chova nunca mais na cidade.

—Nunca mais?

—Nunca mais!

—Sois todos da mesma opinião.

—Sois todos da mesma opinião?

—Sim. Claro. Para que precisamos nós da chuva na cidade?

—Ide em paz. Nunca mais haverá chuva na vossa terra.

Os representantes da cidade agradeceram e despediram-se. Cá fora, brilhava um sol quente num céu azul e limpo. Os donos das lojas estavam contentes, menos os que vendiam chapéus de chuva. Os empregados estavam contentes. Os vendedores da rua estavam contentes. As crianças, essas, estavam tristes. Já não podiam andar á chuva nem brincar nas poças de água. E os dias foram correndo. Os dias não aprenderam nada mais senão a correr... A chuva não voltou. Mas os habitantes da cidade já não estavam contentes. Nem os donos das lojas, nem os empregados, nem os vendedores da rua. Ninguém estava contente. O lixo amontoava-se nas valetas. O calor abrira enormes fendas a meio das ruas. O ar estava irrespirável. Uma nuvem de poeira pairava a dois metros do chão como o tecto de uma casa que fosse descendo pouco a pouco. Todos andavam enervados. E um dia a grande desgraça aconteceu. O lixo acumulado nas valetas servia de ninho ás moscas e aos ratos e a peste assentou arraiais na grande cidade. Crianças e velhos morriam. Na grande cidade agora havia água mas das lágrimas que as mães e os pais choravam...

Até que os representantes da cidade se resolveram a visitar novamente o Velho da Floresta.

—Senhor, desde que a chuva faltou nunca mais houve alegria na cidade!

—As crianças nunca mais brincaram.

—Os velhos nunca mais sorriram.

O Génio da Floresta mostrou-se inflexivel:

—As vossas palavras de nada servem. Prometi que a chuva não voltaria á cidade.

Foi aqui que uma voz desgarrada de mulher se elevoú da multidão:

—O' Velho da Floresta, os meus filhos morreram na peste. Mais crianças morrerão se não trouxeres para a cidade teus rebanhos de nuvens pretas!

Houve o silêncio durante o qual o perdão levedou no peito do Génio:

—Mulher, tuas lágrimas abriram o meu coração. A chuva voltará. Ide em paz.

Quando regressaram, a chuva caía já pesada e grossa. Então todo o povo saiu para a rua, descalço, para sentir melhor a chuva, a chuva vinha do alto, alegre e farta, a inventar canções em cada chapa de zinco, enquanto varria o ar e o chão. O povo descalço, metido á chuva, fazia rodas, bailava e cantava:

Chuva, chuvinha,
chuva amiguinha
varres o ar
e varres o chão
rica vassourinha
de bom coração...

E durante três dias e três noites, molhado até aos ossos, o povo bailou e cantou nas ruas da cidade.

MARIO CASTRIM

Escola

Francisco Arruda

Mário Castrim esteve no ultimo sábado na Escola Técnica Elementar Francisco Arruda a ler duas das suas histórias aos alunos daquele estabelecimento de ensino.

A leitura das produções antecedeu a exibição do filme «Ulisses», no vasto ginásio completamente cheio de uma compacta multidão infatil, plena de entusiasmo. Eram mil e quinhentas crianças, incluindo a «purria...». «A «purria» constituida por crianças pobres que frequentam as escolas primárias (futuros alunos da Francisco Arruda, portanto...) ocupa as primeiras filas do ginásio e é de assinalar a maneira como se integra já no ambiente escolar.

O director daquele estabelecimento de ensino, dr. Calvet de Magalhães, iniciou, há dias, este proveitoso contacto dos jovens com os artistas portugueses e mantém-se inflexivelmente, certo da sua vantagem no plano educativo e social.

A história que publicamos hoje, «Chuva na cidade», foi lida pelo seus autor na sessão do dia 18.

Gente Nossa

Novo «Concurso da Semana» do Juvenil!

É velhinha a capa antiga
mas quanta vez, diz a fama,
debaixo da pedra antiga
arde o fogo com mais chama!

Capas negras e singelas
Ah, não são tristes, não são!
Vêem-se melhor as estrelas
em noites de escuridão.

A cantar aprendo e estudo
a cantar me prendo a ti.
Quem aprende ignora tudo
Se a capa o não prende a si.

Saber que o saber escapa
e só a bondade fica
— eis como tornar mais rica
a pobreza de uma capa.

Capa que o tempo rasgou
dia a dia mais lhe quero
por me lembrar que já andou
por sobre os ombros de Antero.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, á seguinte pergunta:

> Qual a cidade portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 3 de Novembro.

Notícia duma grande obra

Acaba de ser traduzida em português uma grande obra que não podemos deixar em silêncio e que os nossos leitores maiores de 17 anos devem ler. Trata-se do livro de Richard Wright — «Os filhos do Pai Tomás».

Richard Wright tornou-se conhecido em todo o Mundo através do seu extraordinário romance «Filho Nativo» — narrativa dramática da vida dum negro no ambiente opressivo dos meios racistas americanos. «Os filhos do Pai Tomás» continuam essa mesma linha: aqui deparamos com os mesmos negros perseguidos pela incompreensão, a maldade, os preconceitos; assistimos ás suas dores, aos seus anseios e apesar de atingidos pelas injustiças que os rodeiam, nós saímos da leitura deste livro com um mundo espiritual mais rico, mais humano e mais apto a compreender que a generosidade e o amor precisam de todos os nossos esforços.

Felicitamos a Editora Arcádia pela edição deste livro. E' uma obra benfazeja, cheia de arte e emoção. Não é habitual surgirem entre nós destes livros.

Sou Eu

por FILIPE ORTA (13 anos)

Sou eu... sim confesso
Que Belzebu me segredou
Sou eu... e depois!? fiz mal
Se fiz já se passou

Sou eu, digo sem medo
Que te raptei tua flor
Sou eu... infelizmente
Que te roubei o amor.

Sou eu que roubei o ninho
Por mal e não por bem
Sou eu que matei o passarinho

Sou eu... Sim, Senhor
E digo chorando arrependido...

...Que sou eu o Pecador!

AMIGO N.º 1338

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DOS SUPLEMENTOS N.º 76: I — Concurso «GENTE NOSSA»: o pastor é do Alentejo. II — «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Bernard Shaw, o maior dramaturgo inglês do século XX.

Vencedores

1. — Amigo n.º 59 — Dúnia Rosale Entrudo Viegas (Faro).

2. — Amigo n.º 225 — Alexandre Marcelo Alvarenga (Mesão Frio).

3. — Amigo n.º 248—Maria Fernanda de Brito e Silva (Sintra).

4. — Amigo n.º 1.347 — Artur Anselmo de Oliveira Soares (Coimbra).

5. — Amigo n.º 1.356 — José Julio Abrantes Serra (Coimbra).

6. — Amigo n.º 1.362 — Helder Rui Martins Leitão (Porto).

7. — Amigo n.º 1.375 — Maria Adozinda Teixeira Santos (Coimbra).

8. — Amigo n.º 952 — Maria José Oliveira Coelho (Lisboa).

9. — Amigo n.º 1.006 — Maria José da Costa Ramos (Faro).

10. — Amigo n.º 1.142 — Fernando Leira (Lisboa).

11. — Amigo n.º 972 — Luís Guilherme Ribeiro de Carvalho (Monchique).

12. — Amigo n.º 1.150 — Mário Pereira (Lisboa).

13. — Amigo n.º 1.273 — António Valério Ramires (Olhão).

14. — Amigo n.º 1.286 — Carlos Cardoso (Torres Vedras).

15. — Amigo n.º 1.299 — Carlos Manuel da Silva Duarte (Porto).

Prémios

1. — «O LIVRO DAS LENDAS», por Selma Lagerlof (Colecção MINIATURA — Livros do Brasil).

2 a 7: «OS FILHOS DO PAI TOMÁS», por Richard Wright — Colecção «ENCONTRO», da Editora ARCADIA.

8 e 9: «NÃO ESTAMOS SÓS», por James Hilton (Colecção «MINIATURA» — Livros do Brasil, Ld.ª).

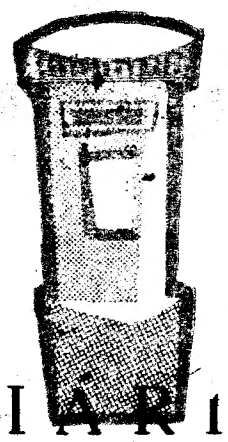
10 a 15: «O MUNDO DOS VAMPIROS», por Richard Matheson— ultimo volume da Colecção «VAMPIRO», Livros do Brasil, Ld.ª.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre Bernardo Shaw

16. — Amigo n.º 1.235 — Amália Cachucho Rodrigues (Lisboa).

16. — «EVOLUÇÃO DA FÍSICA», por Einstein, e «ADEUS, MR. SHIPS», por James Hilton— duas edições de Livros do Brasil, Ld.ª.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se aos sábados!



DIÁRIO DE BORDO

Amigo n.º 1.346 — Maria do Natal Pinheiro Grilo — O teu numero é este e não o que apontaste.

Amigo n.º 1.235 — Amália Cachucho Rodrigues — Finalmente, os livros seguem por toda a semana. Desculpa a demora, involuntária de resto.

Amigo n.º 945 — Maria Helena Nunes (Queluz) — O teu livro irá esta semana.

Amigo n.º 1.192 — Eduarda Dionísio (Lisboa) — Vou mandar-te os numeros que pedes.

Amigo n.º 1.344 — Maria Amélia Vítor (Lisboa) — O teu numero é este.

Amigo n.º 1.334 — António de Matos Mina — O teu numero é este e não o que apontavas.

Amigo n.º 534 — Ana Maria Quintans Ferreira (Granja) — Os livros vão seguir agora que já cá estás. Quanto ao intercambio com o Japão, aproveita a morada da japonesa, publicada no ultimo JUVENIL, e pede-lhe um correspondente. Creio ser a forma mais rápida de resolver o assunto. Quanto ao Concurso, podes fazer o trabalho que indicas — porque não?

Amigo n.º 362 — José Augusto Moura Pimenta (Queluz) — Sim, Amigo, recebemos o trabalho. Aqui vai o teu numero, para que o decores e o indiques sempre que escrevas.

Amigo n.º 795 — Maria da Piedade Sotto-Mayor Matoso (Lisboa) — Não desanimes, amiguinha, a sorte chegará a ti. E' preciso ser perseverante e paciente, para se vencer. A desistência é própria dos cobardes e não de uma menina corajosa como tu. Não achas? A tua irmã ficou inscrita.

Amigo n.º 1.360 — João Pinto de Novais (Lisboa) — Só podemos dar opinião sobre os trabalhos depois de os lermos. Não queres mandá-los?

Amigo n.º 1.369 — Maria José Barroso (Lisboa) — Estás inscrita, desde já, com este numero, que apontarás sempre que escrevas.

Amigo n.º 1.252 — Henrique Fonseca Rodrigues (Lisboa) — O artigo é maior do que deveria ser; contudo, manda-o; pode ser que tenha bastante interesse e possa ser publicado em duas vezes. Só vendo.

Atenção Amigos contemplados com livros das Publicações «Europa-América»! — Os livros vão seguir imediatamente. Porque alguns vão com bastante atraso, agradeço que acusem a sua recepção com a máxima brevidade, a fim de evitar complicações. Desculpem a demora, sim?

Atenção, Amigos que estiveram longe, durante os meses de férias! — E' favor reclamar os livros que não receberam, alguns dos quais vieram devolvidos e outros esperam as moradas. Não deixem passar o tempo, para que nos seja possível o «contrôle» dos prémios.

Saudações amigas do TROTE/

A história dos Hebreus

Até aqui a «Bíblia» tinha apenas sido considerada como livro religioso dos Hebreus — livro onde se tinham depositado as tradições, lendas e referências históricas da odisseia dos filhos de Jeová. O trabalho persistente dos arqueólogos acaba de mostrar que a «Bíblia» é também um grande livro de História cheio de testemunhos verdadeiros, de informações minuciosas sobre os povos com quem os Hebreus estiveram em contacto na sua vida errante.

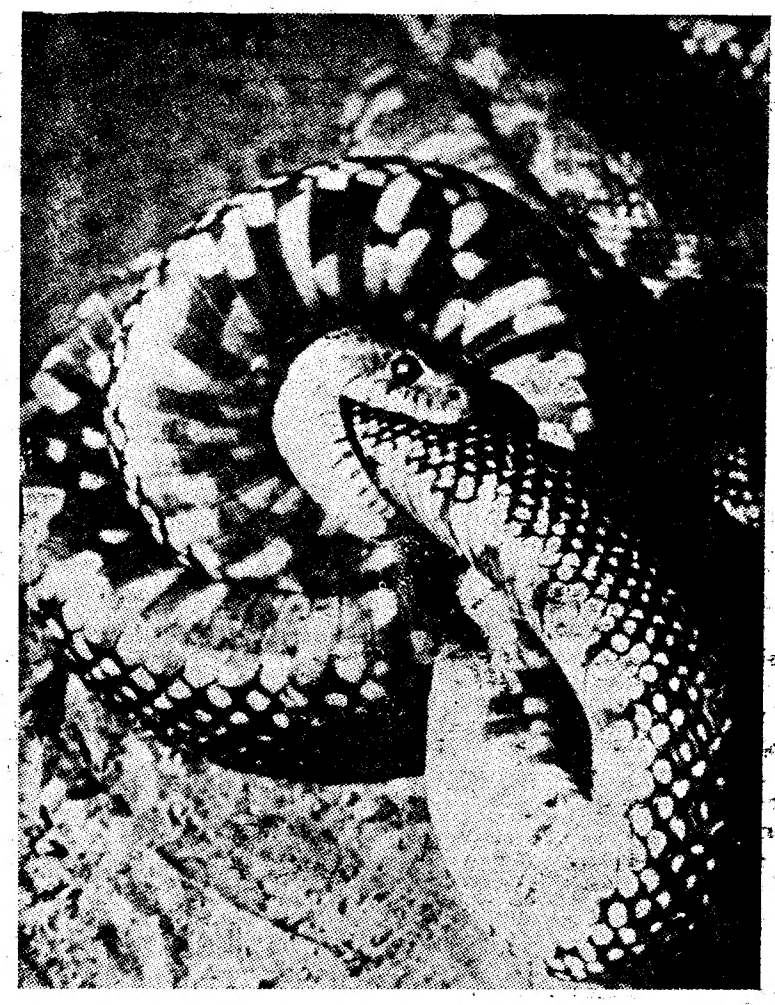
Egípcios, Assírios, Babilónios movem-se cheios de vida nas páginas da «Bíblia».

O livro de Werner Keller «A Bíblia tinha razão» — que Livros do Brasil acabam de editar, é uma apaixonante obra histórica que se lê com o encanto sempre renovado dos romances, que nos conta vidas de povos, estudos dos cientistas, processos de investigar a verdade dos documentos — enfim, um mundo novo que será o encanto de todos os nossos leitores.

Os jovens que frequentam o quinto ano dos liceus, pelo menos, têm toda a vantagem em conhecer esta bela obra.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

COBRAS CANIBAIS



O canibalismo é frequente em numerosas espécies de serpentes, pertencentes, sobretudo ao numero das venenosas. A cobra real das Indias, gigante ofídeo que chega a atingir 4 metros de comprimento, alimenta-se quase exclusivamente, de outras serpentes. Entre estas espécies ofiófagas (come serpentes), a mais famosa é, sem duvida, a Clélia, da América do Sul, que desenvolve encarniçada perseguição a outras espécies, nem sequer temendo as maiores do género, nem as formas venenosas; esmaga-lhes a cabeça, após luta longa e espectacular. Parece mesmo que o veneno das espécies que ataca a deixam indiferente. Se o inimigo é corpulento, a vencedora mata-o antes de o engolir; se porém é pequeno, ingere-o mesmo vivo. O adversário, em geral, luta até o limite das forças, o que equivale a dizer até ao ultimo centímetro de cauda, para se defender da sorte fatal. Conta-se que uma serpente real demorou duas longas horas para engolir uma outra serpente que se debatia ferozmente; mal a ponta da cauda havia desaparecido na boca da serpente, esta teve um estremeção e..: vomitou o objecto da sua refeição, que tanto trabalho lhe tinha custado. A cobra foi expulsa em perfeito estado de saude, o que não admira dada a grande resistência dos ofídeos á asfixia. Só assim é possível engolir presas, cujo comprimento ou diametro, impede necessáriamente o processo das vias respiratórias.

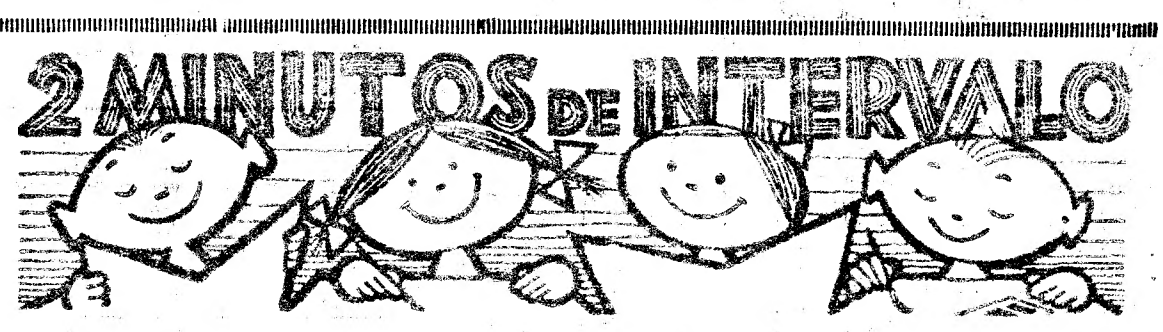
O canibalismo, é por vezes involuntário e acidental: vem do facto de dois individuos segurarem a mesma presa, cada um pela sua extremidade. A progressão das duas cabeças uma para a outra é inexorável. Chega o momento em que o contacto não pode já evitar-se. Como recuar? Os maxilares só funcionam num sentido; os dentes, cravados na presa, não permitem marcha atrás. Claro que um dos antagonistas, o que no momento tem a boca maior, continua imperturbável, a refeição, passando da presa ao «partenaire».

O canibalismo ofídico deu origem á lenda, segundo a qual as mães-serpentes esconderiam os filhos pequenos dentro da boca, para os furtar aos inimigos. E' muito possível que o resto de qualquer cauda pendendo dos maxilares de uma serpente, longe de levar á conclusão bastante recente do canibalismo, desse a ilusão de uma defesa maternal. Hoje sabe-se, com certeza, que se trata de um caso estritamente alimentar.

Por

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

2 MINUTOS DE INTERVALO



Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

Como tu sabes, as máquinas existem para poupar ao homem esforços penosos. Levantar pesos de muitas toneladas é muito melhor que as façam elas do que nós... Acontece, no entanto, que o trabalho de uma máquina poupa o trabalho de muitos homens. Debaixo do ponto de vista do proprietário de uma grande herdade, por exemplo, é para ele muito mais rendoso empregar uma segadora-debulhadora do que uma duzia de homens...

Resultado: vozes que se elevam para condenar as máquinas...

Na tua opinião as máquinas são culpadas?

*

Há crianças que nunca viram o mar. Crianças da Beira Baixa, Beira Alta, Trás-os-Montes e Alentejo...

Ora sabe-se que a saude das crianças se fortalece com uma estadia á beira mar e da privação dela resulta graves consequências para as crianças do interior. Mas as crianças do interior, os meninos filhos de malteses, ganhões e ratinhos, são pobres...

Que solução aconselharias tu para este problema?

*

O Alberto está empregado. Ganha 1.200$00 por mês. Tem a seu cargo mulher, duas crianças de 6 e 9 anos, e a mãe.

Com base no preço dos artigos consumidos na tua própria casa e partindo do princípio de que o vencimento do Alberto é integralmente consumido na alimentação, diz quanto deve aquela família consumir diáriamente em carne, peixe, pão, vinho, ovos, leite, hortaliça, fruta, mercearias e doce, de maneira a não desequilibrar o orçamento.

Passatempo internacional

Segue uma lista de personalidades francesas em vários campos de actividade. Segue ao lado uma outra lista de países. O trabalho dos nossos amigos consiste em relacionar a personalidade com o país da sua naturalidade.

Galvani — França
Chopin — Inglaterra
Nostradamus — Polónia
Alcibíades — Itália
Disrael — Grécia
Ariosto
Esopo
Berlioz.

Frases celebres

Um jornal italiano organizou há tempos um concurso muito curioso e original. Intitulava-se «O concurso do melhor concurso». Tratava-se de uma competição entre os seus leitores destinado a ver qual apresentava o concurso género «Perguntas dirigidas ao leitor» de maior sucesso. Ganhou o «Concurso das frases célebres», cuja primeira fase pedia aos leitores que dissessem quem fora o autor das frases seguintes:

1 — «Um cavalo, um cavalo, o meu reino por um cavalo!».

2 — Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!».

3 — Do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!».

4 — «Pátria ingrata não possuirás meus ossos!».

5 — «E contudo ela move-se...».

6 — «Cheguei, vi e venci!».

Estamos certos de que os leitores do «Juvenil» vão apreciar muito este passatempo. Respondam: quem pronunciou as frases acima transcritas? (Voltaremos a este passatempo. Amigo, colabora nele mandando as frases históricas que conheças).

Pensamentos que fazem pensar

Estão hoje na berlinda os pensamentos enviados pela Amiga Maria Helena Matos da Cunha. Tem a Amiga 1.175, portanto, direito a um prémio, que na devida altura será anunciado.

Para o meu canhenho, transcrevo, em especial, o pensamento de Confucio. Eu próprio já pensei e disse uma coisa semelhante. Não com tanta beleza, claro! E é curioso verificar como um pensamento pode ser original — e contai já com a idade de milhares de anos!

Chamo também a atenção dos leitores desta secção para o pensamento atribuido a Diogenes.

Aqui vão:

«Para falar ao vento bastam palavras, para falar ao coração são necessárias obras.

(Padre António Vieira)

«Triunfar um homem de si mesmo é tocar a extrema filosofia.

(Diógenes)

«Começa verdadeiramente a viver e considera cada dia como uma existência á parte».

(Séneca)

«E' melhor acender uma pequena vela do que maldizer a escuridão».

(Confucio)

Dava-lhe mais que pensar

A irmã do Periquito, a menina Periquitinha, tem sete anos e pela primeira vez foi um brinquedo arremessou-o para terra a uma distancia enorme... agora á escola pela primeira vez. No final de uma «lição de coisas» pergunta á professora:

— Não acham maravilhosa, minhas meninas, a forma como os pintainhos saem do ovo?

E a Periquita filósofa:

— A mim dá-me mais que pensar, minha senhora, a forma como eles entraram lá para dentro!

Hieroglifos comprimidos

5o on doutor ee

Tejo D Mês

Parente UU

BER 5I 1000

Teste de inteligência para os teus irmãs mais novos

Não sei se vocês já viram o mar zangado. Zangado mesmo. Não é coisa que se possa contar fácilmente...

O meu amigo José Luís, que nasceu na ilha da Madeira, conta que o mar, certa ocasião, «agarrou» num batelão que pesava muitas e muitas toneladas, e como se ele fosse um brinquedo arremessou-o para terra a uma distancia enorme...

Ora os barquinhos desta praia, meu caro, são umas coisinhas de nada. Este, aqui ao pé, chama-se «Dragão». Mas é só garganta. Aquele é o «Lutador». Coitado! Tomara que não lhe façam mal a ele...

...Hoje, as mulheres vieram para a praia. Os pescadores há muito deviam estar de volta... Elas cobrem a cabeça com o xaile. Silenciosamente, varam a distancia com os olhos medrosos...

Parece-te que há razão para elas estarem preocupadas?

* * *

Repara nas tuas mãos: são frágeis como as flores. Agora vê a garra do leão. Ih, medonha! Com uma palmada dele atira um boi por cima de uma paliçada de 5 metros. E as unhas? Rasgam as entranhas com uma destas facilidades...

Responde-me agora: se te propusessem substituir as tuas mãos frájeis pelas fortes garras do leão, aceitarias?

Porquê?

* * *

Tu já deves ter reparado nos versos e nas canções que os artistas dedicaram á luzinha da candeia. Acho bem. O homem é grato. E a luzinha foi sua boa companheira na escuridão de tantas e tantas noites!

Achavas bem, no entanto, que voltássemos a alumiar-nos á candeia? Porquê?

Soluções

Frases célebres

1 — Ricardo III, de Inglaterra, na batalha de Bosworth onde foi derrotado e morto.

2 — Resposta de Jesus Cristo aos fariseus.

3 — Napoleão, em 1798, na expedição ao Egipto.

4 — Esta frase mandou Cipião o Africano gravar no seu tumulo.

5 — Pronunciou-a Galileu, em Junho de 1633, ao ser obrigado pela Inquisição a desmentir que a Terra rodasse em volta do Sol.

6 — César, no ano 41, descrevendo ao Senado a sua vitória sobre o rei de Ponto.

Meu Coração

JOSÉ BANDEIRA

Meu coração, descontente
De viver, disse-me um dia:
Procura-me um lar mais quente.
Que a minha alcova está fria

Saí à rua sózinho
Buscar o que me pedia.

Julguei outras moradas,
Outros céus, outra alegria,
Mais livres as alvoradas,
Gente que eu não conhecia...

E alongava o caminho,
E mais o tempo fugia...

Até que um dia, perdido,
Já sem saber ao que vinha,
Subi a um monte esquecido,
Vi minha alcova velhinha.

Meu coração (mal o via)
Estava a um canto transido...

Só ao vê-lo é que atinei:
Era em mim que ele buscava
O calor que lhe faltava...

Então a chorar, voltei.

AMIGO N.º 1241

NOTAS DE LEITURA

Cartas aos jovens sobre a «Alma Encantada»

É um livro que se acabou de ler. Depois da ultima frase fica-se sufocado, as palavras parecem-nos vagas, imprecisas, impotentes, para definir a nossa impressão. E' o que acontece com a leitura de «ALMA ENCANTADA», o gigante romance de Romain Rolland. Um romance de sete volumes, tão cheios de intensidade, tão vividos, que dir-se-ia ser-nos penoso falar dele. Tudo o que se pode fazer dele fica muito aquém da realidade. E demais, Romain Rolland não é um escritor a quem se possa aplicar os vulgares adjectivos. E' um dos maiores escritores do nosso século e uma das mais nobres consciências da Humanidade. O Prémio Nobel que recebeu em 1916 distribuiu-o ele pela Cruz Vermelha, hospitais e órfãos. Talvez pensasse que o valor não estava na sua obra, mas sim naqueles que a tinham inspirado — aqueles que sofrem e que na boca da heroina, Anita, por isso mesmo que sofrem, são irmãos.

Anita reconhece-o no dia em que assiste á chegada dos prisioneiros alemães, rotos, doentes, infelizes, medrosos e os vê apedrejados pela população enraivecida; essa população era a mesma que chorava os seus, prisioneiros dos Alemães — mães e pais de luto carregado pelos filhos que lá ficaram, jovens que tinham perdido os noivos, velhos sem o unico amparo — os mesmos que enchiam colunas e colunas de jornais com os protestos das sevícias alemãs... Os mesmos que clamavam por Paz. Anita, que personifica a mulher que emerge do silêncio em que vinha sendo votada, século após século, sem direitos, sem liberdade, afogada em preconceitos estupidos, Anita pensa: «a Paz não é a ausência da guerra. E' a virtude que nasce do vigor da alma despedaçada».

A própria França está despedaçada; sangra por cada um dos seus filhos. O ódio que a guerra gerou estende-se e frutifica em cada Francês. Mas no coração daquela mulher a guerra gera compreensão; sentimento que mais ninguém partilha em volta dela. Anita é uma alma que vive de si mesma, com raizes no próprio coração tão grande. O desvario dos homens sabe-lhe mal, porque quebra a harmonia que vivia em cada membro, em cada fibra do seu ser. Anita é a harmonia humana, a destoar no turbilhão que assolou a França.

E os jovens — ah! Anita tinha um filho em plena juventude, contagiado pelos sentimentos de patriotismo dos Franceses — não conhecem outras palavras que não sejam o ódio profundo. As suas brincadeiras giram em volta da guerra, das torturas a infligir aos Alemães, das mulheres inimigas violentadas... A guerra alastra, ésta bem pior que a das trincheiras, porque não é o corpo que está ferido, é a alma que apodreceu. A juventude arrasta, penosamente, dentro de si, uma alma desencantada, uma coragem balofa, um assentimento aparentemente perfeito, uma razão toda ela feita de «ideias feitas», os lugares-comuns da massa humana que funciona «como uma pasta de sangue que coagula»... A fé, as tradições, o temperamento diferem de homem para homem; mas agora que a Voz soou, todas as células da alma têm a mesma «fórmula química», a mesma aceitação. E' comovente o pensamento de Anita «como quase todas as famílias francesas — ela refere-se ás do prédio que habita — também construiram tudo sobre eles — aqui pensa no filho —, Apenas entrados na vida, transferem para os filhos, á custa de sacrifícios obscuros e quotidianos, as alegrias que não tiveram e as ambições que renunciaram realizar pelas próprias mãos». E pensa, dolorosa, «e á primeira chamada, dão esses filhos sem recriminação».

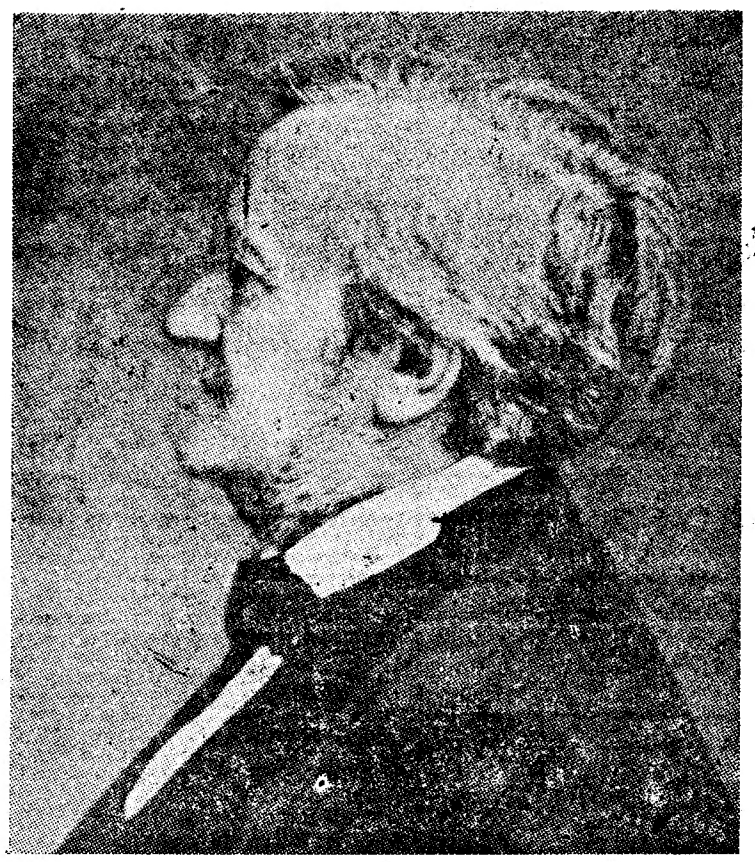
A epopeia que é o romance «ALMA ENCANTADA» não pode ser resumida, sem ficar truncada, lamentàvelmente truncada. Aos jovens maiores de dezoito anos, cabe fazer dele uma unidade, lendo e meditando na lição que nos dá Anita. Está de parabéns a PORTUGÁLIA EDITORA que acaba de publicar o ultimo volume — o sétimo — desta obra, a todos os títulos, notável.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

CONCURSO

GIGANTES DA HUMANIDADE

ESIS um dos grandes inovadores da musica! Nasceu em Leipzig em 1813 e morreu em Veneza em 1883. A partir dos 14 anos iniciou a sua vida de compositor, escrevendo uma Fantasia, *uma* Polaca, *duas* Sonatas *para piano, etc. Em nenhum destes tipos de composição viria a ser célebre.*



Aos 20 anos e mestre cantor de Wurzburgo e um ano depois passa a chefe de orquestra em Magdeburgo. Finalmente, é a partir dos 27 anos e depois de muitas privações que ele começa a encontrar o seu verdadeiro caminho: o de compositor de ópera. Escreve o Rienzi *e o* Navio Fantasma. *A partir de 1848 liga-se aos movimentos revolucionários de tipo socialista. Conhece, por isso, o exílio, na Suíça, onde escreve vários trabalhos teóricos.* A Arte e a Revolução. A Obra de Arte e o Futuro, Opera e Drama.

A conselho de Lizt, que acaba de montar a sua nova ópera, o célebre Lohengrin, *ele começa a compor o* Anel dos Nibelungos, *que só vinte anos mais tarde acabará. Em 1858 termina o* Tristão e Isolda. *O publico, porém, não o compreende. Vive crivado de dívidas. O triunfo não chega com as grandes obras* Siegfried, Crepusculo dos Deuses *e os* Mestres Cantores; *ele só virá com o* Parsifal. *Ei-lo finalmente conhecido e estimado.*

A sua inovação na ópera consiste em ter feito deste género musical uma síntese das artes sob a égide da musica: o tema, o libreto submetem-se á musica.

As respostas devem estar no JUVENIL *até ao dia 3 de Novembro, acompanhadas dos habituais elementos: data de nascimento, morada, nome completo e numero de ficheiro, no caso de já o conhecerem. Juntamente não esqueçam indicar os três artigos do* JUVENIL *desta semana que mais lhes agradaram.*

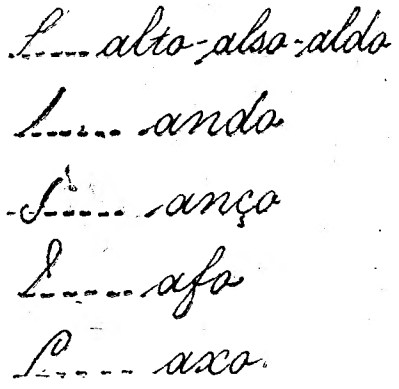
Curso elementar de estenografia

Por Maria do Carmo

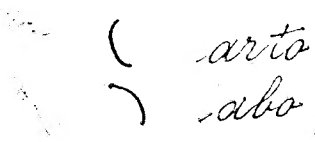
A recapitulação dos sons que estamos vindo a fazer tem sido muito util, especialmente para aqueles que não puderam acompanhar o curso desde o princípio.

Terminá-la-emos hoje com a recapitulação dos *sons gerais.*

Em primeiro lugar, os sons gerais que se escrevem acima da linha imaginária, ascendentes, com traçado da esquerda para a direita:

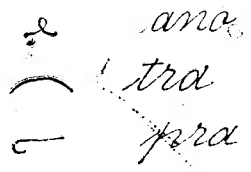


Sons gerais acima da linha imaginária, com traçado da direita para a esquerda:



«Não esquecer que estes dois sons envolvem o som que o antecede no estenograma: pela esquerda, o som *Arto*, pela direita o som *Abo*. Não esquecer também que, dado que as letras *b* e *v* têm a mesma representação estenográfica, este ultimo som é válido também para *Avo*).

Sons acima da linha imaginária:



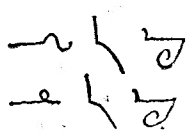
Considerações sobre os sons gerais:

1 — Chamam-se *sons gerais* aos que se aplicam no princípio, meio e fim das palavras.

2 — O seu tamanho é maior do que o das consoantes (o dobro, teóricamente).

3 — As figuras que representam os sons gerais significam o masculino, o feminino, o singular, o plural, formas verbais e formas com semelhança. Assim o estenograma:

pode significar: Caro, cara, coros, caras, queria, queira, quero, cores, corres, curia, curro, e uma infinidade de outras palavras. A leitura do texto estenográfico dá-nos facilmente o sentido do estenograma. Assim, nas frases



Logo se vê que o estenograma, no primeiro caso, significa «*caro*» (meu caro amigo) enquanto no segundo significa — «cara» (ou «caros»).

4 — Sempre que possível, há vantagem em substituir os sons gerais pela escrita literal. (Na palavra «armário», embora o primeiro som esteja incluído no som *Armo*).